



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA - DOUTORADO**

POLLYANNA REZENDE-CAMPOS

**(SOBRE)VIVÊNCIAS JUVENIS:
DIFERENÇAS SEXUAIS EM CONTEXTOS FAMILIARES E
ESCOLARES DO (CIS)TEMA HEGEMÔNICO.**

SALVADOR

2023

POLLYANNA REZENDE-CAMPOS

**(SOBRE)VIVÊNCIAS JUVENIS:
DIFERENÇAS SEXUAIS EM CONTEXTOS FAMILIARES E
ESCOLARES DO (CIS)TEMA HEGEMÔNICO.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador, como avaliação final para obtenção do título de Doutora em Família na Sociedade Contemporânea.

Orientadora: Profa. Dra. Elaine Pedreira Rabinovich.

Coorientadora: Profa. Dra. Maria da Conceição Carvalho Dantas – Marilu Dantas.

Linha de Pesquisa: Contextos Familiares e Subjetividade

Apoio: Secretaria de Educação do Estado da Bahia – SEC/BA

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB.



SALVADOR

2023

Dados de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha Catalográfica. UCSal. Sistema de Bibliotecas

R467 Rezende-Campos, Pollyanna

(Sobre)vivências juvenis: diferenças sexuais em contextos familiares e escolares do (cis)tema hegemônico / Pollyanna Rezende-Campos. – Salvador, 2023.
152 f.

Tese (Doutorado) - Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Doutorado em Família na Sociedade Contemporânea. Linha de Pesquisa: Contextos Familiares e Subjetividade.

Orientadora: Profa. Dra. Elaine Pedreira Rabinovich.

Coorientadora: Profa. Dra. Maria da Conceição Carvalho Dantas.

1. Juventudes 2. Gênero e Sexualidade 3. Mapa Corporal Narrado
4. Famílias 5. Escola I. Santos, Maria das Graças Fonseca dos –
Orientadora II. Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de
Pesquisa e Pós-Graduação III. Dantas, Maria da Conceição Carvalho –
Coorientadora IV. Título.

CDU 316.356.2-053.6

TERMO DE APROVAÇÃO

POLLYANNA REZENDE CAMPOS

**"(SOBRE)VIVÊNCIAS JUVENIS: DIFERENÇAS SEXUAIS EM
CONTEXTOS FAMILIARES E ESCOLARES DO (CIS)TEMA
HEGEMÔNICO"**

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 3 de março de 2023.

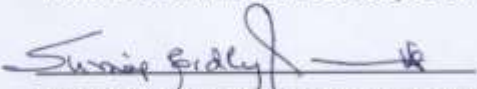
Banca Examinadora:



Prof.ª Doutora Elaine Pedreira Rabinovich (Orientadora – UCSAL)



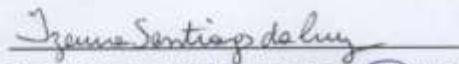
Prof.ª Doutora Maria da Conceição Carvalho Dantas (Coorientadora - UFBA)



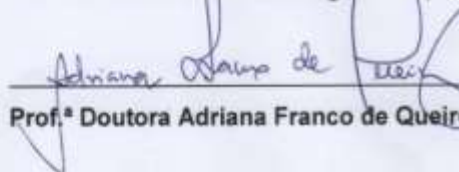
Prof.ª Doutora Sumala Midlej Pimentel Sá (UCSAL)



Prof.ª Doutora Julie Sarah Lourau Alves da Silva (UCSAL)



Prof.ª Doutora Izaura Santiago Cruz (UFBA)



Prof.ª Doutora Adriana Franco de Queiroz (UFBA)

Dedico essa tese às (sobre)vivências juvenis
que (re)existem no (cis)tema hegemônico,
simplesmente por ser quem são.

Em especial a **Aryel, Bolha, Divanda, Música e Sol**,
juventudes que aqui estão representadas por seus codinomes,
para que suas identidades sejam preservadas.

Somente elas sabem/sentem o que enfrentam para
sobreviver num (cis)tema essencialmente tóxico e desumano.

Com muito carinho, minha gratidão e admiração!

Agradecimentos

Ter a oportunidade de agradecer pela realização dessa pesquisa já é, por si só, muito gratificante. Se hoje eu estou agradecendo, é porque consegui concluí-la (óbvio!), e isso me propiciou experimentar um misto de sensações incríveis que vão desde a alegria de ter alcançado um objetivo pessoal até o alívio de ter encerrado mais um ciclo acadêmico.

Enfrentar uma jornada acadêmica como essa é muito mais desafiador do que eu pudesse imaginar. As inúmeras adversidades encontradas pelo caminho me levaram a pensar, algumas vezes, na possibilidade de desistir. Mas, como sempre digo, eu não ando só! Tive o apoio de muitas pessoas que, desde o início, torceram com entusiasmo para que eu conseguisse chegar até esse momento. Essas pessoas – tão especiais, que moram no meu coração – foram essenciais por essa conquista.

Começo agradecendo ao Universo por ter me proporcionado, nesse plano, encontrar uma parceria de vida de tamanha beleza e importância para minha evolução. Caminhar junto a Helson é experiência que me ensina, dia após dia, a ser uma pessoa melhor. Juntos, com muita coragem e amor, aproveitamos os ensinamentos e enfrentamos os desafios de educar nossos filhos Saulo (11) e Lua (8). Agradeço imensamente pela família que construímos. Com você, Helson, sei que nunca estarei só. Você é um super parceiro e foi quem mais ouviu pacientemente todas as minhas angústias, estando sempre comigo e me encorajando a continuar. Foi quem sofreu juntinho a cada tropeço e obstáculo dessa trajetória. Não tenho como agradecer todo seu apoio, companheirismo e colaborações, por disponibilizar estrutura para que eu pudesse desenvolver o trabalho, pela injeção de ânimo em todos os momentos em que eu me sentia perdida e abalada emocionalmente para dar conta das atividades do Doutorado e, em especial, da tese. Muito obrigada por ser parte de minha vida de forma tão especial e amorosa. Sua presença em minha vida me fortalece! Gratidão eterna. Amo você!

Aos frutos desse encontro, meu filho Saulo e minha filha Lua, gratidão por terem me escolhido como mãe e por fortalecerem ainda mais meu processo evolutivo. Vocês são meus maiores incentivadores e verdadeiras razões de tudo que faço nessa vida. Muito Amor envolvido, obrigada!

À minha MÃE, mulher tão inspiradora que é, por ter me ensinado a vida inteira a nunca desistir e ir sempre em busca dos meus objetivos. Você é minha pedra basilar, sem o seu amor incondicional seria tudo mais difícil e complicado. Encontro força e conforto para enfrentar as adversidades por saber que sempre terei seu colo, seu amor, carinho,

compreensão, estímulo e ajuda. Serei sempre grata por me encorajar a enfrentar todas as dificuldades para persistir no que acredito. Muito obrigada pela vida e todo amor!

À minha afilhada Maria Eduarda (Duda), por todo apoio e disponibilidade em contribuir sempre. Desejo que todo meu esforço sirva de exemplo e motivação para você traçar um futuro lindo em sua vida.

Ao meu pai e meus irmãos por fazerem parte, cada um do seu jeitinho, dessa história que venho escrevendo. Gratidão por compartilhar comigo as experiências dessa vida.

À minha sogra Heloísa e a meu sogro Nilsão por sempre estarem disponíveis, fortalecendo minha rede de apoio. Vocês são os melhores sogros que eu podia ter. Gratidão por tudo.

A mais um belo e providencial encontro. Esse aconteceu de forma totalmente inusitada, quando em agosto de 2015 assisti, pela primeira vez, a uma certa aula. Foi um momento de despertar que me deixou completamente encantada! Agora, ainda que seu nome não esteja oficialmente neste trabalho, saiba que você ocupa o lugar de minha eterna “ori”. Hoje, minha querida amiga, Profa. Dra. Vanessa Cavalcanti, externo minha gratidão por ter sido determinante nesse processo, impedindo que eu abandonasse o barco, mesmo quando me senti totalmente à deriva. Feliz em saber que nossos laços se fortalecem mesmo com um oceano entre nós!

À Profa. Dra. Elaine Pedreira Rabinovich pelo acolhimento, carinho e atenção. Gratidão por ter aceito assumir a missão de me orientar já com a pesquisa em desenvolvimento. A maestria na condução dos trabalhos e seu profissionalismo são merecedores de aplausos. Externo aqui toda minha admiração.

À minha coorientadora, Profa. Dra. Marilu Dantas, super parceira, sempre presente e disponível, mesmo em meio às perdas pessoais que enfrentou nos anos iniciais desse percurso. Agradeço pelo carinho e força que me deu nessa jornada, por toda sua receptividade, sugestões e ensinamentos. Gratidão por fazer parte dessa etapa tão importante.

Às estimadas Professoras Doutoradas Julie Sarah Lourau Alves da Silva e Izaura Cruz que tanto contribuíram com todo o rigor e indicações potentes desde o processo de qualificação, sendo sempre muito atenciosas e dedicadas. Dedico a vocês todo meu carinho e estima.

Aos Professores Doutores Antônio Carlos da Silva e Fernanda Belizário que estiveram presentes compondo a banca de qualificação e trouxeram ricas sugestões para o

desenvolvimento da tese. Vocês foram muito importantes para a finalização desse trabalho. Muito obrigada!

Às estimadas Professoras Doutoras Sumaia Midled Pimental Sá e Adriana Franco de Queiroz, pela disponibilidade de integrar a banca avaliadora final, elevando o rigor e qualidade. Gratidão!

À queridíssima amiga Paloma Braga, por sua empatia, dedicação e parceria ao conduzir com maestria as petições judiciais que asseguraram meu direito à licença das atividades laborais para dedicar tempo à realização da pesquisa. Em meio a tantos acontecimentos, a licença possibilitou o desenvolvimento desse trabalho com maior tranquilidade e qualidade. É um super presente ter você como amiga.

À FAPESB – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia pelo incentivo financeiro, o que tornou a jornada muito mais leve.

À turma que iniciou junto comigo essa jornada, manifesto meu carinho e alegria pela concretização do projeto do livro *Relações e Dinâmicas intrafamiliares*, em meio ao período mais complicado da pandemia. Agenor, Aline, Aline Moerbeck, Celiza, César, Elenilda, Fernanda e Tony, sou muito grata por nossas risadas, conversas e aprendizados. A caminhada foi muito mais leve e alegre com vocês ao meu lado.

Às amigas que nasceram no mestrado e que me encorajaram nesse percurso: Leide Fernanda, Aucília Silva e Eliana Braga, obrigada por sempre estarem presentes, me impulsionando a finalizar esse ciclo.

A todas as Professoras e Professores e a toda equipe da Universidade Católica do Salvador, em especial, à equipe do PPG em Família, representadas aqui por Ana Carla e Cris. Obrigada!

Aos meus estimados colegas de trabalho Wanderlene Cardoso, César Carneiro e Jeremias Pinto, que tanto me estimularam a dar continuidade nesse percurso acadêmico. Gratidão eterna! Assim como minha colega e Diretora Maria Madalena Lima e Silva, que possibilitou a realização da pesquisa e sempre me apoiou, colaborando de maneira amigável e compreensiva em todas as situações necessárias. Contem sempre comigo.

Às minhas amigas de trabalho, pessoas fantásticas que me deram, cada uma com seu jeitinho, incentivos, apoios e, muitas vezes, alguns mimos: Elisângela Oliveira – queridíssima Eli –, Nianza Souto, Gilvânia Bittencourt, Rita Moura e Cleonice, cujo apoio e cuidado foram sempre primordiais.

Aos amigos Cláudio Braga, Davi Diogo, Gilvã Conceição, Jair Morais, Itabajara Rodrigues, Girlane Santos, pessoas sempre preocupadas e dispostas a ajudar, assim como a toda equipe do CECA – Colégio Estadual Clériston Andrade, que apoiou e incentivou o crescimento coletivo. Unidos somos mesmo mais fortes! Eterna Gratidão!

E mesmo sendo totalmente clichê: agradeço a todas as pessoas, que direta ou indiretamente contribuíram com minha evolução, cada uma ao seu modo, das mais próximas às mais distantes. A cada dia tenho mais certeza que nada nessa vida é por acaso. Cada encontro tem o seu porquê. Todas as pessoas com que cruzamos nesta jornada da vida trazem ou levam consigo algo essencial e muito especial.

Por fim, agradeço a essa linda juventude que me inspirou e me movimenta nessa constante tarefa de lutar pela igualdade, notadamente às pessoas que com todo carinho e paciência me permitiram adentrar em suas (sobre)vivências ao aceitarem participar deste estudo. Sem a disponibilidade de vocês, este trabalho não seria possível, muito obrigada!

RESUMO

As juventudes enfrentam dificuldades e vivenciam conflitos, principalmente, quando seus corpos e desejos não atendem ou não estão em conformidade com os padrões da dominação heterossexual. Delineando contextos sociais de jovens entre 18 a 24 anos, essa tese tem o objetivo principal de analisar como as juventudes (sobre)vivem com as diferenças sexuais e de gêneros nos CISTema hegemônico, frente às suas construções identitárias e relacionais nos contextos familiares e socioeducacionais. A coleta das informações se desenvolveu a partir de um estudo com métodos múltiplos de caráter qualitativo, onde foi adotado a *netnografia* para a formação de “nuvens de palavras” em grupo, e entrevistas individuais com cinco participantes para a coleta de componentes visuais a partir das narrativas de histórias de vida na composição do método denominado *mapas corporais narrados*, a fim de oferecer resultados ilustrativos que atribuem leveza e facilidade interpretativa. A partir das análises realizadas, identifica-se que é determinante fomentar amplo debates a respeito das diferenças, principalmente no contexto socioeducacional, para assegurar que o processo de ensino-aprendizagem seja permeado pelos princípios fundamentais da igualdade e da alteridade, e assim, esvaziar o caráter discriminador e produtor de conflitos e preconceitos, transformando as diferenças em riquezas sociais.

Palavras-chave: Juventudes; Gênero e Sexualidade; Mapa Corporal Narrado; Famílias; Escola.

ABSTRACT

Youth face difficulties and experience conflicts, especially when their bodies and desires do not meet or conform to the standards of heterosexual domination. Outlining social contexts of young people between 18 and 24 years old, this thesis has the main objective of analyzing how youths (about)live with sexual and gender differences in hegemonic CISTema, in the face of their identity and relational constructions in family and socio-educational contexts. The collection of information was developed from a study with multiple qualitative methods, where the *netnography* was adopted for the formation of "word clouds" in groups, and individual interviews with five participants for the collection of visual components from the narratives of life stories in the composition of the method called *Body-Map Storytelling*, in order to offer illustrative results that attribute lightness and interpretive ease. From the analyses performed, it is identified that it is crucial to foster broad debates about differences, especially in the socio-educational context, to ensure that the teaching-learning process is permeated by the fundamental principles of equality and otherness, and thus to empty the discriminating and producing character of conflicts and prejudices, transforming differences into social wealth.

Keywords: Youths; Gender and Sexuality; Body-Map Storytelling; Families; School.

RESUMEN

Los jóvenes enfrentan dificultades y experimentan conflictos, especialmente cuando sus cuerpos y deseos no cumplen o no se ajustan a los estándares de dominación heterosexual. Esbozando contextos sociales de jóvenes entre 18 y 24 años, esta tesis tiene como objetivo principal analizar cómo los jóvenes (sobre)viven con diferencias sexuales y de género en el sistema hegemónico, frente a su identidad y construcciones relacionales en contextos familiares y socioeducativos. La recolección de información se desarrolló a partir de un estudio con múltiples métodos cualitativos, donde se adoptó la etnografía para la formación de "nubes de palabras" en grupos, y entrevistas individuales con cinco participantes para la recolección de componentes visuales de las narrativas de historias de vida en la composición del método llamado mapas corporales narrados, con el fin de ofrecer resultados ilustrativos que atribuyan ligereza y facilidad interpretativa. A partir de los análisis realizados, se identifica que es crucial fomentar amplios debates sobre las diferencias, especialmente en el contexto socioeducativo, para asegurar que el proceso de enseñanza-aprendizaje esté permeado por los principios fundamentales de igualdad y alteridad, y así vaciar el carácter discriminador y productor de conflictos y prejuicios, transformando las diferencias en riqueza social.

Palabras llave: Jóvenes; Género y Sexualidad; Mapa corporal narrado; Familias; Escuela.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.
CEP/UCSAL	Comitê de Ética na Pesquisa da Universidade Católica do Salvador.
CECA	Colégio Estadual Clériston Andrade
CIHR	Instituto Canadense de Pesquisa em Saúde
CONEP	Comitê Nacional de Ética na Pesquisa.
COVID-19	Coronavírus <i>Disease</i> 2019
CNS	Conselho Nacional de Saúde.
FAPESB	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia
GGB	Grupo Gay da Bahia.
HV	Histórias de vida.
IST	Infecções Sexualmente Transmissíveis.
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação.
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Transgêneros
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Travestis, Transgêneros, <i>Queer</i> , Intersexos, Assexuados e mais possibilidades.
NEDH/UCSAL	Núcleo de Estudos sobre Educação e Direitos Humanos / Universidade Católica do Salvador.
NUCUS/UFBA	Núcleo de Pesquisa e Extensão em Gênero e Sexualidade / Universidade Federal da Bahia.
NP	Nuvem de Palavras.
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Nuvem de Palavras – Descobertas Identitárias.....	32
FIGURA 2 – Nuvem de Palavras – Relações Familiares.....	33
FIGURA 3 – Nuvem de Palavras – Experiências Educacionais.....	34
FIGURA 4 – Exemplo de Mapa Corporal Narrado	41
FIGURA 6 – As três fases da análise de conteúdo.....	44
FIGURA 7 – Mapa 1: Música.....	118
FIGURA 8 – Mapa 2: Bolha.....	119
FIGURA 9 – Mapa 3: Aryel.....	120
FIGURA 10 – Mapa 4: Divanda.....	121
FIGURA 11 – Mapa 5: Sol.....	122

LISTA DE QUADROS E TABELAS

QUADRO 1 – Quadro Teórico- Metodológico.....	26
QUADRO 2 – Planos de encontro para construção do Mapa Corporal.....	42
QUADRO 3 – Pilares da Educação.....	49
TABELA 1 – Participantes e Autodeclarações.....	29

NOTA EXPLICATIVA SOBRE ESTILO DA ESCRITA

A linguagem é a expressão de um sistema simbólico cultural que nem sempre garante e valida a inclusão e representação de todas as pessoas. Compreendendo esse aspecto e em respeito às *diferenças* nesse projeto representadas, o estilo da escrita foi inspirado em Jimena Furlani (2011), valorizando o “modo feminista de escrever” e as dinâmicas dos estudos *Queer*.

Atualmente é comum, inclusive em escritas acadêmicas, encontrar os símbolos @, x, ou ainda a vogal “e” em substituição das vogais “a” e “o” como forma de expressar as diversas possibilidades de configurações de gênero e garantir uma escrita inclusiva. Entretanto, esses formatos contemplam uma linguagem escrita e visual, mas não garantem a pluralidade da linguagem verbal, favorecendo, inclusive, um alto risco da utilização de um masculino genérico na tradução oral.

A regra gramatical de linguagem hegemônica generaliza no masculino (independentemente da proporção numérica presente), de modo que essa normatização favorece a manutenção de uma “superioridade binária” do masculino sobre o feminino, que além de invisibilizar a mulher, também anula as identidades que aqui pretendo destacar.

Sendo assim, em substituição a esse estilo que considero excludente, adotarei as seguintes estratégias:

1. Escrever em primeira pessoa, assumindo, portanto, uma postura contrária à suposta “neutralidade da ciência moderna”. É que a linguagem não é neutra, pois ela possui uma carga política e ideológica que produz e/ou reproduz fortes desigualdades sexuais e de gênero.
2. Valorizar as experiências das pessoas participantes da pesquisa, pois elas são o centro do conhecimento aqui produzido.
3. Priorizar o uso do gênero feminino na flexão dos substantivos, fazendo oposição a qualquer linguagem sexista que tenha a forma masculina como regra geral. Isso contribuirá, ainda, com a fluidez do texto, pois evita que a leitura se torne cansativa.
4. Adotar o primeiro nome, sem abreviação, ao referenciar as autorias, medida que valoriza diversas autoras que têm, não raro, suas obras equivocadamente associadas a autores do sexo masculino.

*A escola é lugar? Minha casa é um lar?
Encontro em minha família apoio e compreensão?
Terei amigos como todas as pessoas ou só encontrarei rejeição?*

*Onde vou achar essa tal igualdade?
Se o mundo não sabe o que é diversidade?
Preciso fingir quem sou e esconder meus extintos para ser aceito?
Por que massacrar tanto as pessoas com esse tal de preconceito?*

*Não! Não é brincadeira!
Não é mimimi. É papo sério e sem zoeira.
O preconceito só existe porque padrões foram criados
Determinando que somos diferenciados.*

*Somos humanos e não temos nada de errado.
Não podemos mais morrer de tanto ser esmurrado.
Aqui é o país que mais mata LGBTs
Da forma mais sangrenta, cruel e perversa.
Precisamos mudar esse cenário,
Por isso presta atenção nessa conversa.*

*A educação pode ser uma saída,
Pra que mais vidas não sejam subtraídas.
E a sociedade passará um dia a compreender
Que o respeito sempre deve prevalecer.*

*O debate precisa acontecer.
E nas escolas, os conceitos se aprender
Pra acabar com as opressões, violências e todas as vulnerabilidades
Que tanto marcam e circundam as questões de gênero e sexualidades.*
(POLLYANNA REZENDE-CAMPOS, 2020)¹

¹ Poema declamado por Fernando Meng, ex-aluno da autora, como parte da apresentação da mesa **Educando para as diversidades: notas e experiências de pesquisa e de vida**, parte da programação do Congresso Virtual UBFA em 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=fyAloTmq_IE. Acesso em: 6 jan. 2023.

SUMÁRIO

MEU NOVO TEMPO: DESAFIOS, ANDANÇAS ACADÊMICAS E APRENDIZADOS	9
1. PONTO DE PARTIDA: PERCURSOS INTRODUTÓRIOS E CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	16
1.1. Escolhas norteadoras do percurso	20
1.2. Caminhos teórico-metodológicos e abordagens possíveis	23
1.3. Primeiras aproximações e possibilidades para mapeamento de dados.....	28
2. CAMINHOS TEÓRICOS E SUPORTES POSSÍVEIS PARA SABER-CONHECER-FAZER- SER42	
2.1. Teorias de enfrentamento do (cis)tema hegemônico.	44
2.2 Para além da sigla LGBTQIA+: diferenças entre sexo, gênero, orientações e identidades sexuais.....	48
2.3. O revelar e o revelar-se na formação de si.....	57
3. (SOBRE)VIVÊNCIAS JUVENIS E AS DIFERENÇAS QUE PULAM DO ARMÁRIO.....	63
3.1.(Sobre)vivências em suas diferenças	67
3.2. (Sobre)viver em casa e no contexto familiar	70
3.3.(Sobre)vivências e (Re)existências no contexto escolar.....	73
4. A REALIDADE NUA E CRUA: NARRATIVAS E HISTÓRIAS DE VIDA.....	78
4.1. (Auto)pronunciamento dos corpos: “parece que minha vida começou depois que me assumi”	80
4.2. Tradicionais famílias brasileiras: “meu maior desafio é ser aceito pela família”	85
4.3. O (cis)tema escolar: “eu sofria muito na escola com as brincadeiras sem graça”	92
5. MAPEANDO AS (DE)MARCAÇÕES DOS CORPOS.....	97
5.1. Nomes, linhas e posicionamentos dos corpos.....	100
5.2. Simbologias, marcas e mensagens mapeadas	105

5.3. Testemunhos e mapas corporais.....	117
6. PONTO DE CHEGADA: CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS, PRÓXIMOS PASSOS E PALAVRAS FINAIS.....	125
REFERÊNCIAS	130
APÊNDICE 1	138
APÊNDICE 2	141

MEU NOVO TEMPO: DESAFIOS, ANDANÇAS ACADÊMICAS E APRENDIZADOS

Um novo Tempo

*No novo tempo, apesar dos castigos
Estamos crescidos, estamos atentos, estamos mais vivos
Pra nos socorrer, pra nos socorrer, pra nos socorrer
No novo tempo, apesar dos perigos
Da força mais bruta, da noite que assusta, estamos na luta
Pra sobreviver, pra sobreviver, pra sobreviver
Pra que nossa esperança seja mais que a vingança
Seja sempre um caminho que se deixa de herança
No novo tempo, apesar dos castigos
De toda fadiga, de toda injustiça, estamos na briga
Pra nos socorrer, pra nos socorrer, pra nos socorrer
No novo tempo, apesar dos perigos
De todos os pecados, de todos enganos, estamos marcados
Pra sobreviver, pra sobreviver, pra sobreviver
No novo tempo, apesar dos castigos
Estamos em cena, estamos nas ruas, quebrando as algemas
Pra nos socorrer, pra nos socorrer, pra nos socorrer
No novo tempo, apesar dos perigos
A gente se encontra cantando na praça,
Fazendo pirraça pra sobreviver
pra sobreviver, pra sobreviver
Pra que nossa esperança
Seja mais que a vingança
Seja sempre um caminho
Que se deixa de herança
(VITOR MARTINS / IVAN LINS, 1980)²*

² Trecho da música *Um novo tempo* composta por Vitor Martins, interpretada por Ivan Lins, lançada em 1980.

No meu novo tempo, apesar das feridas, de estar mais crescida, me sentindo mais viva, não estava atenta. Apesar de descontente por estar com o plano de carreira do magistério estagnado, a formação acadêmica nunca foi algo sonhado. Filha de uma família onde quase ninguém alcançou o nível superior, concluir um *stricto sensu* já era, para mim, um nível avançado.

Mas, com muita coragem e uma força bruta, numa verdadeira corrida, escolhi ir à luta. Era tarde de uma quarta-feira, do mês de julho de 2015, no intervalo da escola, uma colega me procurou para questionar: por que não faz um mestrado?

Depois de muita conversa, ela me convenceu! Mostrou que a melhor saída para meu próprio crescimento era buscar mais conhecimento. A partir daquela conversa, tudo aconteceu. Para minha sorte, estavam abertas as inscrições de alunos especiais. Corri pra me inscrever, escolhi a disciplina sem muitos referenciais.

Nunca estive nos meus planos, nem nos meus sonhos mais insanos. Voltar a academia depois de tantos anos?

Meu novo tempo chega após dez anos de formada. Já tinha quase o mesmo tempo como professora concursada, mas eu estava mesmo, era acomodada. Mesmo com uma bebê de oito meses em casa, eu estava bem animada. Resolvi mudar de cena, quebrar as algemas e não me enxergar tão pequena.

Enquanto me via apenas como professora, cabia-me também um futuro título de doutora. Nunca antes imaginei me tornar pesquisadora, com direito a publicar artigos em jornais, revistas e livros em editora.

Ao longo de dezoito anos de vivências pedagógicas e, talvez, por lecionar ciências biológicas, sempre era cogitada nos intervalos da escola a participar das rodas dialógicas, onde fluíam livremente as discussões, com direito a muitas confissões, descobertas vividas pelas juventudes e tantas outras questões.

Sexualidades, gêneros e identidades são comuns inquietudes no universo dessas juventudes. Muitos preconceitos, questionamentos, medos, angústias, mas também atitudes. Um novo tempo, apesar dos castigos, dos corpos marcados, invisibilizados, eu escolhi acolher.

E, apesar de toda injustiça, trazer esperança de um novo tempo. Esperanças para nos socorrer das (sobre)vivências, rompendo silêncio das desigualdades e a triste banalização das violências. Lançar-me nessa investigação foi um instigante desafio

acadêmico e pessoal, pois me desalojei da minha da área de formação para adentrar em matérias desconhecidas e fora das minhas experiências já vividas.

E por que escolhi esse tema de investigação? Nem eu sei ao certo. Provavelmente, pelos lugares que passei, pessoas que convivi, por tudo o que já vi. Tamanhas violações e preconceitos que impedem que o mundo seja liberto.

Foi como educadora que os discursos sobre diversidade, tolerância, respeito e convivência com o diferente, em mim se reforçaram. Ao conhecer as histórias das juventudes dissidentes, o desejo e a ânsia de aprender, ouvir e acolher nunca me aquietaram.

Eu, mulher cis, branca e heterossexual, mesmo compreendendo que é preciso, urgente e necessário debater criticamente o tema, me senti, por muitas vezes, sem lugar de fala. Porém, persisto e entro na luta para ecoar vozes e direitos que o CISTema³ tanto avassala.

E, quando me questiono: o quanto da diferença e diversidade, aceitação, tolerância e respeito esse perverso CISTema vai reconhecer? Quando vamos nos livrar das amarras machistas e patriarcais, que impedem tantos corpos, de simplesmente ser? Excluindo, eliminando e matando por não conseguirem pertencer?

Seja na família, na escola ou na comunidade, muitas vezes precisam se esconder, se vestir de um personagem, para fugir da violência e conseguir (sobre)viver. Ao revelar e revelar-se, a saída do armário, geralmente não tão tranquila, se torna ato político e um verdadeiro renascer.

De fato, um novo tempo começou. O ingresso no mestrado com o estudo que culminou na dissertação: **Juventudes em Trânsito: conflitos e subversões do (cis)tema heteronormativo no contexto familiar e escolar em Salvador**⁴, defendida em outubro de 2018, sob orientação da Profa. Dra. Vanessa Cavalcanti e Coorientação da Profa. Dra. Isabel Dias, me fez perceber o quão fui feliz na escolha que fiz, por ter contribuído para que tantas outras pessoas, passassem a enxergar o mundo de fora da bolha.

³ A cisgeneridade diz respeito às pessoas que admitem a designação que lhes foi dada no registro de nascimento em relação ao seu gênero. Portanto, estão de acordo com a classificação de gênero/sexo delegada a elas a partir do aporte de seus corpos biológicos. Assim sendo, o termo cistema é a junção que evidencia que o sistema é cisonormativo, ou seja, que a leitura e visão que o sistema admite como pessoa está intrinsecamente atrelada a maneira como esse mesmo sistema aloca tais pessoas a partir de seus nascimentos, de acordo com o registro médico-legal e uma classificação exclusivamente biológica. (Cinthia FALCHIN, 2018, p. 21)

⁴ Dissertação completa encontra-se disponível na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) - <http://ri.ucs.br:8080/jspui/handle/prefix/654>

Muito mais que escritos produzidos, ficaram o imenso aprendizado e muitos frutos colhidos, dentre os quais, publicações, participações em eventos (inclusive internacionais) e o mais importante: os relatos que aqui foram ouvidos e acolhidos. Eles me deram ânimo para continuar e seguir com os planos, em busca de mais conhecimentos, que contribuíssem para o projeto de uma educação para e pelos Direitos Humanos.

Então, logo no ano seguinte, deu início ao processo de doutoramento com garra e energia. E, oportunamente, fui também selecionada para a Especialização em Gênero e Sexualidade na Educação, então, concomitantemente, iniciei esse percurso que se findou com o trabalho de conclusão de curso defendido em julho de 2020, em parceria com a colega Denívia Santos Gonçalves de título: **Pega visão! Nem tudo é brincadeira: percepção do bullying no contexto escolar baseado no racismo e LGBTFobia**, sob a orientação da Profa. Dra. Marilu Dantas, minha também coorientadora aqui na trajetória do doutoramento.

Foi corrido e desafiador, mas com muito aprendizado. E para complementar os debates e leituras, destaco a importância de ter me integrado no Núcleo de Pesquisas em Educação e Direitos Humanos - NEDH/UCSAL⁵ e no Núcleo de Pesquisa e Extensão em Culturas, Gêneros e Sexualidades NUCUS/UFBA⁶. Meu desejo é sempre poder aproveitar qualquer oportunidade, talvez para recuperar, de alguma forma, os dez anos sem atividade.

Tal jornada, por vezes conturbada, me fez aumentar as esperanças em vislumbrar, defender e lutar por uma prática pedagógica pautada na diferença, de forma mais justa e igualitária, que possibilite questionamentos dos padrões binários e cisheteronormativos, além, claro, de abrir espaços para as questões de gêneros e sexualidades, tanto nas famílias, quanto nas escolas.

E a luta para que o novo tempo seja mais que a esperança, e junto com conhecimento e educação, haja sempre o caminho para a mudança. Para nos socorrer, para sobreviver e para romper as epistemologias hegemônicas que impedem pessoas de ser, aprender, fazer e (con)viver.

No primeiro ano de doutoramento me dediquei a cumprir os créditos necessários das disciplinas obrigatórias. Como venho do mesmo programa e permaneci na mesma linha de pesquisa, consegui o aproveitamento das disciplinas optativas de forma satisfatória.

⁵ Dados relativos ao núcleo estão disponíveis em Núcleo de Estudos sobre Educação e Direitos Humanos (NEDH/UCSAL) - dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/33575768353_51151

⁶ Dados relativos ao núcleo estão disponíveis em Núcleo de Pesquisa e Extensão em Culturas, Gêneros e Sexualidades (NUCUS/UFBA) - dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1314162106635016

De acordo com a grade curricular para o curso de Doutorado na Universidade Católica do Salvador, é necessário concluir o mínimo de 46 créditos, com rendimento acadêmico satisfatório para a obtenção do título de doutora, distribuídos da seguinte forma: 32 créditos teóricos (20 em disciplinas obrigatórias, quatro em sessões científicas e oito em disciplinas optativas) e 14 créditos para a construção da tese, abrangendo exame de qualificação, relatórios parciais e defesa pública.

Além dessa creditação, muitas horas foram dispendias em ensino, extensão, participação em eventos acadêmicos e na investigação propriamente dita. Tudo isso, em meio ao contexto da pandemia COVID-19⁷, que ocasionou mudanças significativas no desenvolvimento da investigação empírica e no acompanhamento das atividades, já que praticamente todos os seguimentos da sociedade foram forçados a adotar as Plataformas Digitais como o mecanismo preferencial de atendimento ao público, comunicação, meios de encontro e, até, de controle gerencial.

O segundo ano do doutorado me fez lembrar uma frase dita por uma das professoras: “em quatro anos de doutorado muitas coisas acontecem” e não tínhamos a mínima noção do que poderia acontecer!”

Entre muitas salas virtuais e horas a fio nas telas, o terceiro ano foi determinante para as alterações e ajustes na abordagem metodológica. com a adoção e utilização de recursos digitais adequados. Esse aspecto será mais bem explorado em tópico específico, no campo das escolhas metodológicas.

Para fechar o último ano (decisivo), com trabalho de campo já acontecendo presencialmente, mais um novo tempo, com novos castigos: finalizada a licença, voltei a trabalhar 40h e, ainda, fui surpreendida pelo desligamento de minha então orientadora da Universidade. Apesar de toda fadiga, de toda injustiça, de tantas vezes que pensei em desistir, me apoiei na ideia de que a nossa esperança seja sempre um caminho que se deixa de herança. E sobrevivi na persistência!

Sobrevivi ao novo tempo, apesar dos perigos, de muita força bruta, de noites e noites adentro, permaneci e permanecerei na luta. Então, é chegado o momento de estruturar o resultado da pesquisa.

⁷ A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, em 30 de janeiro de 2020, que o surto da doença causada pelo novo coronavírus (COVID-19) constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional – o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia e já se vão uma no inteiro de distanciamento e isolamento social.

A partir do princípio de descritores gerais sobre os contextos mais genéricos e panorâmicos até adentrar na investigação empírica, com coletas, análises e resultados específicos, essa tese se divide em seis capítulos.

No primeiro capítulo, PUNTO DE PARTIDA: PERCURSOS INTRODUTÓRIOS E CAMINHOS METODOLÓGICOS, eu faço uma apresentação dos percursos iniciais da pesquisa trazendo a justificativa e relevância do trabalho, as questões que nortearam a construção dos objetivos desse estudo, assim como as abordagens possíveis nas quais estão descritos o panorama e o contexto da investigação e sobre as pessoas participantes do estudo.

No segundo capítulo, CAMINHOS TEÓRICOS E SUPORTES POSSÍVEIS PARA SABER-CONHECER-FAZER-SER, eu busco apresentar os pressupostos da Pedagogia Crítica, os fundamentos da Teoria Queer, como uma teoria que propõe discutir o que se entende por gênero e sexualidade, bem como busco explorar todos os termos conceituais que envolvem e permeiam a construção identitária das juventudes, por meio das mais variadas expressões das diferenças de gêneros e sexualidades que vivenciam.

Já no terceiro capítulo, (SOBRE)VIVÊNCIAS JUVENIS E AS DIFERENÇAS QUE PULAM DO ARMÁRIO, pretendo demonstrar que a dinâmica de todos esses aprendizados podem ser/são descritos em prol de um ensino da (sobre)vivência, em consonância com a receptividade às diferenças, para e pelos direitos humanos, (re)definidos, e (re/des)construídos por meio, sobretudo, da (re)formulação de significados, posturas e atitudes relacionadas às normas hegemônicas, racistas, heterossexistas, em grande parte naturalizadas/aceitas/impostas no meio social.

No quarto capítulo, intitulado de A REALIDADE NUA E CRUA – NARRATIVAS E HISTÓRIAS DE VIDA, estão representadas as narrativas de cada história de vida presente no estudo. A ideia é promover um diálogo com os enfrentamentos dos (auto)pronunciamentos dos corpos dentro dos contextos familiares e escolares desse nosso (cis)tema hegemônico.

No quinto capítulo, MAPEANDO AS (DE)MARCAÇÕES DOS CORPOS, busco elencar e cartografar as principais atitudes e reflexões absorvidas por jovens no percurso de suas histórias de vida, valendo-se das suas narrativas e da construção dos mapas corporais que foram elaborados a partir da análise das linhas, marcas, posicionamentos dos corpos, simbologias e mensagens que foram lidas durante o processo de elaboração.

Por fim, no sexto capítulo, CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS E PALAVRAS FINAIS, me debruço sobre a maneira como a mudança se desenvolveu ao longo de todo o

processo da investigação, tomando por base a variedade de instrumentos utilizados. Além disso, retorno às perguntas de pesquisa, um dos elementos essenciais de qualquer projeto, a fim de certificar se o estudo desenvolvido corresponde às suas diretrizes.

1. PONTO DE PARTIDA: PERCURSOS INTRODUTÓRIOS E CAMINHOS METODOLÓGICOS

*O que me impede de sorrir é tudo que eu já perdi
Eu fechei os olhos e pedi para quando abrir
a dor não estar aqui, mas...
Sei que não é fácil assim, mas...
Vou aprender no fim. Minhas mãos se unem para que
tirem do meu peito o que é de ruim
e vou dizendo:
Tudo vai ficar bem e as minhas lágrimas vão secar
Tudo vai ficar bem e essas feridas vão se curar
E se recebo dor, te devolvo amor
Se recebo dor, te devolvo amor
E quanto mais dor recebo mais percebo
que eu sou indestrutível!
Tá na hora de transformar o preconceito em respeito.
De aceitar as pessoas como elas são e querem ser.
De olhar na cara da homofobia e dizer: eu sou assim, e daí?
(PABLO VITTAR, 2018)⁸*

Não saber se tudo vai mesmo ficar bem e se as feridas vão se curar, identificar os motivos que impedem de sorrir, mas não saber, exatamente, quem é de verdade e se sentir em vários seres, de forma incompleta, são características e percepções muito presentes e marcantes para as juventudes. A fluidez e sua complexidade impõem para essa etapa da vida uma série de questionamentos, incertezas, descobertas e experimentações.

Mírian Abramoway, Mary Castro e Lorena Silva (2004, p.26) assinalam que “a juventude é também ciclo decisivo para demarcação de diferenças de gênero no campo de identidade”.

Nesse sentido, é vital considerar as juventudes como principais agentes de mudança na condução de novas ideias e percepções, visto que, nesta fase, os jovens descobrem e

⁸ Trecho da música *Indestrutível* da artista Pablo Vittar, lançada em 2018.

vivenciam os primeiros conflitos internos e sociais relativos à sexualidade e suas formações identitárias. A esse respeito, Marie-Christine Josso nos traz o conceito de ‘formações de si’.

A concepção experiencial da formação de si em todas as suas facetas, dimensões, registros tem, certamente, articulações importantes com o conceito tradicional de identidade, mas ela nos parece muito mais rica que ele porque completa as categorias tradicionais das ciências do humano, dando lugar às vivências refletidas e conscientizadas, integrando assim as dimensões de nosso ser no mundo, nossos registros de expressões, nossas competências genéricas transversais e nossas posições existenciais (Marie-Christine JOSSO, 2007, p. 417).

Para compreender tais transformações subjetivas, é importante levar em consideração e admitir as diferenças nas representações, nos ritmos, e em tempos e espaços que gestam práticas para consolidar as identidades juvenis, sobretudo no que diz respeito à sexualidade.

Atravessadas por essa ‘temporalidade social’ e até se firmar e afirmar sua própria identidade, as juventudes enfrentam dificuldades e vivenciam conflitos, principalmente, quando seus corpos e desejos não atendem ou não estão em acordo com os padrões da dominação heterossexual.

A sociedade padroniza e sexualiza dos gêneros, assim como generifica os sexos, de forma que o corpo reflete o sexo, e o gênero se limita a ser compreendido quando referido a essa relação. “Tais limites se estabelecem sempre nos termos de um discurso cultural hegemônico, baseado em estruturas binárias que se apresentam como alinguagem da racionalidade universal. (Judith BUTLER, 2017, p. 30)

É nesse reflexo dicotômico de corpo e sexo que algumas identidades ocupam, culturalmente, uma posição central. Servem de referência para as demais, sendo compreendidas como normais, ideais, congruentes ou padrões. Dessa forma, as pessoas que possuem corpos/desejos que extrapolam o limite ou tal amarração entendida como norma são vistas como anormais, diferentes, subversivas, desviantes ou ‘dissidentes’ (Leandro COLLING, 2015).

O intuito em usar no título a expressão ‘(Sobre)vivências Juvenis’ é estabelecer uma reflexão sobre as vivências e descobertas juvenis, mas destacar também que existem sobrevivências para além da perspectiva da colonização hegemônica das sexualidades.

Por isso, é importante pensar nos processos que implicam a descolonização na prática de categorizar as sexualidades, que comumente ocorre por meio de costumes, conceitos e atitudes que persistem em razão da colonialidade do poder, do ser e do saber,

que vão muito além do fim de uma dominação estritamente política colonial (Walter MIGNOLO, 2003; Anibal QUIJANO, 2005; Luciana BALLESTRIN, 2013).

Dentro dos contextos de permanência da colonialidade e das desigualdades sociais, sexuais e de gênero, é relevante considerar que a dimensão da linguagem deve ser questionada criticamente a partir de iniciativas que possibilitem depreciar as injustiças e desigualdade, assim como contextualizar as diversidades e fortalecer a ideia de uma pedagogia das diferenças.

Aproveito para problematizar a concepção de educar para a diferença e não para a diversidade, enfatizando uma exploração dos modos alternativos do pensar, falar, fazer e ser que ancore nas epistemologias da teoria pós-crítica caminhos teóricos e suportes possíveis.

Sob fortes influências do pós-estruturalismo, dos estudos feministas e de gêneros, dos estudos *Queer*, dos estudos decoloniais, multiculturalistas e da “filosofia da diferença”, as teorias pós-críticas, possibilitam rupturas que apontam para a subversão, transgressão, abertura, multiplicação dos sentidos, fazeres, saberes para e nas diferenças.

Em termos teóricos, diversidade é uma noção derivada de uma concepção muito problemática, estática de cultura. É uma concepção de cultura muito fraca, na qual se pensa: há pessoas que destoam da média e devemos tolerá-las, mas cada um se mantém no seu quadrado e a cultura dominante permanece intocada por esse Outro. [...] a retórica da diversidade parece buscar manter intocada a cultura dominante, criando apenas condições de tolerância para os diferentes, os estranhos, os outros. [...] Enquanto, que a perspectiva da diferença nos convida a descobrir a alteridade como parte não reconhecida do que somos, em vez de um atributo ou identidade de um Outro incomensuravelmente distinto de nós mesmos. (Richard MISKOLCI, 2017, p. 51- 55)

Na tentativa de combater ainda mais esse poder, utilizo a palavra “CISstema” onde, ao trocar o “S” pelo “C”, destaco o prefixo CIS, termo que provém do latim e significa - “do mesmo lado”, para representar a hegemonia sexual das pessoas ‘*cisgêneras*’.

Cisgênera ou cisgênero serão as pessoas que se percebem e estão em conformidade com o binarismo de gênero. Ao mesmo tempo, podem se identificar com o gênero que lhes foi atribuído no nascimento mantendo a conduta e as práticas biopsicossocial em plena conformidade com a ‘colonialidade do ser’, inteiramente de acordo com as atitudes, conceitos e normas que a hegemonia social impõe para a sexualização dos gêneros e generificação dos sexos.

A cisgeneridade ou cisnormatividade (Viviane VERGUEIRO, 2015), passa a ser o conceito que designa a norma como a exigência que todas as pessoas sejam cisgênera em nossa sociedade.

A definição oposta, o termo '*transgênero*,' que decorre do latim *trans* – “do lado oposto, além”, é atribuído às pessoas que subvertem tal comportamento, isto é, aquelas cuja identidade e/ou expressão de gênero apresentam algum tipo de divergência, conflito ou não conformidade com as normas biopsicossociais aceitas e sancionadas para a categoria de gênero em que lhe foi classificada ao nascer.

O conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre gêneros e sexualidades sejam pautados na diferença. Leandro Colling (2015) traz o conceito de “gêneros e sexualidades dissidentes”, uma vez que a diversidade não consegue explicar como funcionam e são produzidas as hierarquias que a compõem. E, ainda é muito próximo do discurso da tolerância.

De um modo mais simples, poderíamos dizer que nós, na medida em que crescemos e desenvolvemos as nossas identidades, repetimos formas identitárias que já existiam antes de nascermos e essas formas é que irão nos constituir enquanto sujeitos. O que nós fazemos, via de regra, é entrar na roda das repetições das normas de gênero e sexualidade. (Leandro COLLING, 2018, p. 31)

A determinação das nossas identidades de gênero, antes mesmo do nosso nascimento, se dá pela incidência de normas de gênero impostas pela sociedade hegemônica de acordo com a heterossexualidade compulsória e a cisheteronormatividade, que de acordo com Judith BUTLHER (2017), se sustentam através da exigência da linha coerente entre sexo-gênero-desejo e prática sexual.

Gênero é uma categoria de análise e as identidades de gênero podem ser variadas e misturadas. Pensar que só existem duas identidades de gênero é uma operação que exclui outras formas com as quais muitas pessoas se identificam na atualidade. Todas as pessoas possuem um gênero ou uma mistura entre os dois gêneros mais conhecidos. Assim como as nossas identidades culturais outras, nós também não construímos de forma autônoma a nossa identidade de gênero. Aliás, temos muito pouca autonomia para definir qual será a nossa identidade de gênero porque ela já foi determinada antes mesmo antes do nosso nascimento. (Leandro COLLING, 2018, p. 37)

Para além dos conceitos, gêneros e classificações, o mais importante é que as juventudes sejam acolhidas, que elas se sintam pertencentes ao CISTema, e que não só tenham acesso, mas que consigam permanecer dentro de uma educação pautada na diferença, com visão a crítica e um pensamento mais plural e inclusivo.

Neste sentido, o presente estudo pretende analisar, a partir de representações, narrativas e construções de mapas corporais, as diferenças sexuais do CISTema hegemônico nos contextos familiares e escolares de jovens de 18 a 24 anos, que estejam no ensino médio, ou já o concluíram, e/ou estejam cursando a Universidade.

1.1. Escolhas norteadoras do percurso

“Se a educação não pode tudo, alguma coisa fundamental a educação pode. Se a educação não é a chave das transformações sociais, não é também reproduzida da ideologia dominante”.

(PAULO FREIRE, 2016)⁹

Ao longo de toda minha vida profissional, após ser fisgada pela educação, sempre lecionando na rede básica e pública de ensino, em região periférica, pude perceber através da (con)vivência, como a temática da sexualidade, sobretudo as diferenças sexuais, está presente no ambiente escolar fervilhando e clamando por liberdade.

O desejo de estudar as diferenças sexuais e de gênero nasceu quando me dei conta de que a escola ainda se configura um forte espaço de manutenção e normatização das atitudes intolerantes, preconceituosas e hegemônicas. Ao trabalhar as temáticas de juventudes e sexualidade, não há como se distanciar das dinâmicas e das múltiplas possibilidades identitárias e relacionais¹⁰.

As inúmeras questões em torno da diversidade e das diferenças de gêneros e sexualidades não envolvem apenas informações ou conhecimentos, mas, principalmente, os valores e o posicionamento crítico e político diante da atual multiplicidade nas formas de ser, de aprender e de (con)viver. Demonstrem uma “ecologia de saberes” (Boaventura Souza SANTOS, 2007, p. 4), necessitando que se enverede no delineamento de um pensamento abissal e redutivo.

A relevância primordial para o desenvolvimento de uma investigação no âmbito social é sua contribuição para o desenvolvimento harmonioso num espaço onde se dão as relações, fenômenos e processos sociais, espaço esse protagonizado por nós, seres humanos,

⁹ Trecho do livro *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. FREIRE, Paulo. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2016, p. 110

¹⁰ Vale aqui retomar uma citação do artigo de Boaventura de Souza Santos (2007, p. 4): A característica fundamental do pensamento abissal é a impossibilidade da co-presença dos dois lados da linha. Este lado da linha só prevalece na medida em que esgota o campo da realidade relevante. Para além dela há apenas inexistência, invisibilidade e ausência não-dialética.

e que merece especial atenção e cuidado (Suely DESLANDES, Romeu GOMES & Maria Cecília MINAYO, 1994).

Para evidenciar os desafios deste tipo de estudo, que envolvem pessoas, narrativas de histórias de vidas, cartografias e suas vivências, é importante considerar as diferentes perspectivas epistemológicas existentes, que conferem à ciência um campo de possibilidades diversas.

A ciência constrói-se, pois, contra o senso comum e, para isso, dispõem de três atos epistemológicos fundamentais: a ruptura, a construção e a constatação. Porque essenciais a qualquer prática científica, esses atos aplicam-se por igual nas ciências naturais e nas ciências sociais. São, contudo, de aplicação mais difícil nestas últimas. Por um lado, porque as ciências sociais têm por objeto real um objeto que fala que usa a mesma linguagem de base de que se socorre a ciência e que tem uma opinião e julga conhecer o que a ciência se propõe conhecer. (Boaventura SANTOS, 2001, p. 33).

Nesse rol de possibilidades, a relevância de se ancorar num importante campo teórico para refletir criticamente sobre a ‘formação de si’, através dos estudos *queer*, permite (re)pensar as políticas de identidades e os movimentos sociais que lhes correspondem.

Decorrente de um crescente descontentamento quanto à literatura existente sobre “sexualidades dissidentes”¹¹, a Teoria *Queer* traz grandes contribuições para compreender a (des)construção do binarismo de gênero, a partir de discussões das normas e padrões (pré)estabelecidos. Esse corpo teórico defende uma ampla transformação social, não restritamente no sentido de afirmar as “diferenças” identitárias sexuais e de gênero, mas principalmente, na luta e no combate contra qualquer forma de opressão.

Para tensionar a normativa que estabelece apenas uma forma de sexualidade (a cis-heterossexual) como normal, a Teoria *Queer* propõe não apenas a fluidez e performance das identidades sexuais e de gênero, mas, também, a redefinição de todas as relações de poder e saberes inerentes à nossa sociedade.

O gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual a ‘natureza sexuada’ ou ‘um sexo natural’ é produzido e estabelecido como ‘pré-discursivo’, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura (Judith BUTLER, 2017, p. 27).

¹¹ A expressão “dissidência sexual” foi cunhada por Gayle Rubin em 1984 no seu artigo “Pensando o sexo: Notas para uma Teoria Radical da Política da Sexualidade, onde a autora dissecou a posição da cultura moderna sobre sexualidade, expondo a hipocrisia e subjugação que vitimiza qualquer pessoa de uma orientação ou inclinação sexual diferente.

As dinâmicas de opressão, independente de quais sejam as categorias (“sexualidades”, “gênero”, “raça”, “etnia”), fortalecem as estratégias para demarcar e construir discursivamente o conceito de “minorias”, baseado nas diferenças. Daí a relevância em trazer um olhar crítico para a construção sociocultural desse conceito, ampliando para os dispositivos teórico-científicos e direcionando para uma abordagem pelo prisma da “diferença”.

A perspectiva das diferenças é mais democrática porque nos convida a descobrir a alteridade como parte não reconhecida do que somos, em vez de um atributo ou a identidade de um Outro incomensuravelmente distinto de nós mesmos. Quando falamos de “Outros” sociais, pensamos que a diferença é algo que não existe em nós, mas ela existe, apenas foi normalizada, apagada ou ignorada (Richard MISKOLCI, 2017, p. 54-55).

As reflexões evidenciam, para além da relevância social do projeto de tese, o quanto as categorias “Juventudes”, “Gênero e Sexualidades” são marginalizadas, e silenciadas no CISTema hegemônico, sendo constituídos como sujeitos “abjetos” (Guacira LOURO, 2001, p. 549).

A materialidade dos corpos vai se sustentar com o aporte da Teoria Queer, que por sua vez, destaca que são nas práticas e nos processos discursivos que os corpos se definem, tal como acontece com o “gênero” e com a “sexualidade”: não há corpo que não seja produzido na cultura, “descrito, nomeado e reconhecido na linguagem, através dos signos, dos dispositivos, das convenções e das tecnologias” (Guacira LOURO, 2004, p. 81).

Diante de tais reflexões surgem alguns questionamentos: como jovens com diferenças sexuais (sobre)vivem no CISTema hegemônico? Como se dá a construção identitárias ou ‘formação de si’ de jovens em relação às diferenças sexuais? Como os contextos familiares e vivências educacionais juvenis definem, representam e/ou apoiam essas diferenças? Como os (d)efeitos do CISTema hegemônico contribuem para as diferenças? Como os corpos com diferenças sexuais são marcados ao longo de suas trajetórias?

Com base nas questões levantadas, chega-se ao objetivo principal que delineou a escrita e desenvolvimento da tese que é analisar como as juventudes (sobre)vivem com as diferenças sexuais e de gêneros nos CISTema hegemônico, frente às suas construções identitárias e relacionais nos contextos familiares e socioeducacionais.

A partir do objetivo geral, chega-se a quatro outros objetivos, sendo eles os objetivos específicos que irão delimitar os capítulos a serem desenvolvidos ao longo do trabalho, que são: **i)** analisar como se dá a construção identitária ou ‘formação de si’ de jovens com

diversidades e diferenças sexuais; **ii**) analisar as significações a respeito das experiências vividas em relação a sexualidade, identificando como se percebem no CISTema hegemônico; **iii**) mapear vivências e experiências narrativas, representando as marcas corporais de sobrevivências juvenis nos contextos familiares, educativos e sociais e **iv**) identificar as principais marcas que os corpos juvenis carregam por conta de suas diferenças sexuais e de gênero.

1.2. Caminhos teórico-metodológicos e abordagens possíveis

Precisamos de uma pesquisa capaz de obter um entendimento completo de como as pessoas pensam suas próprias vidas e identidades, o que as influenciam e quais ferramentas elas usam nesse pensar, porque esses são os elementos que constroem as mudanças sociais.
(GAULLET & HOLZWART, 2006)¹²

O percurso metodológico desse trabalho foi construído e delineado com algumas surpresas, arranjos e desarranjos, influenciados pela pandemia causada pela Síndrome Respiratória Aguda Grave do Coronavírus 2 (Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2 - Sars-CoV-2) - Coronavírus Disease 2019 (Covid-19) - que alterou toda a dinâmica global, as relações interpessoais, de trabalho e o sistema educacional, que inicialmente era meu lócus de pesquisa.

Levou um certo tempo para tomar consciência e delimitar a metodologia. Além de sofrer com um longo período de angústias e até um certo desânimo, eu precisa superar alguns aspectos convencionais para metodologia não fosse vista como um referencial teórico que engessa os caminhos do estudo.

¹² Versão livre da citação presente no manual: GASTALDO, Denise, MAGALHÃES, Lilian, CARRASCO, Christine, & DAVY, Charity. *Pesquisa através de mapas corporais narrados*. Considerações metodológicas para contar as histórias de trabalhadores indocumentados através de mapas corporais. (Trad. Jordana Domagalski, Diego Garcia, Sofia Martins & Aline Costa). 2012 / 2019. Disponível em: <http://www.migrationhealth.ca/undocumented-workers-ontario/body-mapping>. Acesso em 06 abr. 2021.

Na aproximação com sujeitos, a abordagem metodológica exige epistemologias, instrumentos variados e diversificados, que possam captar vidas, representações e sentidos. Por isso, entre empiria e teoria, entre práxis e vidas vivíveis (Judith BUTLER, 2018), estabeleci uma aproximação exploratória com as juventudes, por meio de contatos concebidos pelas redes sociais.

Assim como ocorreu com praticamente todas as relações interpessoais e profissionais no contexto pandêmico, adotei as plataformas digitais como mecanismo para prover os principais recursos e dinâmicas que permitissem o desenvolvimento e continuidade do projeto de tese.

Foi preciso compreender que “como a etnografia é tanto um método como um produto, a internet é tanto um modo de conduzir interações sociais quanto um produto dessas interações” (Leighton EVANS, 2010, p.12).

Para encurtar as distâncias entre tempo, espaço e isolamento social, restaram as possibilidades de conexões ampliadas através de uma fusão entre a etnografia e os meios virtuais – a netnografia – que passou a ser quase que uma exigência para investigações em tempos de pandemia.

A netnografia é pesquisa observacional participante baseada num trabalho de campo online. Ela usa comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural ou comunal. [...] O uso do termo e abordagem da netnografia no projeto geral sinalizaria não apenas a presença, mas o peso do componente online. Significaria que um tempo significativo foi gasto interagindo e tornando-se parte de uma comunidade ou cultura online. (Robert KOZINETS, 2014, p. 61-62).

O Quadro 1 a seguir apresenta uma proposta inicial para o desenho teórico-metodológico.

QUADRO 1 - Quadro Teórico-Metodológico:



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Ressalvo, nesse ponto, a dificuldade de encontrar, em apenas uma linha teórica, o suporte necessário para o olhar crítico e atento às dissidências e diferenças sexuais e de gêneros nos contextos familiares e educacionais.

Então, o caminho escolhido foi partir da revisão de diversos estudos e teorias, apesar de originários de países, culturas e épocas distintas, já que, dessa forma, seria possível estabelecer uma conexão dialógica com as epistemes decoloniais.

Essa abordagem proporciona uma verdadeira virada epistemológica na produção e difusão de conhecimentos e diálogos para formas múltiplas de ser, pois valoriza saberes e fazeres a partir da pluralidade de conhecimentos cruzados entre si, possibilitando uma verdadeira “ecologia de saberes” (Boaventura SANTOS, 2007, p. 85).

Para cruzar as linhas de um pensamento abissal (Boaventura SANTOS 2007, p.71), é preciso decolonizar os saberes, rompendo com as verticalizações históricos-cronológicas, caminhando por outros tempos-espacos que permitam uma emancipação dos sujeitos, de forma a dialogar com os espacos de produção de conhecimento, mas, sobretudo, dialogar “com os próprios sujeitos” e não “sobre os sujeitos”.

Essa é a importância de “conhecer com o outro” e não de “conhecer o outro”. O conhecimento produzido pela pesquisa se deu por intermédio da escuta e do aprendizado de suas vivências, mantendo viva e ávida a pedagogia da indignação que nos mostra que “não é possível estar no mundo, com o mundo dos outros, sem estar tocado por uma certa compreensão da nossa própria presença no mundo” (Paulo FREIRE, 2000, p.125).

O processo de investigação para pesquisadores qualitativos é emergente. Isso significa que o plano inicial para a pesquisa não pode ser rigidamente prescrito, e que todas as fases do processo podem mudar ou se deslocar [...] A ideia fundamental que está por trás da pesquisa qualitativa é a de aprender sobre o problema ou questão com os participantes e lidar com a pesquisa de modo a obter essas informações. (Jonh CRESWELL, 2010, p. 209)

A coleta das informações se desenvolveu a partir de um estudo com métodos múltiplos de caráter qualitativo, pois essa modalidade estava compatível com a opção que fiz de prestigiar as questões relacionadas às singularidades das pessoas, algo que considerei bastante relevante diante do cenário de isolamento social. Tudo isso se compatibilizava com o uso das metodologias digitais e etnografias possíveis.

A pesquisa qualitativa preocupa-se com uma realidade que não pode ser quantificada, respondendo a questões muito particulares, trabalhando um universo de significados, crenças, valores e atitudes que correspondem a um espaço mais profundo das relações, dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (Suely DESLANDES, Romeu GOMES & Maria Cecília MINAYO, 1994, p. 21 e 22)

A pesquisa qualitativa propicia aprofundar nesse 'espaço mais profundo das relações' e se mostrou adequada com o procedimento de entrevistas em profundidade, baseada nas *histórias de vidas*, que, inclusive, já havia sido utilizado na dissertação de mestrado. A estratégia era manter a mesma metodologia da dissertação, pois ela permite a imersão das narrativas e do contexto socio-cultural em que as juventudes transitam, realizando o exercício de escuta e empoderando o olhar adquirido de si mesmas dentro dos seus processos formativos.

Contudo, a vontade de construir novas trilhas em meu percurso acadêmico que permitissem compreender os discursos com abordagens problematizadoras e reflexivas me levou a buscar novas metodologias. Na investigação empírica, assim como na construção e reconstrução desse trabalho, eu desejava estar ao lado das pessoas para captar os seus relatos, seus gestos, seus silêncios, seus corpos e expressões, enfim, todas as linguagens que falam muito mais que as palavras.

Assim, ao mesmo tempo em que me preocupei em utilizar métodos mais participativos, que respeitassem valores, crenças e costumes, busquei ressignificar as (sobre)vivências e trajetórias pessoais de cada participante através de uma análise crítica das suas experiências.

O método utiliza-se das trajetórias pessoais no âmbito das relações humanas. Busca conhecer as informações contidas na vida pessoa de um ou de vários informantes, fornecendo uma riqueza de detalhes sobre o tema. Dá-se ao sujeito liberdade para dissertar livremente sobre uma experiência pessoal em relação ao que está sendo indagado pelo entrevistador. (Inês Maria SANTOS & Rosângela SANTOS, 2008, p.715)

As pesquisas qualitativas, de acordo com Jonh W. Creswell (2010), baseiam-se em dados de texto e de imagem, podendo utilizar, para a obtenção desses elementos, métodos múltiplos. Foi justamente o que busquei na construção do estudo sob a lentes de uma perspectiva qualitativa, imagética e hermenêutica.

Adotar a formação de “nuvens de palavras” e de componentes visuais e narrativos na composição do método denominado de *mapas corporais narrados* teve por objetivo oferecer resultados ilustrativos que atribuem leveza e facilidade interpretativa. Já para os casos em que foi inviável a construção do *mapa corporal narrado*, a solução foi captar via entrevista em profundidade e analisar os discursos.

A intenção foi promover a expressão de sentimentos, pensamentos e ideias através de narrativas e discursos textuais e/ou imagéticos produzidos por meio das (sobre)vivências juvenis, compreendendo e interpretando os significados políticos e sociais que são atribuídas às experiências juvenis.

Diante da pandemia do COVID-19, me vi impossibilitada de fazer a aproximação com as possíveis pessoas participantes do meu estudo. Imaginava repetir o procedimento realizado anteriormente no meu percurso de mestrado, onde recorri aos registros da escola para identificar estudantes regularmente matriculados e que faziam uso de nome social. Partindo desses e com base nas observações empíricas participativas e integradas ao cotidiano escolar, chegaria aos demais participantes pela técnica conhecida como bola de neve.

No entanto, com o impedimento da realização de um estudo com observações empíricas participativas e integradas ao cotidiano escolar, passei a utilizar as redes sociais como ferramenta de aproximação e captação de possíveis participantes para o desenvolvimento da parte empírica desse estudo.

O que por um lado poderia ter gerado críticas relacionadas ao enviesamento do estudo, por outro, tornou-se a solução possível para os melhores indicativos e possibilidades de reunir uma mínima quantidade de jovens que, mesmo sem nenhuma aproximação com a pesquisadora, se dispusessem a contribuir com o estudo.

O ponto de partida foi o contato com um ex-aluno, um jovem homem trans conhecedor da minha trajetória como pesquisadora. Ele havia sido convidado a participar da pesquisa do mestrado, mas não pode contribuir, à época, por não atender o requisito da idade mínima (18 anos). Dessa vez, após explicar os atuais objetivos, solicitei auxílio na indicação de possíveis participantes e, em pouco menos de trinta minutos após nossa conversa, ele conseguiu formar um grupo no *Whatsapp*¹³ com 37 integrantes.

As pessoas que integraram o grupo estavam na faixa etária de 18 a 24 anos, com identidades não hegemônicas. A tabela abaixo descreve as autodeclarações dadas no ato de suas apresentações no contexto do grupo:

Tabela 1: Participantes e Autodeclarações

Autodeclarações	Número de Participantes	Idades
Lésbica	10	
Bissexual	10	
Mulher Trans – Heterossexual	2	
Homem Trans - Sem rótulos	1	
Homem Trans – Heterossexual	6	18 a 24 anos
Pansexual	5	
Não Binário – Gay	1	
Não Binário – Pansexual	1	
Não Binário - Trans Feminina – Androssexual	1	

Fonte: Elaborado pela Pesquisadora, 2021.

1.3. Primeiras aproximações e possibilidades para mapeamento de dados

*“Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo.
O mundo pronunciado, por sua vez,
se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes,
e exigir deles novo pronunciar”*

¹³ *WhatsApp* é um aplicativo de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. Considerado uma das mais difundidas redes sociais virtuais da atualidade, além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a internet.

(PAULO FREIRE, 2017)¹⁴

A pesquisa qualitativa possibilita um novo pronunciar, pois é fundamentalmente interpretativa. Desse modo, a pesquisadora deve ter dentre outras características, um ‘raciocínio complexo multifacetado, interativo e simultâneo’, ou seja, observar os acontecimentos por diferentes aspectos, interagindo e refletindo de forma sensível em todas as fases da pesquisa. (Jonh CRESWELL, 2010, p. 187).

A primeira fase de aproximação com as pessoas que integraram o grupo de whatsapp se deu de maneira leve e descontraída, mediante uma apresentação geral, na qual cada pessoa enviava sua foto e autodeclaração, inclusive eu, que escolhi enviar, além da foto, uma mensagem de áudio explicando melhor qual era meu objetivo com o trabalho e como cada uma das pessoas que ali estavam poderiam contribuir. Dinâmicas metodológicas pensadas a partir de linguagens acessíveis e disponibilizadas para jovens.

O clima no grupo ficou tão descontraído que, entre uma apresentação e outra, muitas brincadeiras aconteciam, inclusive algumas tentativas de “investidas”, o que gerou muito envolvimento de todas as pessoas, a exemplo de quando uma participante escreveu o seguinte comentário: "*Botei jovens LGBT+ pra fazer uma pesquisa em grupo e veja no que deu: Tinder¹⁵*". E logo, mais comentários similares foram surgindo: "*Depois da Pandemia Jovens LGBTQIA+ inovam e fazem espécie de Tinder em aplicativo de mensagem*".

Julgo que essa interação foi muito boa, para que minha aproximação com o grupo pudesse ser estabelecida, uma vez que eu somente conhecia o ex-aluno que se voluntariou a criar o grupo. Ele estava tão imbuído em ajudar que resolveu, por iniciativa própria, formar outro grupo com a seguinte justificativa: "*Pessoal grupo tinder aí, pra vcs ficarem mais à vontade pra fazer as baixarias de vocês, é isso, deixar aqui quieto pra quando Polly postar algo importante todo mundo ver*". Nessa ‘migração’, infelizmente, duas pessoas acabaram saindo do grupo.

¹⁴ Trecho do livro *Pedagogia do oprimido*. FREIRE, Paulo. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2017, p. 198.

¹⁵ *Tinder* é um aplicativo para *smartphones* utilizado para localização de pessoas que estão dispostas a conhecer novas pessoas para iniciar relacionamentos online, cruzando informações de outros aplicativos para localizar as pessoas geograficamente próximas.

Sugeri um encontro *online* por meio do *Google Meet*¹⁶, uma plataforma de reuniões por vídeo conferência. O acesso se deu pelo *Google for Education* vinculado à UCSAL, dando utilização institucional à ferramenta.

O objetivo desse encontro foi explicar a metodologia pretendida e identificar quem e quantas pessoas se disponibilizariam a realizar o estudo proposto. Esse levantamento seria útil para que eu pudesse estimar as necessidades de obtenção de alguns materiais. Além do mais, o momento se revelou uma oportunidade de estabelecer maior integração entre as pessoas.

A reunião foi agendada para um sábado, às 16h, dia e horário sugerido pela maioria do grupo. Entretanto, no dia da reunião, apenas cinco pessoas estavam presentes. Expliquei tudo e todas as pessoas presentes aceitaram participar. Apenas uma delas me procurou no privado para dizer que gostaria muito de participar e contribuir, mas como a família não aceitava sua bissexualidade, ela não poderia realizar a construção da cartografia corporal. De toda sorte, ofereceu participar da pesquisa, ainda que fizesse apenas a narrativa (áudio-descrição¹⁷). Foi aí que me dei conta da importância de usar métodos múltiplos.

Após a reunião, eu enviei áudios no grupo relatando e explicando tudo que ocorreu e mais três pessoas aceitaram participar e confeccionar o mapa corporal narrado. Como eu não poderia perder a formação do grupo, aproveitei o espaço para captar as primeiras representações das (sobre)vivências juvenis com diferenças sexuais e de gênero dentro do CISTema hegemônico.

A técnica de entrevista em profundidade por meio de *Histórias de Vida (HV)* foi a escolha metodológica por ser considerada um instrumento privilegiado para análise e interpretação, na medida em que incorpora experiências subjetivas mescladas a contextos sociais. Ela fornece, portanto, base consistente para o entendimento dos dados relativos às experiências íntimas das pessoas, de forma que possam colaborar com o desenvolvimento da tese.

Importa destacar que existem dois tipos de história de vida: a completa e a tópica. A completa é uma biografia, sem deixar nenhum aspecto sem ser abordado, enquanto a

¹⁶ *Google Meet* é um [serviço de comunicação](#) por vídeo desenvolvido pelo [Google](#). Muito utilizada para reuniões, videoconferências e virou umas das principais ferramentas para a realização de vídeo aulas.

¹⁷ A áudio-descrição é uma técnica utilizada para pessoas com deficiência visual e transcrição para linguagem oral ou escrita do que é inicialmente visual.

tópica cuida apenas de momentos ou determinadas categorias selecionadas que se concentra numa determinada etapa ou esfera da experiência de vida em questão (Maria Cecília MINAYO, 2011).

Em conformidade com o foco da pesquisa, optei por utilizar a **história de vida tópica**, tendo como ponto principal permitir que retomem (sobre)vivências e, a partir desses relatos, encontrem o reflexo da dimensão coletiva derivada da visão individual.

A metodologia de história de vida é uma abordagem que utiliza a narrativa das vivências pessoais em busca de um processo de transformação. Segundo Marie-Christine Josso (2004, p.9) a pessoa pode “transformar a vida socioculturalmente programada numa obra inédita a construir”. Esta transformação acontece quando a pessoa toma consciência de si mesma, encarando sua trajetória de vida, os investimentos, os objetivos, as experiências formadoras, os grupos de convívio, os valores, os comportamentos, as atitudes, as formas de sentir, fazer, aprender, viver e conviver, os encontros e os desencontros.

O processo do caminhar para si apresenta-se, assim, como um projeto a ser construído no decorrer de uma vida, portanto, é necessária a tomada de consciência inerente à passagem de uma compreensão da formação do sujeito para o conhecimento das características da sua subjetividade em exercício. Este processo exige uma responsabilização do sujeito e põe em evidência a autonomização potencial como escolha existencial. Assim, este autoconhecimento poderá inaugurar a emergência de um eu mais consciente e perspicaz para orientar o futuro da sua realização e reexaminar, na sua caminhada, os pressupostos das suas opções. Esses são os objetivos formativos da abordagem histórica de vida, além das aprendizagens que a abordagem, tal como é proposta, pode favorecer. (Marie-Christine JOSO, 2004, p.60)

Essa conscientização proporciona que a pessoa crie e compreenda os sentidos e significados da sua própria vida. A escolha desse modelo metodológico permite resgatar as trajetórias das pessoas, não se limitando à narrativa de acontecimentos, mas buscando entender a sua análise e interpretação, o que permite que os temas abordados sejam estudados do ponto de vista de quem os vivencia, isto é, possibilita o apreender da cultura ‘do lado de dentro’, além de permitir a reflexão e a compreensão acerca da construção, da transformação, da incorporação dos valores e dos enfrentamentos vivenciados ao longo do tempo.

Trabalhar as questões da identidade, expressões de nossa existencialidade, através da análise e da interpretação das histórias de vida escritas, permite colocar em evidência a pluralidade, a fragilidade e a mobilidade de nossas identidades ao longo da vida. As constatações que questionam a representação convencional de uma identidade, que se poderia definir num dado momento graças à sua estabilidade conquistada, e que se desconstruía pelo jogo dos deslocamentos sociais, pela evolução dos valores de referência e das referências socioculturais,

junta-se a tomada de consciência de que a questão da identidade deve ser concebida como processo (Marie-Christine JOSSO, 2017, p. 415)

A pessoa pode “transformar a vida socioculturalmente programada numa obra inédita a construir” (Marie-Christine JOSSO, 2004, p.9). Essa obra vai se estruturando a partir do momento que a pessoa constrói sua autopercepção e autoconsciência, o que permite esculpir sua transformação, ao encarar sua trajetória de vida, seus investimentos e objetivos, suas experiências formadoras, seus grupos de convívio, valores e comportamentos, suas atitudes, suas formas de sentir e viver os próprios encontros e desencontros. Enfim, a dor e a delícia de ser/se tornar o que é/deseja.

Ao narrar a própria história, a pessoa tem a possibilidade de se perceber como ser social e, nisto, revelar as condições das práticas sociais e as diversas formas de se perguntar qual lugar ocupa na realidade social (Mara SALGADO & Kety Valéria FRANCISCATTI, 2014, p.308). Por meio dessa conscientização, deve ser capaz de criar e entender os sentidos e significados da sua própria vida.

A principal contribuição dessa metodologia é auxiliar no autoconhecimento, compreensão e entendimento das pessoas que participam, a fim de encontrar ferramentas para o enfrentamento de todas as barreiras para a construção da sua identidade e sociabilidade.

Assim, se permitem capturar questões como a singularidade das experiências e vivências pessoais, seja no âmbito individual ou da coletividade ao qual pertence, compondo elos fundamentais para contextualizar a realidade na qual estão inseridas.

Abordar o conhecimento de si mesmo pelo viés das transformações do ser – sujeito vivente e conhecente no tempo de uma vida, através das atividades, dos contextos de vida, dos encontros, acontecimentos de sua vida pessoal e social e das situações que ele considera formadoras e muitas vezes fundadoras, é conceber a construção da identidade, ponta do iceberg da existencialidade, como um conjunto complexo de componentes. De um lado, como uma trajetória que é feita da colocação em tensão entre heranças sucessivas e novas construções e, de outro lado, feita igualmente do posicionamento em relação dialética da aquisição de conhecimentos, de saber-fazer, de saber-pensar, de saber-ser em relação com o outro, de estratégias, de valores e de comportamentos, com os novos conhecimentos, novas competências, novo saber-fazer, novos comportamentos, novos valores que são visados através do percurso educativo escolhido. (Marie-Christine JOSSO, 2017, p. 417)

A juventude é uma fase de muitas transformações e descobertas. Todos os atravessamentos dessa etapa da vida ressoam como manifestações e (de)marcações corporais, sendo impossível separar as reações corpóreas de tudo o que representa a pessoa.

A busca por uma inovação metodológica me levou à compreensão do quão é importante valorizar os atravessamentos que corpos passam ao longo da trajetória de vida e, assim, entender que esses corpos refletem os acontecimentos, experiências e (sobre)vivências de toda pessoa que vai construindo sua narrativa.

Embora as narrativas sejam individuais, elas sempre partem de corpos pulsantes que, por sua vez, são relacionais. Corpos e pessoas estabelecem a todo momento relações nos mais variados contextos sociais, culturais e institucionais, relações essas que provocam marcas. É por isso que ao estabelecer uma metodologia de escuta ativa, não se dá a devida importância para as reações e marcas que esses corpos traduzem.

Preferi promover uma ruptura epistemológica que objetiva trazer o corpo para o centro do espaço representacional. O método do *mapa corporal narrado* possibilita maior envolvimento das pessoas, sendo mais eficaz que o formato convencional de narrativas mais normatizadas e enquadradas em entrevistas estruturadas ou semi-estruturadas, como acontece na maioria das investigações qualitativas.

A partir das simbologias atribuídas, a começar pelas experiências e percepções, tais como são vividas e sentidas corporalmente, busca-se alcançar um maior aprofundamento das memórias expressadas e assim, estabelecer relações dialéticas entre os pressupostos teóricos e o material empírico visual que será revelado.

A utilização de metodologias baseadas na arte para a produção de dados contribui para colocar a pessoa participante em evidência e com autonomia. Além disso, ganha-se com a produção de um resultado artístico-visual que ajuda a contemplar a sua própria narrativa de um novo lugar, criando assim, condições para que a participante seja, ao mesmo tempo, observadora e protagonista dessa construção (Denise GASTALDO, Natáli RIVAS-GUARNETTI, Lilian MAGALHÃES, 2018).

Os mapas funcionam como ferramentas bastante flexíveis para acessar os diferentes aspectos da vida da pessoa, favorecendo uma reflexão sobre as sensações e experiências, dentro e ao redor de si mesmo (Aryel Ken MURASAKI & Sandra Maria GALHEIGO, 2011).

O uso da técnica de narrativas para a construção de mapas corporais (*Body-map storytelling*) foi proposto por Denise Gastaldo, Lilian Magalhães, Christine Carrasco e Charuty Davy (2012).

Os mapas corporais podem ser definidos como imagens do corpo humano em tamanho real, ao passo que o “mapeamento corporal” é o processo criar mapas do

corpo usando desenhos, pinturas ou outras técnicas artísticas, para representar visualmente aspectos sobre a vida das pessoas, de seus corpos e do mundo em que vivem. O mapeamento corporal é uma maneira de contar histórias, semelhantes aos totens que contêm símbolos com diferentes significados, que só podem ser entendidos em relação à história geral de seu criador e sua experiência. (Denise GASTALDO et al., 2012, p.5).

O método surgiu no início dos anos 2000, na África do Sul, a partir de terapias artísticas realizadas com mulheres portadoras de HIV/AIDS. *Memory Box* foi o nome escolhido para o projeto idealizado pelo psicólogo clínico da Universidade da Cidade do Cabo Jonathan Morgan que, além de funcionar como potente processo terapêutico, tinha também o intuito de deixar uma caixinha contendo os principais registros das histórias de vida dessas mulheres como lembranças aos seus entes queridos. (Denise GASTALDO et al., 2012).

Desde 2002, impulsionado pelo trabalho de Jane Solomon, o mapeamento corporal vem sendo desenvolvido como uma metodologia de pesquisa. O mapa corporal tem sido utilizado como ferramenta de estudo investigativo com potencial para desenvolver uma comunicação mais criativa e com profundo processo crítico-reflexivo, principalmente quando se trata de temáticas sensíveis.

No ano de 2009, as pesquisadoras Denise Gastaldo, Lilian Magalhães, Christine Carrasco e o pesquisador Charuty Davy conduziram um projeto de estudo financiado pelo Instituto Canadense de Pesquisa em Saúde – CIHR, sobre a exclusão social e as condições de trabalho de trabalhadores indocumentados, com objetivo de envolver os participantes e provocar essa reflexão a partir dos seus processos de formações identitárias.

As autoras unificaram a metodologia de histórias de vida com a formação do mapa corporal e criaram a “narrativa de mapa corporal” ou o “mapa corporal narrado”, que é principalmente um método de pesquisa gerador de dados usado para contar uma história que reflete visualmente processos sociais, políticos e econômicos, bem como as experiências e significados incorporados dos indivíduos atribuídos às suas circunstâncias de vida que moldam quem eles se tornaram.

Elas apontam que o método desafia as pessoas que participam de pesquisa como método a procurar símbolos, marcas, imagens e desenhos que os representem, e assim, tornam as participantes visíveis como seres humanos completos e envolvidos na sociedade. (Denise GASTALDO et al., 2012).

Essa técnica também pode ajudar a estimular o diálogo e compartilhamento de conhecimento com o público em geral, visto que a história mapeada dá vida às

histórias dos participantes da pesquisa através de uma combinação de meios de comunicação visuais e orais. Como produto, as histórias oferecem uma abordagem criativa e potencialmente atraente em termos visuais para a tradução e intercâmbio de conhecimento. [...] Ao trazer o corpo para o centro desse espaço de apresentação, ajudamos os/as participantes a se envolverem em diálogos sobre experiências e percepções de uma maneira corporal, ao invés de uma forma temporal ou espacial. (Denise GASTALDO et al., 2012, p. 10 e 11).

O encantamento com esse método foi imediato, uma vez que a temática da pesquisa aqui desenvolvida requer certa sensibilidade da pesquisadora para que, com levaza, possa ajudar as participantes da pesquisa a contar suas histórias de vida, além de retratar visualmente o impacto de suas (sobre)vivências diante das diferenças sexuais e de gênero em seus contextos familiares e escolares.

A figura a seguir ilustra o resultado final formado pelo mapa corporal narrado que vem acompanhado do testemunho (uma breve história narrada em primeira pessoa). Esse exemplo foi produzido no projeto de pesquisa que as autoras Denise Gestaldo e Lílian Magalhães realizaram com trabalhadores latino-americanos indocumentados em Ontário, Canadá, no ano de 2009, e faz parte do manual utilizado como fonte referencial do método:

Figura 1: Exemplo de Mapa Corporal Narrado

Testemunho:



Sou Valeria, cozinheira e mãe solteira. Tenho dois filhos em casa. Vim para ganhar dinheiro para comprar uma casa para nós depois que eu vi quanto dinheiro pude economizar quando trabalhei nos EUA. Nos dois primeiros anos, trabalhava em três empregos, sete dias por semana e dormia três horas por noite. Eu estava cansada o tempo todo e quando estava no trabalho, eu até descascava batatas dormindo! Agora, o apartamento finalmente está pago, tenho dinheiro para voltar e fazer uma cirurgia para minhas varizes. Minhas pernas estão muito inchadas porque sou a única cozinheira para o almoço e jantar. O trabalho na cozinha é realmente difícil! Você tem que levantar enormes panelas, cortar carne e ossos e você faz tudo em pé! Eu acredito que Deus me deu a força para fazer esse trabalho duro durante todos esses anos. Gostaria que alguém filmasse um dia na minha vida para que meus filhos pudessem ver o quanto sua escola e nossa casa realmente me custaram. Agora, minha única esperança é que meus filhos me perdoem por deixá-los para trás e que possamos viver felizes juntos em nossa nova casa.



Fonte: Denise GASTALDO et. al, 2019, 2012, p.37

Inicialmente a dinâmica deveria ser realizada por intermédio de encontros virtuais promovidos pela plataforma de videoconferência *Google Meet*. Porém, com o retorno das atividades presenciais a partir de agosto de 2021, consegui realizar a produção de cinco mapas corporais de forma presencial, o que favoreceu na melhoria geral na produção da pesquisa.

Para a construção dos mapas, a ideia inicial era realizar três encontros com cada participante, conforme o quadro 2. No entanto, eu percebi, ao fim do acompanhamento das duas primeiras participantes, que teria uma dificuldade maior em conseguir completar todos

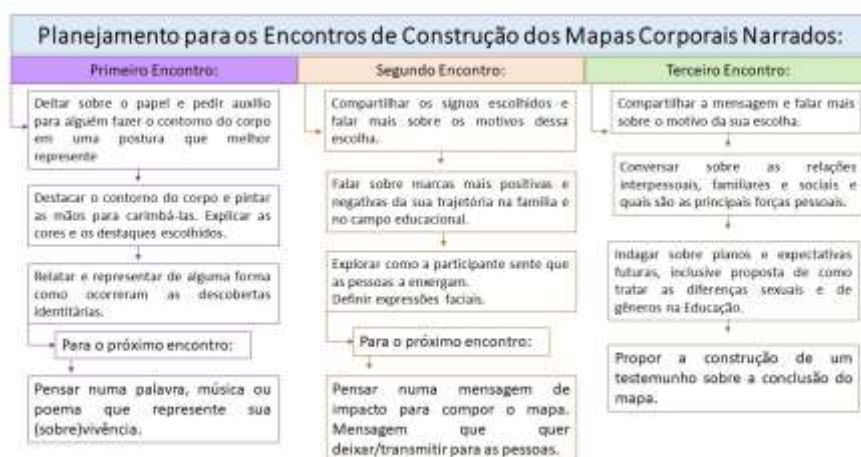
os encontros. Inclusive uma dessas pessoas desistiu de integrar a pesquisa antes que pudéssemos concluir o mapa dela.

Diante dessa dificuldade, decidi nos três mapas finais realizar um encontro mais longo, no qual eu conseguisse captar em um só momento todas as informações essenciais. A riqueza de detalhes me surpreendeu, e, muito embora uma pesquisadora dedicada sempre espere por mais, o resultado foi mais que satisfatório.

Como produto final, além do resultado visual associado à imagem produzida em tamanho original, também foi elaborada uma legenda para o mapa, descrevendo cada elemento que o compõe. Essa legenda foi criada a partir de relatos registrados por meio das gravações dos encontros de construção do mapa. A legenda descreve os seguintes elementos: posição do corpo, cores selecionadas, trajetória das descobertas da formação de si, símbolo e slogan escolhido, principais marcas que esse corpo traz, análise do corpo e força pessoal, estruturas de apoio, futuro e mensagem transmitida.

Foi solicitado de cada participante um breve testemunho, que é uma curta narrativa na qual o entrevistado desceve sua vida de maneira bem geral, o que contextualiza os elementos da legenda. Como não consegui manter o planejamento proposto no quadro 2 para todas as pessoas participantes, essa legenda foi enviada pelas três últimas participantes via aplicativo de rede social.

QUADRO 2 – Planos de encontros para construção dos mapas corporais:



Fonte: Elaborado pela pesquisadora 2021. Adaptado de Brenda Cristiane Bahia de CARVALHO, 2019.

A análise de dados na pesquisa qualitativa é contínua e se caracteriza por ser um processo indutivo, que tem como foco a fidelidade do que é construído durante o percurso. Como o presente trabalho foi delineado por multimétodos, cada uma dessas metodologias teve suas análises de forma específica.

As nuvens de palavras consistem em uma técnica de representações estimuladas por questão-norteadora, com uso de até cinco campos para identificação de palavras-conceitos, podendo não ser completado em sua extensão. Elas expressam dados da coletividade, já que é feita uma análise das palavras destacadas por terem sido mencionadas pela maioria do grupo de participantes.

Logo após a realização das entrevistas, eu mesma realizei as transcrições das entrevistas. Elas foram gravadas com auxílio de um gravador de voz de um *smartphone*.

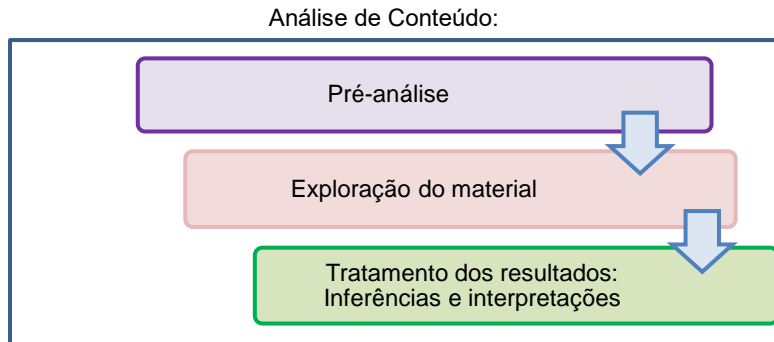
Após a transcrição solicitei às pessoas participantes uma leitura do material transcrito, para que pudessem acrescentar, alterar ou excluir quaisquer informações que considerassem pertinentes. Nenhuma das pessoas participantes fez modificações. Essa etapa teve a intenção de permitir uma transcrição mais fidedigna com os detalhes que pudessem ser perdidos com eventuais problemas na captação do áudio, além de firmar o compromisso ético com as pessoas participantes, uma vez que deram o consentimento para a utilização de todo o material gerado e das informações extraídas.

Além das transcrições diretas, eu também utilizei anotações pessoais para captar possíveis características não linguísticas, tais como o tom da voz, as pausas, as mudanças na entonação, os silêncios que podem ser transformados em narrativas não ouvidas, ou seja, tudo o que é fundamental para explorar não apenas o que é dito, mas também como é dito.

Nesse diário de campo também foram anotados dados das principais impressões obtidas nos encontros, sejam das reações, emoções ou posturas. 'O fato de a transcrição ser realizada pela própria pesquisadora, permite uma autoavaliação do seu papel como entrevistadora, possibilitando ajustes na trajetória do estudo e um crescimento pessoal' (Inês Maria SANTOS & Rosângela SANTOS, 2008, p.716).

É possível construir categorias (elencando temas chaves) para uma melhor análise de conteúdo. Para tanto, foi feita uma análise prévia a partir das transcrições, categorizando os dados para um tratamento sistemático de divisão de categorias seguindo o método de análise de conteúdo (Laurence BARDIN, 2011) que prevê três fases fundamentais, representadas na figura abaixo:

Figura 2: As três fases da análise de conteúdo.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2021. Adaptado de Laurence Bardin (2011)

A primeira fase, de pré-análise, é a fase de organização. A partir de leituras flutuantes se elaboram indicadores (categorias e subcategorias) que orientaram a interpretação do material coletado.

Na segunda fase, de exploração do material, são escolhidos trechos das narrativas que possam representar cada categoria elencada na fase inicial.

A terceira e última fase do processo de análise do conteúdo, denominada de tratamento dos resultados, é dedicada à inferência e à interpretação. Essa interpretação vai além dos resultados obtidos nas entrevistas. A pesquisadora poderá inferir os gestos e as reações das pessoas entrevistadas e incluir nas interpretações. Durante essa fase, é importante retomar a literatura e os marcos teóricos iniciais, a fim de embasar e relacionar o estudo, dando sentido às interpretações.

Ressalta-se que, no estudo de metodologia qualitativa, esse marco teórico não se exaure no início do processo, pois ele vai sendo construído ao longo do percurso, à medida que vai se estabelecendo contato com o campo, com a coleta de dados e à medida que estes vão sendo analisados. Não podemos esquecer que essa análise no caminho metodológico qualitativo é contínua.

Para as análises dos mapas corporais narrados, foi adotada a abordagem crítica reflexiva. As narrativas mapeadas foram analisadas em sua integralidade incluindo todo o processo de confirmação nessa metodologia, os encontros para o processo de criação, o próprio mapa e as narrativas que o acompanham, que são as legendas e o testemunho.

Outro elemento analítico a ter em mente é como os/as pesquisadores/as pensam nos mapas corporais. Eles podem ser considerados como uma “carteira de

identidade”, uma descrição fixa de quem as pessoas são como indivíduos e como um coletivo. Apesar do potencial uso dessa caracterização para a tradução e intercâmbio de conhecimento, analiticamente é importante entender que mapas corporais capturam um momento na vida das pessoas e oferecem uma imagem de um determinado tempo e local, quando eles são requisitados para falar sobre um elemento específico de suas vidas. No entanto, estas são pessoas em movimento, criando e pensando sobre suas subjetividades e as consequências para a saúde de seu trabalho, enquanto interagem com os/as pesquisadores/as. Essa sensação de movimento e realidade transitória não deve ser perdida por imagens “fixas” que os mapas corporais parecem retratar. (Denise GASTALDO et al., 2012, p. 19).

Logo após o exame de qualificação, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade Católica do Salvador (CEP/UCSAL), respeitando as normas e as diretrizes para a realização de pesquisa investigativa que envolve seres humanos. Elas estão contidas nas Resoluções de n. 466/2012 e 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), à luz do inciso II.22 (possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano em qualquer pesquisa e dela decorrente).

O risco de acesso à história de vida de jovens que estão em fase de descobertas, de ‘formação de si’ (Marie-Christine JOSSO, 2007) e da sua sexualidade, por se tratar de um tema de complexidade psicológica e emocional, é causar algum desconforto, como invasão de privacidade; evocação de memórias de situações ou questões sensíveis, tais como violências e preconceitos; perda do autocontrole ao revelar pensamentos e sentimentos nunca revelados; vulnerabilidade, discriminação e estigmatização pelo conteúdo revelado; constrangimento ou alterações de humor e medo de divulgação dos dados.

Como medidas protetivas e cautelares para sanar esses riscos, os participantes tiveram e terão seus nomes mantidos em total sigilo, garantindo confidencialidade e anonimato. Em conformidade com o Código de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, cada participante fez a escolha de seu codinome presente na escrita, de modo que só a própria pessoa tem a condição de se identificar ao ter contato com os resultados da pesquisa.

O compromisso da pesquisadora foi firmado por meio da assinatura do Termo de Responsabilidade de utilização de dados – APÊNDICE 1. Da mesma forma, cada participante assinou um Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) – APÊNDICE 2.

Por fim, no intuito de minimizar qualquer desconforto, foi assegurada total liberdade às pessoas participantes de falar somente o que lhe aprofundasse. Elas tinham o direito, inclusive, de não responder integralmente a qualquer questão, como também podiam optar por responder de forma parcial, tudo isso sem a necessidade de justificar suas razões.

Outro aspecto importante diz respeito à preocupação em se manter a privacidade e proteção das informações, inclusive em termos de autoestima. Caso fosse necessário, havia a possibilidade de providenciar acompanhamento psicológico com uma profissional, devidamente inscrita no Conselho Regional de Psicologia – CRP, o que não foi necessário durante todo o desenvolvimento da pesquisa.

2. CAMINHOS TEÓRICOS E SUPORTES POSSÍVEIS PARA SABER-CONHECER-FAZER-SER

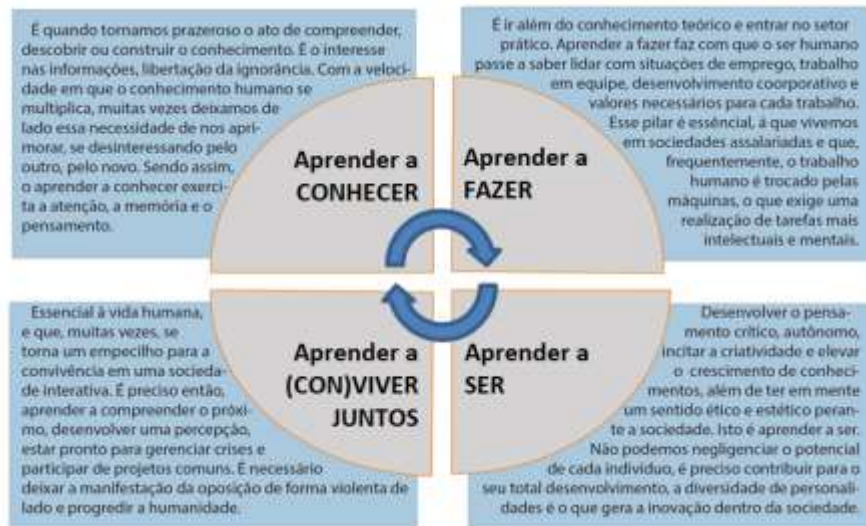
À educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permite navegar através dele.
(JACQUES DELORS, 2006)¹⁸

A escola, lugar onde nasceu toda inquietude da gênese desse projeto, é lócus que abarca grandes interações e complexidades, com as demarcações identitárias e de múltiplos estilos, muitas vezes antagônicos. Toda a pluralidade presente nesse meio foi o ponto de partida para os possíveis caminhos dessa pesquisa. Por vivenciar esse território tão diverso e constantemente agitado, buscando rotas possíveis para fugir de uma padronização hegemônica de corpos e identidades, encontrei na cartografia uma possibilidade de enfrentamento que remete aos quatro pilares para a educação do século XXI, descritos por Jacques Delors (1998) no relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI para UNESCO, quais sejam:

- *Aprender a conhecer*: indica o interesse, a abertura para o conhecimento, que verdadeiramente liberta da ignorância;
- *Aprender a fazer*: mostra a coragem de executar, de correr riscos, de errar mesmo na busca de acertar;
- *Aprender a conviver*: traz o desafio da convivência que apresenta o respeito a todas as pessoas e o exercício de fraternidade como caminho do entendimento; e, finalmente,
- *Aprender a ser*: que, talvez, seja o mais importante, por potencializar a cidadania e os direitos humanos de viver quem é.

¹⁸ Trecho do relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI para UNESCO – Jaques Dellors. 2006, p. 86

QUADRO 3: Pilares da Educação



Fonte: Adaptado pela pesquisadora de Jacques DELORS, 2006.

Esse objetivo compactua com o conceito de educação ao longo de toda a vida, com as articulações que se desenvolvem entre a família e a escola para se atingir uma sociedade em que “todos, sem exceção, façam frutificar os seus talentos e potencialidades criativas, o que implica, por parte de cada um, a capacidade de se responsabilizar pela realização do seu projeto pessoal” (Jacques DELORS, 2006, p. 16), de forma que, mesmo desenvolvendo os projetos pessoais, não se distanciem da (sobre)vivência com o outro:

“[...]viver juntos desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção das interdependências – realizar projetos comuns e preparar-se para gerir conflitos – no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz”. (Jacques DELORS, 2006, p. 102)

Nesse projeto, a ideia é trabalhar com a cartografia, não como um mapa fechado ou cartesiano, mas cartografar como “a arte de construir um mapa sempre inacabado, aberto, composto por diferentes linhas, sendo conectável, desmontável, reversível, suscetível em receber modificações constantemente” (Gilles DELEUZE & Félix GUATTARI, 1996, p.21).

2.1. Teorias de enfrentamento do (cis)tema hegemônico.

*Enquanto a violência dos opressores
faz dos oprimidos homens proibidos de ser,
a resposta destes à violência daqueles
se encontra infundida do anseio de busca do direito de ser.*
(PAULO FREIRE, 2017)¹⁹

As juventudes passam a comparar a imagem construída de si mesmo com as imagens que as outras pessoas percebem. As identidades, então, vão sendo construídas, à medida em que as juventudes começam a descobrir suas habilidades, preferências, desejos e características, nessa dicotomia entre o ‘eu’ e o ‘outro’.

As crenças que foram impostas ao longo da infância e adolescência vêm à tona, e as juventudes sentem dificuldades em relatar os sentimentos a si mesmas. É como se elas se enxergassem em um quarto repleto dos espelhos, no qual aparecem em todas as imagens, e, apesar disso, não se sentem pertencentes a nenhuma delas.

Quando o “eu” busca fazer um relato de si mesmo, pode começar consigo, mas descobrirá que esse “si mesmo” já está implicado numa temporalidade social que excede suas próprias capacidades (Judith BUTLER, 2017a, p. 18). Afinal, as experiências são modeladas através de todas as (con)vivências e influências sociais, na busca de seu próprio lugar no mundo.

Sendo a “identidade” assegurada por conceitos estabilizadores de sexo, gênero e sexualidade, a própria noção de “pessoa” se veria questionada pela emergência cultural daqueles seres cujo gênero é “incoerente” ou “descontínuo”, os quais parecem ser pessoas, mas não se conformam às normas de gênero da inteligibilidade cultural pelas quais as pessoas são definidas. (Judith BUTLER, 2017, p. 43).

O gênero não deve ser construído como uma identidade estável ou um locus de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuamente construída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos. O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pelo qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a formação de um eu permanentemente marcado pelo gênero. Essa formulação tira a concepção do gênero do solo de um modelo substancial da identidade, deslocando-a para um

¹⁹ Trecho do livro *Pedagogia do oprimido*. FREIRE, Paulo. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra. 2017, p. 59.

outro que requer concebê-lo como uma temporalidade social constituída. (Judith BUTLER, 2017, p. 200, grifos nossos).

Significa dizer que um campo de pesquisa está ininterruptamente sendo mapeado, não se esgotando, exaurindo ou acabando. É dizer, ele está sempre aberto a novas construções e significações.

Examinar o *status quo* para desnaturalizá-lo, o que significa envolver-se na ambiciosa tarefa de explorar modos alternativos de pensar, falar e potencialmente fazer determinadas práticas sociais e, concomitantemente, remodelar as metodologias de pesquisa para que elas não se constituam como ferramentas de reprodução social. (Denise GASTALDO et al., 2012, p. 10-11)

É justamente a partir dessa exploração de modos alternativos de pensar, falar, fazer e ser que encontro nas epistemologias da teoria pós-crítica caminhos teóricos e suportes possíveis. De acordo com Marluce Paraíso (2004, p. 288-289), os caminhos possíveis para as pesquisas pós-críticas são: **i)** das relações de poder; **ii)** do sujeito (identidade, subjetividade e modos de subjetivação); **iii)** da descrição e análise da artificialidade da produção de saberes (conhecimentos, verdades, discursos)

Essas possibilidades se compatibilizam com os objetivos descritos na construção dessa tese, sendo, portanto, um caminho teórico a ser percorrido para o saber-conhecer-fazer-ser.

As teorias pós-críticas – que sofreram fortes influências do pós-estruturalismo, dos estudos feministas e de gêneros, da teoria queer, dos estudos decoloniais, multiculturalistas e da “filosofia da diferença” – possibilitam rupturas que apontam para a subversão, transgressão, abertura, multiplicação dos sentidos, fazeres, saberes para e nas diferenças.

A perspectiva pós-estruturalista, seus conceitos e principais pressupostos possibilitam conhecer e ampliar os horizontes no que se refere às relações de dominação presentes na sociedade, intituladas de *poder hegemônico*, no qual uma parte dominante da sociedade impõe os mecanismos simbólicos e as estratégias de dominação a outro grupo social compreendido como subordinado.

Há de se pensar que a dominação é exercida para além do aspecto econômico, abrangendo as questões étnico-raciais, de gênero e de sexualidade. Com as teorias pós-críticas, o mapa do poder pode ser ampliado para além da colonialidade hegemônica, fazendo refletir em todos os processos que implicam a descolonização da prática de categorização e dominação, nas quais se concentram costumes, conceitos e atitudes que reverberam sob a forma de ‘colonialidade do ser’.

O termo ‘colonialidade do ser’ decorre de grandes reflexões sobre as relações existentes entre a modernidade, a colonialidade e o mundo moderno/colonial:

A ‘ciência’ (conhecimento e sabedoria) não pode ser separada da linguagem; as línguas não são apenas fenómenos ‘culturais’ em que as pessoas encontram a sua ‘identidade’; elas também são o lugar onde se inscreve o conhecimento. E, dado que as línguas não são algo que os seres humanos têm, mas algo de que os seres humanos são, a colonialidade do poder e a colonialidade do conhecimento engendraram a colonialidade do ser [colonialidad del ser] (Walter MIGNOLO, 2003, p. 633).

A dimensão ontológica da colonialidade do poder é o que vai retratar a *colonialidade do ser*, isto é, a experiência vivida a partir dos conhecimentos e práticas do sistema mundo moderno/colonial em que se inferioriza, com o fim de oprimir e desumanizar, total ou parcialmente, determinados grupos de pessoas, enquanto outros grupos se apresentam como sendo a própria expressão da humanidade.

A *colonialidade do ser* refere-se ao processo pelo qual o senso comum e a tradição são marcados por dinâmicas de poder de carácter preferencial: discriminam pessoas e tomam por alvo determinadas comunidades. (Nelson MALDONADO-TORRES, 2008, p. 96).

[...] para sairmos da episteme colonizada, possivelmente teremos que investir em nossos olhares epistêmicos eurocêntricos e nos compreendermos como seres no mundo marcados, em nossa pele e sangue, por uma política do conhecimento racializada, classista e heterossexista, que nos invade com seus tentáculos tirando-nos a possibilidade de nos situarmos em saberes localizados também comprometidos com a dignidade humana. (Suely MESSEDER, 2013, p.7).

Cumpramos ressaltar ainda vivemos em um sistema eurocêntrico-colonial, patriarcal e heteronormativo, havendo consenso que, para sair dessa episteme colonizada e abrir possibilidades de embarcar na ideia da produção do pensamento decolonial, é imprescindível a construção de um projeto comum.

O conceito de pensamento decolonial tem sua origem em tempos mais remotos, a partir da luta de povos étnicos historicamente subalternizados pela colonização das Américas, em busca do direito à alteridade, bem como do direito de permanecerem dentro de sua esfera cultural, para a construção de outros modos de viver, de poder e de saber. Defender a opção decolonial – epistêmica, teórica e política – significa “compreender e atuar no mundo, marcado pela permanência da colonialidade global nos diferentes níveis da vida pessoal e coletiva” (Luciana BALLESTRIN, 2013, p.89).

Desta forma, é relevante visibilizar enfrentamentos contra a colonialidade a partir de pessoas e das suas respectivas práticas sociais, epistêmicas, ontológicas e políticas,

representando assim, uma estratégia que vai para além da transformação da descolonização. É necessário supor uma (re)construção e (re)criação de suas histórias, tendo como um dos objetivos a reformulação radical do ser, do poder e do saber. (Anibal QUIJANO, 2005; Walter MIGNOLO, 2003; Leandro COLLING & Marcelo TRÓI, 2017; Maria LUGONES, 2008; Nelson MALDONADO-TORRES, 2008).

A juventude, núcleo central desse estudo, transita nos contextos e territórios de sociabilidade familiar e escolar, dentre as categorias de identidades, alteridades, integralidade / violações e Direitos Humanos. Esses eixos interagem de forma dialética com as epistemologias da pedagogia crítica e o sistema decolonial, pois em muitos casos, tanto nas famílias quanto nas escolas, as diferenças de identidades sexuais e de gêneros não são compreendidas.

Vale frisar que os contextos observados se fundam na:

[...] matriz cultural por meio da qual a identidade de gênero se torna inteligível e exige que certos tipos de “identidade” não possam “existir” – isto é, aqueles em que o gênero não decorre do sexo e aqueles em que as práticas do desejo não “decorrem” nem do sexo nem do “gênero” (Judith BUTLER, 2017, p. 44 - grifos nossos).

É com base nos “tipos de identidades inteligíveis” que se estabelece uma ligação entre o que se produz e o que se pensa. O *elo*, na concepção de Marie-Christine Josso (2007), é justamente o que interliga “o que se faz”, “o que se sente” e “o que se pensa”. Esse liame pode, em certas circunstâncias, ser muito estreito, servindo de vínculo entre a profundidade complexa da *formação de si* e a permissão de contar a si mesma.

A juventude, como campo de discussões, juntamente às metodologias de histórias de vida, estabelece novos laços. Nesse momento é importante levantar a questão trazida por Judith Butler na sua obra “Corpos que importam – os limites discursivos do sexo”:

“Que desafio o domínio dos excluídos e abjetos produz a uma hegemonia simbólica que força a rearticular radicalmente aquilo que determina quais corpos importam, quais modos de vida contam como “vida”, quais vidas vale a pena proteger e salvar, que vidas merecem ser enlutadas?” (Judith BUTLER, 2019, p. 41)

Conforme mencionado acima, o conceito de *elos*, compreendido na concepção de Marie-Christine Josso (2007) como sendo o que as juventudes pensam, é importante por amarrar a teoria metodológica e por permitir avançar na identificação das (sobre)vivências juvenis, razão pela qual se torna o aporte teórico-metodológico central para a realização dos caminhos pausados e aprofundados nas trajetórias juvenis.

2.2 Para além da sigla LGBTQIA+: diferenças entre sexo, gênero, orientações e identidades sexuais

*“Falar do direito à diferença nunca é o mesmo
que reivindicar direitos iguais para todos.
O direito à diferença exige a especificidade
sem desvalorização, a alternativa sem culpabilização”*
(ANA CRISTINA SANTOS, 2004)²⁰

A fluidez e a rapidez das mudanças que constituem a população LGBTQIA+ no contexto brasileiro impõem que se faça uma reflexão sobre as perspectivas dos estudos de gênero e da sexualidade, como forma de compreender as diferenças que envolvem as identidades representadas pela sigla.

Partimos, portanto, da compreensão entre sexo e gênero, identidades de gênero e orientação sexual, sobretudo, nos pensamentos de Judith Butler, autora que revolucionou os estudos feministas e diagnosticou a emergência em refletir sobre as relações e construções de sexo e gênero, pensando nas performances e nas condições de vidas da sociedade generificada.

A autora compreende “sexo” como “parte de uma prática regulatória que produz corpos que governa” (Judith BUTLER, 2019, p.15).

Em outras palavras, “sexo” é um constructo ideal forçosamente materializado ao longo do tempo. Não se trata de um simples fato ou uma condição estática do corpo, mas de um processo no qual normas regulatórias materializam o “sexo” e alcançam essa materialização com uma reiteração forçada dessas normas [...] As normas regulatórias do “sexo” trabalham de forma performativa para construir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual (Judith BUTLER, 2019, p.16).

Esse imperativo heterossexual governa inteligibilidades, fazendo com que “[...] determinadas práticas e ações sejam reconhecidas como tais, impondo uma grelha de

²⁰ Citação retirada do livro *Indisciplinar a teoria: estudos gays, lésbicos e queer*. CASCAIS, Antônio Fernando e SANTOS, Ana Cristina. (Org.). Lisboa: Fenda, 2004 p. 167-168.

legibilidade sobre o social e definindo os parâmetros do que será e do que não será reconhecido como domínio do social” (Judith BUTLER, 2014, p. 253).

O sexo é socialmente determinado, não se configurando apenas como um mero elemento da natureza, pois, apesar de o “sexo biológico” ser comumente reduzido a um órgão sexual e ainda considerado como as marcas “naturais” do feminino e do masculino, reivindica-se a sua declaração baseado em comportamentos e performatividades expressadas pelo corpo, o que pode ou não tornar a pessoa inteligível para a sociedade como homem e/ou como mulher.

Já a palavra gênero era exclusivamente utilizada para diferenciar homens de mulheres, com conceitos carregados de pressupostos de dominação na relação entre os gêneros, privilegiando o patriarcado através das relações de poder firmadas historicamente. A partir do movimento feminista na década de 1960, esses conceitos passaram a ser reformulados sob novas denominações e interpretações.

Os movimentos feministas – que cobrem a segunda metade do século XX – esclareceram que os indivíduos não se constituem por si só, mas sim, nas interações sociais.

Nos anos 1980, Joan Scott, em seu artigo originalmente publicado em 1986, *Gender a Useful Category of Historical Analysis*, e posteriormente traduzido em 1990 no Brasil com o título *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, apresentou novas perspectivas ao estudo de gênero, estabelecendo uma categoria relacional: “O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é o primeiro modo de dar significado às relações de poder.” (Joan SCOTT, 1995, p. 14).

A autora define gênero como o conjunto dos sentidos dinâmicos (não biologicamente determinados), construídos nas relações de poder que sustentam o convívio entre homens e mulheres. Já em 1988, com a publicação de seu livro *Gender and Politics of History*, ela aponta a necessidade de radicalizar mais epistemologicamente, não objetivando encontrar a origem das hierarquias de gêneros, mas sim, os processos que possibilitam sua construção.

Examinar gênero concretamente, contextualmente e de considerá-lo um fenômeno histórico, produzido, reproduzido e transformado em diferentes situações ao longo do tempo. Esta é ao mesmo tempo uma postura familiar e nova de pensar sobre a história. Pois questiona a confiabilidade de termos que foram tomados como auto evidentes, historicizando-os. A história não é mais a respeito do que aconteceu a homens e mulheres e como eles reagiram a isso, mas sim a respeito de como os significados subjetivos e coletivos de homens e mulheres, como categorias de identidades foram construídos (Joan SCOTT, 1995, p. 19).

O gênero não seria a diferença sexual no que tange ao essencialismo biológico, e, sim, as relações e as representações de poder concretizadas a partir dessas divergências sexuais, que definem como os sexos estabelecem suas relações (Joan SCOTT, 1995). Estas, por sua vez, são estruturadas sob um determinismo binário, onde um será estigmatizado/marginalizado em prol do outro, que será o natural, normal ou socialmente aceito.

Judith Butler, que em 1990 publicou *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*, traduzido somente no ano de 2003 para o português, com o título “*Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*”, destacou a necessidade de subverter a ordem compulsória, desmontando a obrigatoriedade entre sexo, gênero e desejo. A proposta ressaltada é esquecer as identidades que rotulam e fixam realidades numa alegoria de masculino/feminino.

A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito. Quando o status construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que *homem e masculino* podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e *mulher e feminino*, tanto um corpo masculino como um feminino. [...] Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado sexo seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nula. (Judith BUTLER, 2017, p. 26-27, grifos nossos).

A discussão das temáticas de gêneros e sexualidades não engloba todas as possibilidades de explicação dos efeitos sociais da vida humana que se relacionam aos diálogos que versam sobre diferenças, estereótipos, tabus, conceitos, preconceitos e crenças. Quando trabalhado, se atém apenas aos efeitos hormonais, da genética e dos cromossomos sexuais, dos instintos da reprodução ou das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). Porém, são diversas as formas de sexualidades possíveis, na medida em que o corpo biológico não corresponde necessariamente ao corpo sexual.

A abordagem de gênero pode resultar em uma forma de reforçar as operações reguladoras ou de rompê-las: um discurso restritivo sobre gênero que insista no binarismo homem e mulher “como a maneira exclusiva de entender o campo do gênero atua no sentido de efetuar uma operação reguladora de poder que naturaliza a instância hegemônica e exclui a possibilidade de pensar sua ruptura” (Judith BUTLER, 2014, p. 254).

Os gêneros vão sendo constituídos no cotidiano das instituições e práticas sociais, e mutuamente, as práticas sociais e as instituições vão sendo constituídas pelos gêneros. Portanto, estas práticas e instituições

"fabricam" os sujeitos. [...] a justiça, a igreja, as práticas educativas ou de governo, a política, etc. são atravessadas pelos gêneros: essas instâncias, práticas ou espaços sociais são "generificados" - produzem-se, ou "engendram-se", a partir das relações de gênero (mas não apenas a partir dessas relações, e sim, também, das relações de classe, étnicas, etc.) (Guacira LOURO, 2001, p. 25).

As (sobre)vivências juvenis marcadas pelas relações de gênero, classe, raça, etnia entre outras relações sociais e culturais acessam elementos e experiências que se apresentam como construto de suas identidades sexuais e de suas identidades de gênero. A este respeito, Guacira Lopes Louro aponta que “suas *identidades sexuais* se constituiriam, pois, através das formas como vivem sua sexualidade, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros/as”. A autora aponta ainda que, “por outro lado, os sujeitos também se identificam, social e historicamente, como masculinos ou femininos e assim constroem suas *identidades de gênero*” (Guacira LOURO, 2001, p. 26, grifos originais). Ressalta-se que

as [...] identidades (sexuais e de gênero) estão profundamente inter-relacionadas; nossa linguagem e nossas práticas muito frequentemente as confundem, tornando difícil pensá-las distintivamente. No entanto, elas não são a mesma coisa. Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e, ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres, etc). O que importa aqui considerar é que - tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade - as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento (Guacira LOURO, 2001, p. 27).

Concordando com a premissa de que as identidades são construídas processualmente, não podemos eleger uma etapa da vida que se coloque como específica ou central para o estabelecimento ou momento definitivo da constituição das identidades sexuais ou das identidades de gênero, haja vista que

não é possível fixar um momento seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade - que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja "assentada" ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação

[...] Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo. Essas construções e esses arranjos são sempre transitórios, transformando-se não apenas ao longo do tempo, historicamente, como também transformando-se na articulação com as histórias pessoais, as

identidades sexuais, étnicas, de raça, de classe (Guacira LOURO, 2001, p. 27 e 28, grifos nossos).

Tendo em vista todas essas relações, não podemos desmerecer as expressões corporais em vivenciar prazer e afeto, sobretudo nas juventudes, em seu universo marcado por desejos conflitivos e flutuantes dos comportamentos sexuais, na construção de um processo de aprendizado e reflexão, por meio do qual se consegue elaborar a percepção de quem somos, onde tudo vai depender das relações socioculturais às quais tais jovens estão submetidos, vivenciam e se expressam.

Por tais razões, princípios educacionais que objetivam a construção de uma educação sexual compreensiva, ou integral, múltipla, aberta, completa e diversa, problematizam a produção que se dá culturalmente a partir de experiências das pessoas, correlacionadas com os corpos, prazeres, sensações, linguagens, representações, desejos, identidades, crenças, etc. Posto isso, a questão que envolve as sexualidades na escola, não devem apenas limitar-se na materialidade e funções biológicas (hormônios, órgãos sexuais, reprodução, gravidez, entre outros temas), mas compreendê-la e dialogar com as formas singulares e plurais de vivê-la. (Karine SILVA, 2015, p.120).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 2000), baseados na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Lei nº 9.394/96 (BRASIL, 1996) – trazem a sexualidade como tema transversal a serem trabalhados nas escolas, mas o que de fato ocorre, em muitos dos casos, é o que já foi mencionado, uma discussão rasa, pautada apenas nos aspectos fisiológicos:

Geralmente o fazem por meio da discussão sobre a reprodução humana, com informações ou noções relativas à anatomia e fisiologia do corpo humano. Essa abordagem normalmente não abarca as ansiedades e curiosidade das crianças, nem o interesse dos adolescentes, pois enfoca apenas o corpo biológico e não inclui a dimensão da sexualidade. (BRASIL, 1997, p. 292, grifos nossos).

Uma vez que a sexualidade é elencada como tema transversal, podendo ser trabalhada em quaisquer áreas de conhecimento, acaba, em muitos casos, não sendo debatida a fundo por nenhuma das disciplinas, ou seja, diante da superficialidade da abordagem é silenciada.

E assim, segue sem conseguir romper as barreiras do preconceito, da intolerância social, e, sobretudo, dos pilares da sociedade patriarcal, sendo mantida fora do alcance do conhecimento. A desinformação acaba contribuindo para suscitar conflitos e atenuar ações preconceituosas. Mesmo porque, muitas violências decolam de reconstruções do sexual, de ressignificações dos corpos, de relações afetivas e da libido e se reforçam por estereótipos e

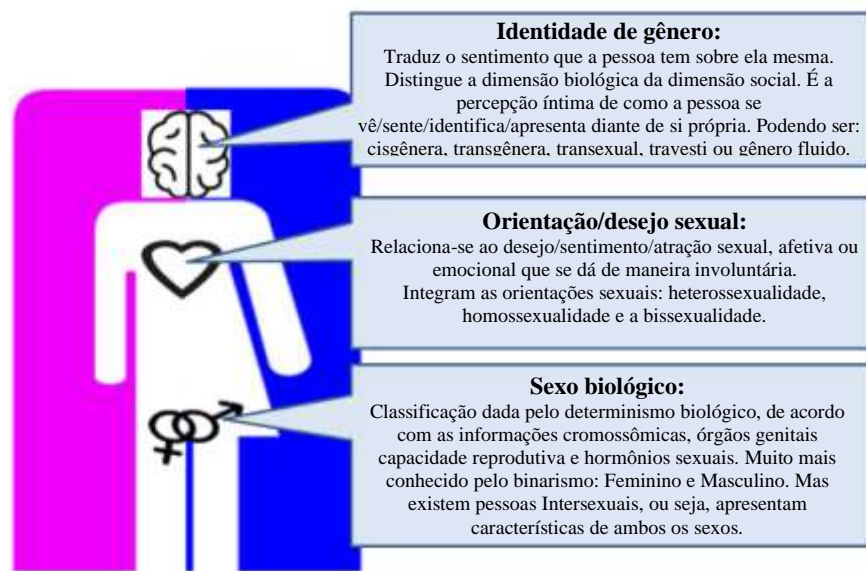
discriminações contra o outro. (Mary CASTRO; Mírian ABRAMOVAY; Lorena SILVA, 2004).

As vivências juvenis são compostas pela formação do processo para a constituição das identidades às experimentações e escolhas dos caminhos a serem trilhados. A formação identitária é um processo dinâmico que vai sendo construído ao longo de toda a vida, compondo três dimensões (biológica, individual e social/relacional) que são completamente interdependentes.

Portanto, ao descobrir suas habilidades, preferências e características, as juventudes passam a confrontar a imagem que constroem de si mesma com a que as outras pessoas lhe atribuem, e, assim, sua identidade vai sendo construída. O processo de formação dessa identidade é algo que se estende por toda a vida.

É possível vislumbrar ainda, tendo em vista os conceitos de sexualidades e gênero, outras categorias que compõem a identidade sexual e de gênero das pessoas, e que correspondem às suas multifaces, tais como as definições de Sexo Biológico, Identidade de Gênero, Orientação/desejo Sexual e Performatividade, conforme a didática explicação ilustrada na Figura 3 e descrições que seguem:

Figura 3 – Infográfico - Diversidade Sexual



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2023. Baseado no *The Genderbread Person*.

O conceito de “sexo biológico” se refere à anatomia sexual do indivíduo, às características sexuais primárias, ou seja, aos órgãos sexuais que cada ser possui. Destarte, gênero biológico se resume ao masculino ou feminino pela presença dos órgãos genitais (Verena STOLCKE, 1991). Enquanto que intersexual é a pessoa que apresenta, de alguma forma, características biológicas tanto masculinas como femininas, através da coexistência de tecidos testiculares e ovarianos que irão determinar a ambiguidade sexual da pessoa.

Gênero não é exatamente o que alguém “é” nem é precisamente o que alguém “tem”. Gênero é o aparato pelo qual a produção e a normalização do masculino e do feminino se manifestam junto com as formas intersticiais, hormonais, cromossômicas, físicas e performativas que o gênero assume. Supor que gênero sempre e exclusivamente significa as matrizes “masculino” e “feminina” é perder de vista o ponto crítico de que essa produção coerente e binária é contingente, que ela teve um custo, e que as permutações de gênero que não se encaixam nesse binarismo são tanto parte do gênero quanto seu exemplo mais normativo (Judith BUTLER, 2014, p. 253).

Já “identidade de gênero” (Judith BUTLER, 2017) engloba os variados aspectos da vida social que estão relacionados com a forma de como o indivíduo se vê, se sente, se identifica, se apresenta para si e para a sociedade, podendo ou não estar de acordo com o gênero/sexo que lhe foi atribuído no nascimento.

A noção de que pode haver uma “verdade” do sexo, como Foucault a denomina ironicamente, é produzida precisamente pelas práticas reguladoras que geram identidades coerentes por via de uma matriz de normas de gênero coerentes. A matriz cultural por intermédio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de “identidade” não possam “existir” — isto é, aquelas em que o gênero não decorre do sexo e aquelas em que as práticas do desejo não “decorrem” nem do “sexo” nem do “gênero”. Nesse contexto, “decorrer” seria uma relação política de direito instituído pelas leis culturais que estabelecem e regulam a forma e o significado da sexualidade. Ora, do ponto de vista desse campo, certos tipos de “identidade de gênero” parecem ser meras falhas do desenvolvimento ou impossibilidades lógicas, precisamente por não se conformarem às normas da inteligibilidade cultural. (Judith BUTLER, 2017, p. 27, 44; grifos nossos).

Em suas relações – sejam no público ou privado – cada pessoa emancipada²¹ e consciente de sua identidade, mesmo que transgredindo tais normas de gêneros estabelecidas pelas leis de inteligibilidades culturais e ditas coerentes, revela-se na totalidade e nas

²¹ Para ampliar debate sobre emancipação é válido a leitura de Vanessa Cavalcanti e Antônio Carlos Silva (2015).

conjunturas socializadoras que convive, tais como família, escola e sociedade – ainda que apenas em ‘brisas emancipatórias’ (Vanessa CAVALCANTI & Antônio Carlos SILVA, 2015).

Ao falarmos em diferenças sexuais e/ou diversidade de gêneros, evidenciamos a existência de mais que dois gêneros, no entanto muitas pessoas borram a dicotomia de gênero (Leandro COLLING, 2018, p. 32).

A sociedade, via de regra, trabalha para que todas as pessoas tenham apenas uma identidade de gênero, determinada pelo sexo, e que essa seja a tida normal e natural. [...] essa dicotomia não contempla uma série de pessoas, inclusive pessoas que se identificam como heterossexuais. Por exemplo, um homem heterossexual mais afeminado muito provavelmente irá sofrer algum tipo de preconceito porque ele não está sendo um “homem de verdade”. Para isso, ele precisa ser másculo ou até bruto e violento (Leandro COLLING, 2018, p. 32).

As pessoas que se encontram dentro da conformidade desse binarismo, que se identificam com o gênero que lhes foi determinado socialmente no nascimento devido às suas características morfológicas sexuais, são as pessoas *cisgêneras*. Já as pessoas que não se identificam com esse gênero atribuído no nascimento e que transgridem tais normas de gêneros, podem ser identificadas como *travestis, transexuais ou transgêneras*.

Todas as distinções que quisermos fazer entre travestis, transexuais e pessoas trans em geral são muito precárias e arriscadas porque existe uma variedade de modos de ser entre essas pessoas [...] estamos falando de identidades e cada identidade é composta por um grande leque de características que nunca deixam de ser criadas e recriadas. Não podemos criar categorias tão rígidas [...] Por isso, sempre que estamos falando de identidades, o fundamental é respeitar o modo como as pessoas desejam ser identificadas. Ou seja, as pessoas que se identificam como transexuais possuem diferenças em relação às travestis. E essas diferenças não podem ser reduzidas a ter ou querer ter determinado órgão sexual. Existem modos de ser travesti e modos de ser transexual que irão fazer com que as pessoas se identifiquem ou não com essas identidades (Leandro COLLING, 2018, p. 34, grifos nossos).

Chamo atenção ainda para as pessoas que confrontam completamente a cisheteronormatividade compulsória. Podem ser *não binárias ou pessoas de gênero fluido*, aquelas que não se identificam com o binarismo masculino x feminino e se identificam com os gêneros de maneira inconstante, uma vez que flutuam entre o ser/se fazer homem ou mulher. É uma identidade de gênero marcada pela capacidade de fluir e não se limitar por permanências, e pode ou não ter relação com orientação sexual. Uma pessoa de gênero fluido pode, a qualquer momento, identificar-se como homem, mulher, neutra ou qualquer outra

identidade não binária, ou alguma combinação de identidades. Seu gênero também pode variar de forma aleatória ou em resposta a diferentes circunstâncias.

Independente da identidade de gênero da pessoa, em todas as situações acima citadas, elas podem se identificar com as mais diversas orientações sexuais, como por exemplo, um homem que nasce com órgão genital masculino, mas se identifica como uma mulher, ou seja, é biologicamente homem, entretanto possui identidade de gênero feminina. Essa mulher trans pode ser heterossexual, lésbica (homossexual), bissexual, etc.

Portanto, é importante compreender que essas orientações sexuais se combinam com as identidades de gênero e independem do sexo biológico. As mais diversas orientações sexuais e identidade de gêneros que compõem a sigla LGBTQIA+ estão elencadas abaixo:

- Heterossexuais – pessoas que se atraem, desejam e se relacionam afetivamente e sexualmente com pessoas do gênero oposto;
- Homossexuais – pessoas que se atraem, desejam e se relacionam afetivamente e sexualmente com pessoas do mesmo gênero. Usualmente diferenciados por *lésbicas*, nos casos das *mulheres*, e *gays*, no caso dos *homens*;
- Bissexuais – pessoas que se atraem, desejam e se relacionam afetivamente e sexualmente com ambos os sexos;
- Travestis – ‘pessoas que possuem um corpo lido como masculino e que se identificam fortemente com o universo feminino e, por isso, realizam mudanças corporais e comportamentais’ (Leandro COLLING, 2018, p. 34);
- Transexuais e Transgêneras – pessoas que se opõem ao gênero determinado no nascimento, TRANSgredindo e TRANScendendo o *cistema* heteronormativo que a sociedade impõe. Elas assumem uma identidade oposta ao gênero que nasceu, pois se sentem pertencentes ao gênero oposto ao que lhes foi atribuído no nascimento. Uma identidade ligada ao psicológico e não do físico, pois nestes casos pode haver ou não uma mudança cirúrgica/fisiológica para (re)adequação sexual.
- Assexuais – são as pessoas que não possuem nenhum interesse sexual, o que pode vir acompanhado ou não de desinteresse afetivo/amoroso;
- Queer – na tradução literal a palavra, queer significa estranho e sempre foi usada como ofensa às pessoas LGBTs. No entanto, a comunidade

LGBT se apropriou do termo e hoje é uma forma de designar todos que não se encaixam na heterocisnormatividade. Relaciona-se às pessoas que não se identificam com padrões binários de gênero, ‘prática de vida que se coloca contra as normas socialmente aceitas’ (Leandro COLLING, 2018, p. 26).

- Assexuais – são as pessoas que não possuem nenhum interesse sexual, o que pode vir acompanhado ou não de desinteresse afetivo/amoroso;
- Pansexuais – muitas vezes confundidas com as bissexuais, por ter atração afetiva sexual por pessoas, independente da identidade de gênero ou sexo;

A palavra pansexual deriva do prefixo grego “pan”, que significa “tudo”. Pansexualidade é a atração sexual ou afetiva por uma pessoa independentemente de sua identidade de gênero ou sexo. Assim como nas demais identidades de gênero e orientações sexuais, o que vale, ou deveria valer, é a forma como as próprias pessoas se identificam e não qual a categoria que o outro vai utilizar para enquadrar o gênero e sexualidade da pessoa. (Leandro COLLING, 2018, p. 49, grifos nossos).

É no meio desse processo e atravessado por todos esses fios que as identidades e orientações sexuais se constituem e se re-configuram, nunca como algo essencial e definido, mas sempre de forma relacional e fluida. Sendo assim, podemos entender que “as nossas identidades são culturais, ou seja, não são completamente inatas, naturais, ou determinadas por algum componente genético” (Leandro COLLING, 2018, p9).

2.3. O revelar e o revelar-se na formação de si.

*Certas palavras não podem ser ditas
em qualquer lugar e hora qualquer.
Estritamente reservadas
para companheiros de confiança,
devem ser sacralmente pronunciadas
em tom muito especial,
lá onde a polícia dos adultos
não adivinha nem alcança.
Entretanto são palavras simples:
Definem partes do corpo,
movimentos, actos do viver*

*que só os grandes se permitem
e a nós é defendido
por sentença dos séculos.
E tudo é proibido. Então, falamos.*

(CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, 2016)²²

A construção identitária não é algo imutável, pelo contrário, como não pode ser considerada inata, pois não nasce com as pessoas, vai sendo formada através das interações sociais. Sendo assim, são fluidas, instáveis e podem ser moldadas de acordo com suas vivências, comportando relações positivas de inclusão e/ou negativas de exclusão, além de ter sempre duas dimensões: a primeira, como a própria pessoa se vê e se revela – identidade, e a segunda como a pessoa é vista ou revelada na sociedade – alteridade.

Conseguir se afirmar socialmente e enfrentar um padrão normativo que impera e rege a cultura hegemônica heterossexista da sociedade é complicado, um processo bastante complexo, sendo uma verdadeira (re)construção identitária e uma (re)afirmação sociopolítica importante para o revelar-se, devido à presença marcante de estigmas, preconceitos e rotulagens que circundam todos os meios de sociabilidade que essas pessoas possam pertencer e (con)viver.

“A não-valorização da vida como opção é uma afronta ao sujeito ético-moral. O não-reconhecimento (absoluto ou relativo) do indivíduo retira da sua essência o valor mais precioso: a humanidade.” (Vanessa CAVALCANTI & Antônio Carlos SILVA, 2016, p. 76).

Então, faz-se necessário compreender que as identidades vão sendo (re)veladas, (re)formuladas e (re)construídas dentro dos discursos, no âmbito dos constructos pessoais e sociais, impossíveis de serem dissociados. Estes, por sua vez, são demarcados e aprisionados pelo machismo, racismo e heterossexismo, que fazem com que as pessoas se sintam inferiorizadas, diferenciadas e excluídas, ‘fora’ do que é dito ‘aceito e normal’.

Jonh W. Creswell (2010), ao citar as ideias de Rossman e Rallis (1998), propõe a definição de algumas características do estudo com abordagem qualitativa, dentre as quais, vou chamar atenção para seguintes: (A): a utilização de métodos que são interativos e humanísticos e que têm envolvido, cada vez mais, a participação ativa das pessoas

²² Poema *Certas palavras*, de Carlos Drummond de Andrade, retirado do livro **Vou crescer assim mesmo: poemas sobre infância**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2016, p. 16.

integrantes do estudo; (B): a busca do pesquisador pelo envolvimento dos participantes no estudo e o estabelecimento de uma relação de harmonia e credibilidade com as pessoas; e, (C): a necessidade que o pesquisador tem de ver os fenômenos de maneira holística, refletindo sistematicamente sobre o seu papel na investigação.

Aproveitando todas essas características presentes no grupo formado e com intenção de captar a representação juvenil através de um número maior de participantes, propus algumas dinâmicas para coletar emoções, sentimentos e entendimentos sobre as principais relações sociais relativas às formações identitárias. Essa participação ativa e interativa aconteceu com a utilização do site *Mentimeter*²³, com o objetivo de formar Nuvens de Palavras (NP), que são imagens compostas por palavras, cujos tamanhos indicam sua frequência ou importância.

As NP, para além do apelo gráfico-ilustrativo, podem ser utilizadas como uma alternativa objetiva e valiosa para as análises do conteúdo, pois podem acrescentar transparência e fornecer possíveis *insights* para o reconhecimento de padrões e sentimentos ocultos entre as ideias expressas.

Para a realização dessa dinâmica, o link do site *Mentimeter* foi compartilhado com a solicitação ao grupo para que fossem preenchendo o formulário com cinco palavras que mais fossem capazes de representar as três situações de suas formações identitárias.

FIGURA 3 – Nuvem de palavras – *Mentimeter* – Descobertas identitárias.



Fonte: Captação realizada pela autora em março de 2021.

²³ O *Mentimeter* é um recurso digital que permite criar interações em tempo real. É possível realizar enquetes, nuvem de palavras ou coleta de dados/opiniões. É uma ferramenta que permite a investigação e/ou estímulo sobre o conteúdo que será abordado. Com esse recurso é possível criar interações para grandes grupos e tornar isso visível para todos. <https://www.mentimeter.com>

Nessa primeira situação, dezesseis pessoas responderam e as palavras mais representativas foram **aceitação, respeito, amor, resistência e força**. Entretanto, mesmo não aparecendo em repetição, é importante citar expressões que aparecem representando a complexidade da formação de si e da construção identitária das juventudes, tais como: **angústia, dor, receio, sofrimento, dúvidas, depressão, tristeza, exclusão, desgosto, confusa, luta, invisibilidade, cobrança**.

Por outro lado, fica a pista de que essa descoberta traz paz espiritual, compreensão, coragem, felicidade, liberdade, empatia, certeza, copaixão, renascimento, empoderamento, representatividade, igualdade, carinho, formação pessoal, família, construção, autoentendimento, acolhimento.

Para a segunda interação, a dinâmica foi a mesma. Após colocar no grupo do aplicativo *WhatsApp* o link do site *Mentiminter*, cada pessoa completou com cinco palavras que representasse suas experiências nas relações familiares. Dessa vez, ha participação foi um pouco maior, contando com a interação de vinte e três jovens.

As palavras que mais se destacaram coincidiram com os destaques da primeira, **amor e compreensão**, o que nos leva a concluir que a maioria das pessoas que respondeu encontrou no seio familiar, apesar de todas as dificuldades expressas nas demais palavras, o afago necessário.

As dificuldades também foram expressas e tiveram representatividade nos vocábulos **tristeza e expulsão** que estão com destaque muito próximos das anteriores. Em menor escala, surgiram palavras que fortalecem tal tristeza como: decepção, vergonha, choro, desrespeito, negação, falta de empatia, discussão, desconfiança, prisão, dor e tantas outras que na NP não ficaram destacadas, mas são muito relevantes para uma análise futura.

Carinho, respeito e paciência apareceram com um certa frequência também, deixando sugestões que, em menor escala, esse acolhimento existe. Abaixo a NP completa para as relações familiares.

FIGURA 4 - Nuvem de palavras – *Mentimeter* – Relações Familiares.



Fonte: Captação realizada pela autora em março de 2021.

Para a compreensão das experiências mais marcantes no campo educacional, apenas quatorze participantes responderam. O destaque maior ficou para a palavra **acolhimento**, seguida de: diferente, descoberta, respeito, compreensão, amor e medo.

Em escalas menores, talvez pela diversidade de palavras utilizadas, conseguimos encontrar sinônimos muito próximos, que deixaram indícios de que as (sobre)vivências no campo educacional podem ser desafiadoras (abandono, rejeição, exclusão, dentre outras), o que não descartou, pelo visto, a sensação de “acolhimento” entre pares.

FIGURA 5 - Nuvem de palavras – *Mentimeter* – Experiências no campo educacional.



Fonte: Captação realizada pela autora em março de 2021.

As simbologias representadas nas NP realizadas por meio de uma primeira aproximação com as pessoas que aceitaram participar desse grupo deixaram grandes indicações de que provavelmente seria escutado nas narrativas, possibilitando estabelecer ligações com as próximas metodologias aplicadas na investigação.

3. (SOBRE)VIVÊNCIAS JUVENIS E AS DIFERENÇAS QUE PULAM DO ARMÁRIO

*Não parece certo alguém
Que tem asas ser colocado
Dentro de uma caixa sem ver a luz do sol brilhar
Pra mim não faz sentido alguém
Que tem asas não ter o céu inteiro pra poder voar
Se tenho asas eu sei que o céu é o meu lugar.*
(PRISCILA ALCANTARA, 2017)²⁴

A juventude, de modo geral, é o período em que se vive mais livremente, ou pelo menos, com maior sensação de liberdade. É um momento de muitas descobertas, provavelmente pela aquisição de maior autonomia, de maior disponibilidade de tempo e da avidez na multiplicação de experiências. Adentrar nesse universo com inúmeros desejos, sonhos, narrativas e projetos, conduz a uma percepção por parte das juventudes de que elas possuem asas e um céu inteiro para voar.

No entanto, “não parece certo alguém que tem asas ser colocado dentro de uma caixa sem ver a luz do sol brilhar”. Esse trecho da canção da epígrafe deste capítulo representa a forma como o cis-tema hegemônico heteronormativo e opressor se comporta com as juventudes que transgridem tal norma e que vivenciam os primeiros conflitos internos e sociais concernentes à sexualidade, ao corpo, ao modo de ser, de sentir e de estar, de expressar e de se relacionar com contextos diferentes.

As diferenças às quais me refiro não tem um sentido identitário, estabelecido a partir da perspectiva da representação - as supostas características específicas de cada indivíduo ou grupo, que os distinguiriam de todos os outros. Ao contrário, refiro-me às diferenças no sentido daquilo que justamente vem abalar as identidades, estas calcificações de figuras, opondo-se à eternidade. O inatural, o intempestivo. Diferenças que fazem diferença. (Suely ROLNIK, 1995, p.1).

Suely Rolnik certamente está se referindo às diferenças que *pulam do armário*, abalando as identidades que o sistema hegemônico, com seu permanente domínio e controle,

²⁴ Trecho da música *Liberdade* da artista Priscila Alcântara, lançada em 2017.

historicamente impôs ao “calar a diferença, calcificar o existente, impotencializar a vida, travar a processualidade do ser, breçar a história” (Suely ROLNIK, 1995, p. 3).

O curso natural da processualidade do ser resulta em uma descolonização das sexualidades, nas quais se concentram costumes, conceitos, atitudes e performances que reverberam sob a forma de ‘colonialidade do ser’.

O termo ‘colonialidade do ser’ surgiu a partir de grandes reflexões sobre as relações existentes entre a modernidade e uma concepção de poder intrinsecamente ligadas à experiência colonial (Anibal QUIJANO, 2002).

A ‘ciência’ (conhecimento e sabedoria) não pode ser separada da linguagem; as línguas não são apenas fenômenos ‘culturais’ em que as pessoas encontram a sua ‘identidade’; elas também são o lugar onde se inscreve o conhecimento. E, dado que as línguas não são algo que os seres humanos têm, mas algo de que os seres humanos são, a colonialidade do poder e a colonialidade do conhecimento engendraram a colonialidade do ser [colonialidad del ser]. (Walter MIGNOLO, 2003, p. 633).

A dimensão ontológica da *colonialidade do poder* é o que vai retratar a *colonialidade do ser*, isto é, a experiência vivida a partir dos conhecimentos e práticas do sistema mundo moderno/colonial em que se inferioriza, oprimindo e desumanizando total ou parcialmente determinados grupos de pessoas, enquanto outras se apresentam como sendo a própria expressão da humanidade.

A Colonialidade do Ser refere-se ao processo pelo qual o senso comum e a tradição são marcados por dinâmicas de poder de carácter preferencial: discriminam pessoas e tomam por alvo determinadas comunidades. (Nelson MALDONADO-TORRES, 2008, p. 96).

[...] para sairmos da episteme colonizada, possivelmente teremos que investir em nossos olhares epistêmicos eurocêntricos e nos compreendermos como seres no mundo marcados, em nossa pele e sangue, por uma política do conhecimento racializada, classista e heterossexista, que nos invade com seus tentáculos tirando-nos a possibilidade de nos situarmos em saberes localizados também comprometidos com a dignidade humana. (Suely MESSEDER, 2013, p. 7).

Cumpramos ressaltar que, para sair dessa episteme colonizada do sistema eurocêntrico-colonial, patriarcal e heteronormativo e abrir possibilidades de embarcar na ideia da produção do pensamento decolonial, é imprescindível a construção de um projeto comum, no qual as diferenças sejam dialeticamente integradas entre categorias como juventudes, identidades, alteridade e direitos humanos.

O conceito de pensamento decolonial tem sua origem em tempos mais remotos, a partir da luta de povos étnicos historicamente subalternizados pela colonização das

Américas, em busca do direito à alteridade, bem como do direito de permanecerem dentro de sua esfera cultural, para a construção de outros modos de viver, de poder e de saber. Defender a opção decolonial – epistêmica, teórica e política – significa “compreender e atuar no mundo, marcado pela permanência da colonialidade global nos diferentes níveis da vida pessoal e coletiva” (Luciana BALLESTRIN, 2013, p. 89).

A proposta dos pós-coloniais, dos queer, em suma, dos saberes subalternos, é a de uma política da diferença, o reconhecimento de quem é diferente para transformar a cultura hegemônica. Uma política da diferença emerge como crítica do multiculturalismo e da retórica da diversidade, afirmando a necessidade de ir além da tolerância e da inclusão mudando a cultura como um todo por meio da incorporação da diferença, do reconhecimento do Outro como parte de todos nós (Richard MISKOLCI, 2017, p. 52, grifos nossos).

Dessa forma, é importante visibilizar enfrentamentos contra a colonialidade e a cultura hegemônica, a partir de pessoas, dos seus lugares de fala e das respectivas práticas sociais, epistêmicas, ontológicas e políticas, representando assim, uma estratégia que vai para além da transformação da descolonização, buscando uma (re)construção e (re)criação de suas histórias, ao traçar como um dos objetivos a reformulação radical do ser, do poder e do saber. (Anibal QUIJANO, 2005; Walter MIGNOLO, 2003; Leandro COLLING & Marcelo TRÓI, 2017; Maria LUGONES, 2008b; Nelson MALDONADO-TORRES, 2008).

Para tal reformulação, nos apropriamos dos conhecimentos da interseccionalidade como vertente epistemológica que possibilita uma análise mais detalhada das variadas formas de opressão do sistema hegemônico. Aplicam-se lentes convergentes de múltiplas categorias, de modo que, nenhuma se sobrepõe à outra, nem tampouco agem de forma independente, mas se inter-relacionam, se interseccionam, se entrelaçam ou se cruzam.

Esse conceito importante para os estudos das relações sociais foi cunhado pela feminista norte-americana Kimberlé Crenshaw. Ela defende uma melhor compreensão das dinâmicas de opressão, dentre as mais diversas estruturas de poder, em conformidade com a Pedagogia do oprimido de Paulo Freire, (2017. p.134) que ensina que as ‘dimensões significativas que estão constituídas de partes em interação, ao serem analisadas, devem ser percebidas pelos indivíduos com dimensões da totalidade’.

Se alguém ‘é’ uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é (...) o gênero estabelece intersecções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas (...) se tornou impossível separar a noção de ‘gênero’ das intersecções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida. (Judith BUTLER, 2017, p. 21).

Portanto, não é possível trabalhar uma determinada temática, a exemplo da temática de gênero, de forma isolada, sem estabelecer conexões com outros fatores ou categorias de discriminação, tais como raça, religião, classe social, sexualidades, etc. Todos esses fatores estão imbricados e, historicamente, sofrem opressões, e por isso, estarão sempre, uma atrelada a outra. A ‘interseccionalidade é uma das ferramentas teórico-metodológicas possíveis para entender as múltiplas opressões’ (Dayane ASSIS, 2019, p.18).

Pensar a interseccionalidade é perceber que não pode haver primazia de uma opressão sobre as outras e que, sendo estas estruturantes, é preciso romper com a estrutura. É pensar que raça, classe e gênero não podem ser categorias pensadas de forma isolada, mas sim de modo indissociável. (Djamila RIBEIRO, 2019, p. 101).

Romper com a estrutura opressora dessas categorias, que cotidianamente ‘pulam do armário’ sobrevivendo com as diferenças nos contextos familiares e escolares em busca de seus lugares de fala e de re-existência, é o que baliza a condução desse estudo.

Em seu livro Lugar de Fala, a autora Djamila Ribeiro (2019) traz a importância da fala, não como ato de emitir palavras, mas como forma de poder existir, diante de uma hierarquização de saberes consequente da hierarquia social. “Quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de lócus social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência” (Djamila RIBEIRO, 2019, p. 64).

Tal ‘lócus social’ é o que determinará inclusive, as opressões vivenciadas por tantas pessoas que ficam impedidas e silenciadas por nosso sistema patriarcal, machista e heterossexista, que insiste em dominar os ambientes de socialização.

Com isso, pretende-se também, refutar uma pretensa universalidade. Ao promover uma multiplicidade de vozes o que se quer, acima de tudo, é quebrar com o discurso autorizado e único, que se pretende universal. Se não se nomeia uma realidade, nem sequer serão pensadas melhorias para uma realidade que segue invisível (Djamila RIBEIRO, 2019, p. 40 e p.70).

Portanto, evidencia-se a importância e urgência em trazer ao debate científico-acadêmico (sobre)vivências e histórias de vida que são historicamente silenciadas e abafadas armários adentro.

3.1.(Sobre)vivências em suas diferenças

*Como nos tornamos “nós”?
 Como nos tornamos “eles”?
 Como alguns se tornam “nós” e outros “eles”?
 Ou, talvez a melhor maneira de
 formular essa pergunta seja:
 de que modo os dispositivos de poder
 produzem a diferença entre o “nós” e “eles”?
 (LAURA MOUTINHO, 2014)²⁵*

Compreender de que modo os dispositivos de poder se relacionam com as (sobre)vivências juvenis e com as diferenças identitárias sexuais é o objetivo desse tópico. Diferenças que são “compostas e definidas por relações sociais, pois elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade” (Guacira LOURO, 2001, p.11)

Uma das premissas fundamentais das teorias pós-críticas, na perspectiva pós-estruturalista, é que o poder continua a coexistir nas diversas relações sociais, só que não apenas de forma centralizada, pois o poder está espalhado por toda a rede social.

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas, os indivíduos não só circulam, mas estão sempre na posição de exercer esse poder e de sofrer sua ação; nunca são alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica a indivíduos, passa por eles. (Michel FOUCAULT, 2004, p. 193)

As práticas discursivas de subjetivação nos contextos familiares, escolares e sociais são compatíveis com a produção de “corpos inteligíveis”, “úteis” e “dóceis”, quais sejam aqueles que são aceitos cultural e socialmente. É dizer, as pessoas que aceitam a imposição sociocultural de certas normas sem questioná-las se tornam passoa domesticadas, de tal forma que seus “corpos dóceis” são compreendidos como dignos de pleno respeito e legitimação social.

²⁵ Trecho retirado do texto: Diferenças e desigualdades negociadas: raça, sexualidade e gênero em produções acadêmicas recentes. Laura Moutinho. *Cadernos Pagu* (42), janeiro-junho de 2014. p201-248.

Por outro lado, as pessoas que não ‘se encaixam’ em tais normas são considerados “ilegítimos”, “abjetos”, “estranhos” e dignos de marginalização, ou seja, seus corpos não são legíveis dentro das instâncias preestabelecidas pela sociedade. É desse modo que os dispositivos de poder vão estabelecendo e produzindo as diferenças.

Michel Foucault, em sua obra “Vigiar e Punir – O Nascimento da Prisão” (2009), faz um convite a reflexões importantes sobre a produção/reprodução de discursos socioculturais. O autor discute a construção do corpo social baseado na forma como se processa a disciplinarização dos corpos diante da reprodução de tais regras e normas sociais. Segundo o autor, muitas vezes ocorre a transformação em “corpos dóceis”, saudáveis e obedientes à manutenção da ordem e da ideologia vigentes.

Sendo assim, “somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a um certo modo de viver ou morrer em função de discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder” (Michel FOUCAULT, 2009, p. 180). Esses efeitos nos levam a questionamentos e reflexões como:

De que se trata? De uma luta contra a sexualidade? De um esforço para assumir seu controle? De uma tentativa de melhor regê-la e ocultar o que ela comporta de indiscreto, gritante e indócil? De uma maneira de formular, a seu respeito, essa parte de saber que poderia ser aceitável ou útil sem mais? (Michel FOUCAULT, 2015, p. 115).

Essas questões possibilitam o fortalecimento da ideia central dessa tese, de que as juventudes sobrevivem em suas diferenças sexuais perante os julgamentos e condenações preconceituosas estabelecidas por essa relação de poder do sistema hegemônico, a qual se empenha na produção de uma sexualidade inquestionável e naturalmente rígida, causando exclusão para os corpos que não se moldam às regras estabelecidas, ao obstaculizar seu desenvolvimento pleno e saudável.

De fato, trata-se, antes, da própria produção da sexualidade. Não se deve concebê-la como uma espécie de dado da natureza que o poder é tentado a pôr em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvelar. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se aprende com dificuldade, mas à grande rede de superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação do discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. (Michel FOUCAULT, 2015, p. 115).

As estratégias de saber e de poder podem auxiliar no processo de autoconhecimento, compreensão e entendimento das pessoas, a fim de encontrar caminhos

para o enfrentamento de todas as barreiras para a construção da suas identidades e sociabilidades e assim, saber ser.

Para as (sobre)vivências juvenis, a captura de questões tais como a singularidade de pessoas, suas experiências e (con)vivências, seja no âmbito individual ou da coletividade à qual pertence, compõe os elos fundamentais para contextualizar a realidade na qual estão inseridas, o que configura um exercício dialógico e dual que produz uma escrita não mais de uma autoria, mas de autorias conectadas, autorizadas e reflexivas²⁶.

Pouco importa que se trate ou não de utopia; temos aí um processo bem real de luta; a vida como objeto político foi de algum modo tomada ao pé da letra e voltada contra o sistema que tentava controlá-la. [...] O “direito” à vida, ao corpo, à saúde, à felicidade, à satisfação das necessidades, o “direito” acima de todas as opressões ou “alienações”, de encontrar o que se é e tudo que se pode ser. (Michel FOUCAULT, 2015, p. 157).

Seria utópico (sobre)viver nas suas diferenças acima de todas as opressões que o sistema impõem? Vale lembrar que “a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis [...] A identidade hegemônica é permanentemente assombrada pelo seu Outro, sem cuja existência ela não faria sentido” (Tomaz SILVA, 2000, p. 75).

Tais aspectos inseparáveis das juventudes que, naturalmente, enfrentam inúmeras questões que contribuem para desestabilizar e assombrar o corpo e a mente, diante das diferenças sexuais, fazem com que *encontrar o que se é e tudo que se pode ser* se torne um desafio imensurável, desde o contexto familiar, onde (sobre)vivem mesmo dentro de casa, até nas (sobre)vivências e (re)existências presentes cotidianamente no contexto escolar.

²⁶ Não sendo bastante dedicatória e agradecimentos, se faz necessário ao longo de todo esse trabalho reafirmar a autoria coletiva. (Wayne BOOTH, Gregory COLOMB; Joseph WILLIAMS, 2012).

3.2. (Sobre)viver em casa e no contexto familiar

*"Nós somos iguais. Nós somos um clã,
e vamos sobreviver juntos."*
(OCTAVIA KOM SKAIKRU, 2014)²⁷

Viver, Ser e Aprender a (con)viver em uma sociedade tão preconceituosa, que ignora as diversas formas e expressões e festeja, somente, aquelas que ‘obedecem’ a norma pré-estabelecida, a partir de parâmetros coloniais patriarcais, machistas, racistas e hegemônicos, pode ser um reducionismo da complexa experiência social.

As “vidas” que não se amoldam nos quadros normativos querem, desejam e necessitam alcançar degrêds de possibilidades para tornar-se ‘vidas vivíveis’ (Judith Butler, 2015), acolhidas pela hospitalidade, alteridade e igualdade, e não apenas para obter um reconhecimento de suas identidades.

Se a família, - instituição humana, portanto cultural – não incorpora o outro em suas relações, fechando-se em si mesmo, nega o que constitui o próprio fundamento: o rompimento do isolamento das relações naturais para a expansão dos laços sociais de aliança como diferente. (Cynthia SARTI, 2004, p. 20)

Para que não haja o isolamento com as pessoas de diferentes identidades, sobretudo as dissidentes, é necessário pensar para além dos contextos familiares e sociais violadores e preconceituosos. É nessa conjuntura que a pesquisa educativa surge como ferramenta transformadora, capaz de apontar a urgente e ampla necessidade de promoção de espaços que problematizem as possibilidades de Ser, Estar e Conviver nas diferenças, para assim não mais falar (Sobre)vivências.

Na tentativa de fomentar aproximações epistemológicas em que as famílias sejam compreendidas como instituições multirreferenciadas e dinâmicas, eu escrevo em conformidade com a perspectiva anunciada por Cynthia Sarti (2004), por uma concepção de família como uma realidade de ordem simbólica – “que se delimita por uma história contada aos indivíduos e por eles reafirmada e ressignificada, nos distintos momentos e lugares da

²⁷ A frase é uma fala de Octavia kom Skaikru - personagem da série *The 100* – uma série de televisão americana desenvolvida por Jason Rothenberg, transmitida pela emissora The CW desde em março de 2014. A série é baseada no livro homônimo "The 100" (2013), o primeiro de uma série de Kass Morgan. No Brasil, a série foi exibida pela MTV, e agora é exibida pela Warner Channel.

vida familiar, considerando a relação da família com o mundo externo” (Cynthia SARTI, 2004, p.11).

Assim, amplia-se o pensar para o conceito de famílias, dadas as suas múltiplidades e inúmeras possibilidades de constituição, e não mais apenas família, criando assim uma fenda na ideia que reduz e limita a formação familiar apenas proveniente da unidade biológica cisheteronormativa, a partir da reprodução, excluindo todas as possibilidades de composições diferentes.

O surgimento desses novos modelos, constituídos a partir de diversos fenômenos sociais não marca um possível enfraquecimento da instituição família, como assegura os estudos realizados por Clarice Peixoto, François Singly & Vincenzo Cicchelli (2000).

As famílias atuais – que designo pelo termo de "modernas 2" – não estão em ruptura completa com essa família "moderna 1" na medida em que a lógica do amor se impôs ainda mais: os cônjuges só ficam juntos sob a condição de se amarem; os pais devem ainda dar mais atenção aos seus filhos. A família "moderna 2" se distingue da precedente pelo peso maior dado ao processo de individualização. O elemento central não é mais o grupo reunido, são os membros que a compõem. A família se transforma em um espaço privado a serviço dos indivíduos. Essa família "moderna 2" compõe-se com a individualização. Sua permanência se dá a esse preço, sua instabilidade também. Por isso, paradoxalmente, a família pode parecer frágil e forte: frágil, pois poucos casais conhecem antecipadamente a duração de sua existência, e forte porque a vida privada com uma ou várias pessoas próximas é desejada pela grande maioria das pessoas (sob certas condições, ou seja, se a família não é percebida como sufocante). A família deve ser designada, para nós, pelo termo de "relacional e individualista". E é nessa tensão entre os dois polos que se constroem e se desfazem as famílias contemporâneas. (Clarice PEIXOTO, François SINGLY & Vincenzo CICHELLI, 2000, p.15).

Essas diversas configurações familiares da contemporaneidade, que estabelecem tal abordagem relacional, vêm sofrendo mudanças significativas. A família é a primeira instância de sociabilidade dos seres e está presente em todos os tipos de sociedade. Ela é responsável pela transmissão inicial de valores, crenças e costumes de cada cultura onde está inserida.

Deste modo, Elisabeth Roudinesco (2003, p. 10) diz que a família é “célula de base da sociedade”, com força para sustentar as dinâmicas de (re)organizações e possibilitando uma pluralidade de formas. É o lugar do indispensável exercício de (con)viver, onde as relações se caracterizam pelo pleno serviço da reciprocidade, acolhimento gratuito e incondicional.

E, segundo Giancarlo Petrini (2009), a família é a única instituição em que as pessoas são ou deveriam ser acolhidas com suas individualidades em sua totalidade, o que não ocorrerá nas demais relações e interações sociais.

Partimos, então, da ideia de que a família se delimita, simbolicamente, a partir de um discurso sobre si própria, que opera como um discurso oficial. Embora culturalmente instituído, ele comporta uma singularidade. Cada família constrói sua própria história, ou seu próprio mito, entendido como uma formulação discursiva em que se expressam o significado e a explicação da realidade vivida, com base nos elementos objetiva e subjetivamente acessíveis aos indivíduos na cultura em que vivem. (Cynthia SARTI, 2004, p.13)

Dentro da singularidade de cada caso, de acordo com Vanessa Cavalcanti e Gina Gomes (2015, p. 315), “a família é, portanto, um lugar social e simbólico, constituindo-se num ambiente de referências, segurança e proteção, mas também, palco de conflitos e violações”. Ademais, em se tratando de (sobre)vivências juvenis que não se reconhecem dentro das regras de inteligibilidade cultural da heteronormatividade, não raro a família passa a ser cenário de uma convivência conflituosa, pois carrega crenças e deposita expectativas comportamentais em relação ao gênero desde a vida intrauterina, no momento em que se descobrem o sexo do bebê.

Grande parte da dificuldade de lidar com as questões juvenis, sobretudo aquelas ligadas à sexualidade, a escolhas ou indagações existenciais, tem a ver com o fato de que tocam em pontos difíceis para os pais, em suas próprias vidas. [...] A negação do diferente, a base etnocêntrica de todo o preconceito, funda-se precisamente na dificuldade de aceitar que o suposto diferente se parece muito conosco e pode nomear o que para nós é inominável. Na verdade, ele revela muito de nós mesmos e põe em questão o caráter absoluto de nossas próprias referências culturais. (Cynthia SARTI, 2004, p.22 e 23).

O papel categórico da instituição familiar em educar de forma imprescindível a aprender a ser e aprender a (con)viver, na essência mais íntima do ser, pode encontrar uma paradoxal bifurcação nos caminhos a serem trilhados. Contudo, todas as transformações que a sociedade contemporânea vem atravessando se tornam fatores contributivos para a (re)significação do papel identitário da instituição familiar para a condição de espaço de convivência estável, amoroso e essencial para o desenvolvimento e formação dos cidadãos.

Assim, a família constitui-se pela construção de identidades que a demarcam, em constante confronto com a alteridade, cuja presença se fará sentir insistentemente, forçando a abertura, mesmo quando persistirem as resistências. A família, então, constitui-se dialeticamente. Ela não é apenas o “nós” que a afirma como família, mas é também o “outro”, condição da existência do “nós”. Sem deixar entrar o mundo externo, sem espaço para a alteridade, a família confina-se em si mesma e se condena à negação do que a constitui, a troca entre diferentes. (Cynthia SARTI, 2004, p. 19).

Quando as juventudes ultrapassam a barreira e enfrentam seus próprios medos, se encorajam e, com firmeza, conseguem ‘relatar a si mesmo’ (Judith BUTLER, 2017a), aceitando a condição da sua sexualidade, mesmo indo ‘remando contra maré’ da normatização da sociedade, elas esperam o mínimo de apoio e entendimento das pessoas que mais amam, que são as que constituem sua família.

Entretanto, esse espaço ímpar de acolhimento e amor, é onde primordialmente também se encontram os embates e os enfrentamentos. “Assim, a família, para além de ser um espaço de afetividade e autenticidade, pode constituir igualmente um espaço de opressão e violência” (Isabel DIAS, 2001, p. 105), que se configuram como precursores das imposições e das múltiplas estratégias de disciplinamento e censura dos corpos, na clara tentativa de ceifar a vivência das sexualidades que não se “enquadram” às normas inteligíveis da sociedade.

3.3.(Sobre)vivências e (Re)existências no contexto escolar

*O diferente é o outro,
e o reconhecimento da diferença
é a consciência da alteridade:
a descoberta do sentimento
que se arma dos símbolos da cultura
para dizer que nem tudo é o que sou
e nem todos são como eu.*
(CARLOS R. BRANDÃO, 1986)²⁸

Depois da família, a escola é o principal lócus civilizador de convivência e sociabilidade. Em seus espaços as pessoas aprendem a se comportar em conformidade com as normas impostas pela sociedade hegemônica.

Ocorre que essas normas, marcadas por simbologias que são atribuídas às identidades reconhecidas pela hegemonia, em regra, reforçam tais diferenças. E como a

²⁸ Trecho retirado do livro *Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural*. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. São Paulo: Brasiliense, 1986.

formação identitária é relacional, sua construção é pautada nas dimensões simbólicas e sociais tão presentes no ambiente escolar.

Sendo assim, a escola deveria ser local para repensar esses modelos, no entanto foi por muito tempo, e ainda é, o local onde se aprisiona corpos, onde se controla os impulsos e, não raro, onde os sentimentos são tolhidos.

As instituições educacionais desenvolveram mecanismos de controle para uniformização e disciplinamento da mente e dos corpos, o que gerou conseqüentemente ações de vigiar e punir os infratores. Isso nos remete ao pensamento de Michel Foucault: “A escola tende a constituir minúsculos observatórios sociais para penetrar até nos adultos e exercer sobre eles um controle regular” (Michel FOUCAULT, 2004, p. 234).

O papel social da escola deveria ser colaborativo, de fundamental importância para promoção e fortalecimento da igualdade e enfretamento de todas as formas de discriminação. No entanto, as instituições escolares não vêm conseguindo cumprir a função do local que deveria abrigar tanto as individualidades quanto as diferenças, que deveria estabelecer uma ‘educação cosmopolítica’.

Em vez disso, o que se percebe é que a escola é engessada em normas, em regras e parâmetros taxativos, advindos da cultura patriarcal, machista e sexista, se configurando espaço incansável para a produção, reprodução e atualização dos parâmetros hegemônicos e de institucionalização da cisheteronormatividade como possibilidade única, natural e legítima de vida e expressão, a partir dos discursos, valores e práticas diárias.

Conjunto de atitudes e comportamentos que regula não apenas a sexualidade, mas também o gênero. As disposições heteronormativas voltam-se a naturalizar, impor, sancionar e legitimar uma única sequência: sexo-gênero-sexualidade: a centrada na heterossexualidade e rigorosamente regulada pelas normas de gênero, as quais, fundamentadas na ideologia do “dimorfismo sexual”, agem como estruturadoras de relações sociais e produtoras de subjetividades (Judith BUTLER, 2017).

Até mesmo pela multiplicidade de contextos e de histórias de vida que a compõem o ambiente escolar, acontecem inúmeros confrontos, conflitos, comportamentos e atitudes relacionais, tornando-a um terreno fértil para o convívio e aprendizado das diferenças, importante para a desconstrução de tabus e preconceitos, aumentando a cada dia o desafio da escola de se tornar espaço para fomento e promoção de valores humanos democráticos de respeito às individualidades, que visa ao bem estar de todas as pessoas. Caso contrário,

como sinaliza Berenice Bento (2011), ela passará a ser o local onde se aprende que a diferença faz a diferença.

Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos — tomando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. (Guacira LOURO, 2003, p. 57, grifos nossos).

As relações que se materializam com essas distinções, desigualdades e diferenças na escola e que são estabelecidas desde o acesso até a permanência no ensino, afetam os parâmetros de desenvolvimento cognitivos e comportamentais. Todavia, no concernente à temática da sexualidade, as inquietações, aflições e invisibilizações se intensificam. A escola produz com mais força essas desigualdades, não somente separa, muitas vezes, isola e exclui as pessoas que vivenciam uma sexualidade que não se encaixa nas normas hegemônicas.

O quanto as escolas – que, supostamente, devem ser local para o conhecimento – são, no tocante à sexualidade, um local de ocultamento. A escola é, sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém “assuma” sua condição de homossexual ou bissexual. Com a suposição de que só pode haver um tipo de desejo sexual e que esse tipo – inato a todos – deve ter como alvo um indivíduo do sexo oposto, a escola nega e ignora a homossexualidade (provavelmente nega porque ignora) e, desta forma, oferece muito poucas oportunidades para adolescentes ou adultos assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos. O lugar do conhecimento, mantém-se, com relação à sexualidade, como lugar do desconhecimento e da ignorância (Guacira LOURO, 2003, p. 30)

Decorre daí a necessidade de desvelarmos as relações sociais que são estabelecidas na escola tais como elas acontecem mesmo, e assim, poder pensar numa educação emancipatória e efetiva para a prática plena da democracia, dos Direitos Humanos e da justiça social. (ESTÊVÃO, 2011).

Para tanto, Denise Araújo, Izaura Cruz & Marilu Dantas (2018), convidam a pensar e/ou repensar o currículo, a fim de conseguirmos problematizar os conteúdos que não estão relacionados com as diversidades e multiplicidades reais da sociedade contemporânea.

Qual currículo pensar em relação ao processo de ensino-aprendizagem, sobretudo diante de um quadro de exclusão e violência, quando o gênero e a sexualidade são trabalhados, exclusivamente, do ponto de vista biológico; e quando, muitas vezes, reiteramos outras “sutis violências” no cotidiano escolar, como as piadas e as supostas “brincadeiras” [...] A Pedagogia e o currículo escolar devem ser capazes de oferecer oportunidades para que crianças e jovens desenvolvam a consciência crítica e compreendam os sistemas e as formas dominantes de representação da identidade e da diferença. (Denise ARAÚJO, Izaura CRUZ & Marilu DANTAS, 2018, p. 24 e 31).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's tratam mais especificamente a temática, ao dizer que a escola deve intervir nos momentos de “discriminação de um aluno em seu grupo, com apelidos jocosos e às vezes questionamento sobre sua sexualidade.” (BRASIL, 2000, p. 145).

O trabalho de ação-reflexão se faz necessário para compreender, respeitar, valorizar e conviver democraticamente com as diferenças, partindo do pressuposto que a “identidade sempre é relacional, depende do diferente, do Outro, da diferença, para que saibamos quem somos” (Leandro COLLING, 2018, p. 11).

Atividades tão simples do cotidiano, ligadas às necessidades humanas mais básicas, como o usufruto de um pátio da escola como espaço de lazer e entretenimento, podem se transformar em um martírio ou momentos de grandes constrangimentos, que acabam restringindo a expressão das liberdades individuais, cerceando direitos básicos como o de ir e vir. “As normas de gênero só conferem vida àqueles seres que estão ‘ajustados’ a essa expectativa” (Berenice BENTO, 2011, p. 554).

Sendo assim, sugere-se que a cisheteronratividade se consolida no ambiente escolar, permeando o currículo e direcionando as metodologias e discursos de forma silenciosa, de modo que ela vai se legitimando e se perpetuando em nome da “normalidade” e “naturalidade”. Aliás, a sexualidade na escola se limita ao caráter médico-biológico e higienista, abordando apenas questões como reprodução humana (estritamente de caráter heteronormativo), prevenção de gravidez e infecções sexualmente transmissíveis.

Na constituição de mulheres e homens, ainda que nem sempre de forma evidente e consciente, há um investimento continuado e produtivo dos próprios sujeitos da determinação de suas formas de ser u “jeitos de viver” sua sexualidade e seu gênero [...] Nesse processo, a escola tem uma tarefa bastante importante e difícil. Ela precisa se equilibrar sobre um fio muito tênue: de um lado, incentivar a sexualidade “normal” e, de outro, simultaneamente, contê-la. Um homem e uma mulher “de verdade” deverão ser necessariamente, heterossexuais e serão estimulados para isso. Mas a sexualidade deverá ser adiada para mais tarde, para depois da escola, para a vida adulta. É preciso manter a ‘inocência’ e a ‘pureza’ das crianças (e, se possível, dos adolescentes), ainda que isso implique no silenciamento e na negação da curiosidade e dos saberes infantis e juvenis sobre as identidades, as fantasias e as práticas sexuais. (Guacira LOURO, 2003, p. 35 e 26).

A hostilidade vivenciada por essa desobediência, sobretudo no ambiente escolar – onde se reforça e impulsiona o cumprimento da “pedagogia da sexualidade” normatizando apenas a heteronormatividade e as normas inteligíveis de gêneros e sexualidades –, é uma

grande mola propulsora das invisibilidades desses corpos para a manutenção de preconceitos e violações.

O contexto que envolve as diferenças sexuais e de gênero na escola está longe de um encaminhamento seguro. Nessa perspectiva, questiona-se a universalização da educação, uma vez que, se faz necessário ainda, descortinar a evasão e traduzi-la em ‘expulsão compulsória’ que consiste no “[...] desejo de eliminar e excluir aqueles que ‘contaminam’ o espaço escolar. [...]” (Berenice BENTO, 2011, p. 555). Eliminação essa, ocasionada pela rejeição e repulsa cotidiana às performances, aos modos de ser e viver, ao descumprimento de normas essenciais que nega o direito a educação a uma parcela considerável da população.

As demandas sociais são de reconhecimento da diferença, mas o filtro político as traduz na linguagem da tolerância e diversidade. Tolerar é muito diferente de reconhecer o Outro, de valorizá-lo em sua especificidade, e conviver com a diversidade também não quer dizer aceitá-la. Em termos teóricos, diversidade é uma noção derivada de uma concepção muito problemática, estática, de cultura. É uma concepção de cultura muito fraca, na qual se pensa: há pessoas que destoam da média e devemos tolerá-las, mas cada um se mantém no seu quadrado e a cultura dominante permanece intocada por esse Outro. [...] Daí a perspectiva não normativa de educação mostrar que a experiência da abjeção não diz respeito apenas a quem foi qualificado de anormal, estranho, mas constituiu quem nós somos e muito frequentemente o que a sociedade nos fez crer que é o que há de pior em nós. (Richard MISKOLCI, 2017, p. 51 e 55)

Desta forma, busca-se uma educação para e pelos Direitos Humanos, que assuma coletivamente o compromisso para a construção de uma sociedade que compreenda as diferenças e não apenas as tolere. Assim, “ao invés de educar para homogeneizar ou alocar confortavelmente cada um em uma gaveta, estejamos começando a aprender a nos transformar por meio das diferenças” (Richard MISKOLCI, 2017, p. 55).

A percepção das diferenças se dá a partir dos significados atribuídos pelo discurso social hegemônico, o que interfere diretamente na forma como as pessoas se expressam, vivem e convivem, bem como interfere na maneira de compreender sua posição nos principais contextos de sociabilidades.

O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade em vias de nascer diante dos seus próprios olhos; e, quando tudo pode, por fim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode dizer-se a propósito de tudo, é porque todas as coisas, tendo manifestado e trocado o seu sentido, podem regressar à interioridade silenciosa da consciência de si. (Michel FOUCAULT, 2014, p. 46)

Os próximos capítulos irão apresentar as categorias mais relevantes no que tange à construção identitária e relacional dessas juventudes, levando em consideração os discursos

e narrativas das histórias de vidas obtidas nesse estudo. O objetivo é fazer perceber, por meio da construção de seus mapas corporais narrados, como eles (sobre)vivem e (re)significam seus mundos.

4. A REALIDADE NUA E CRUA: NARRATIVAS E HISTÓRIAS DE VIDA

*O medo e a raiva que andam do meu lado
Me faz querer vingança quando eu olho pro passado
Perto do que eu mereço, o que eu peço não é nada
Depois de sofrer essa violência organizada
Não subestimem a minha inteligência
Não sou do tipo que tem paciência
Por isso eu grito pulmão a fora
(URIAS, 2021)²⁹*

*Permita que eu fale,
não as minhas cicatrizes
Elas são coadjuvantes,
não, melhor, figurantes
Que nem devia tá aqui
(EMICIDA, 2019)³⁰*

A realidade nua e crua – expressada por gritos pulmões a fora, nas falas aqui permitidas e ouvidas, nas feridas ou cicatrizes à mostra, sejam como protagonistas ou como figurantes – simboliza a relevância da escolhas metodológicas aplicadas nesse trabalho. Diante de tantos desafios enfrentados, o que se mostrou mais angustiante foi cogitar a

²⁹ Trecho da música *Pode mandar* da artista Urias, lançada em 2022.

³⁰ Trecho da música *AmarElo* do Artista Emicida, lançada em 2019, com participação de Pablo Vittar e Majur - A estrofe na verdade é um poema, chamado *Permita que eu fale*, escrito por Emicida e incorporado à música. Os versos chamam atenção para uma vivência muito comum entre pessoas negras, periféricas e LGBTQIA+ por serem definidas a partir do seu sofrimento, o que é uma forma de desumanizá-las e transformá-las em estereótipos. Análise disponível em: <https://www.lettras.mus.br/blog/amarelo-emicida-analise/> Acesso em: 24 jan. 2023.

possibilidade de realizar a pesquisa de campo de forma remota, por causa da pandemia. Não há dúvidas de que estar lado a lado dessa juventude ouvindo, sentindo e construindo os mapas corporais narrados foi a melhor parte desse trabalho.

Por meio das narrativas coletadas, traremos agora da beleza e grandeza dessa pesquisa. Afinal, “é possível re-construir as significações que os sujeitos atribuem ao seu processo de escolarização, pois falam de si, reinventando o passado, resignificando o presente e o vivido para narrar a si mesmos” (Sandra ANDRADE, 2012, p. 175).

É a própria experiência de si que se constitui historicamente como aquilo que pode e deve ser pensado. A experiência de si, historicamente constituída, é aquilo a respeito do qual o sujeito se oferece seu próprio ser quando se observa, se decifra, se interpreta, se descreve, se julga, se narra, se domina, quando faz determinadas coisas consigo mesmo, etc. E esse ser próprio sempre se produz com relação a certas problematizações e no interior de certas práticas. (Jorge LARROSA, 2002, p. 43).

A autora Sandra Andrade (2012) ensina que trabalhar com narrativas possibilita mergulhar em si, pois ao narrar a própria história de vida a pessoa re-vive sentimentos e remexe o que ainda não foi dito, acessando informações que implicam não apenas a presença do passado, mas também a imaginação e o sentir do que somos, pois o sujeito da narrativa, também é o sujeito da experiência.

Na abordagem pós-estruturalista, a linguagem se configura em um campo de operação de poder, constitutiva do social e da cultura, e produz sujeitos posicionados por relações estabelecidas entre poder, saber e verdade (CASTRO, 2014). Sendo assim, a abordagem através da história de vida, que é materializada pelas entrevistas-narrativas, nos ajuda a pensar em narrativas-experiências, pois é a partir dela que se constitui discursivamente os sujeitos. “A própria experiência de si, ou seja, o complexo processo histórico pelo qual nos produzimos, a partir de discursos e práticas que constituem quem somos, se faz a partir das narrações” (CASTRO, 2014, p. 113).

Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo). (Jorge LARROSA, 2002, p.22).

O autor Jorge Larrosa faz uma leitura de que “aquilo o que a pessoa pode ver de si mesma, e como, ao nomeá-lo, pode traçar seus limites e contornos” (1994, p. 68). Ao contar histórias da própria história, vamos fabricando e inventando identidades, construindo e reconstruindo em narração e com narração. Sendo assim, a narrativa não é o lugar de irrupção da subjetividade, da experiência e si, mas a própria modalidade discursiva através da qual se estabelece uma posição enquanto sujeito que fala (narra).

A proposta é utilizar as narrativas (escutadas e cartografadas) para demonstrar como as juventudes (sobre)vivem diante do autopronunciamento dos corpos dentro dos contextos familiares e escolares.

4.1. (Auto)pronunciamento dos corpos: “parece que minha vida começou depois que me assumi”³¹

*Eu serei tantas
Que eles nunca saberão quais sou
Quais finjo ser
Serei quem manda
Porque me livro até de mim
(URIAS, 2021)³²*

O (auto)pronunciamento dos corpos se depreende com coragem da autodeclaração, momento a partir do qual os jovens, finalmente, não precisam mais “fingir ser” quem não são. Esse ato de coragem pode ser entendido como um instrumento preventivo e protetivo, ou, ainda, como uma possibilidade de inclusão social, na medida em que atribui visibilidade à existência desses corpos, sendo adequado para as interações com as diferenças sexuais e de gêneros.

O contato com essas narrativas faz a pesquisa ganhar cores e sentido, além de propiciar visibilidade às dimensões coletivas do (sobre)viver, com seus conceitos, ideias, sensações e sentimentos compartilhados social e culturalmente.

³¹ Frase retirada de uma das narrativas presentes na Dissertação de Mestrado

³² Trecho da música *É tudo meu* da artista Urias, lançada em 2022.

Isso confere dinamicidade para a formação identitária que pode ser constantemente modificada, já que ela é sempre construída socialmente com presença nos corpos, conforme narrativas em destaque:

“Ah professora! **Minha história é doida viu! Primeiro me entendi como menina lésbica**, aí comecei a achar que precisava ser bem masculina pra todo mundo entender que eu gostava de outras meninas. Até que **passei a achar que eu era um menino**. Então, decidi e **inicie o processo de transição**, buscando inclusive a *hormonização*. Me identificava como menino trans, **cheguei a mudar o nome** aqui na escola, lembra? Mas **depois comecei a ver que não era isso!** Não me sentia mal sendo menina, apenas não gostava de meninos e nunca fui feminina. Sempre fui mais moleca macho mesmo. Mas não preciso virar menino. **Então “destransicionei”** e hoje me entendo como menina mesmo. **Sou uma menina cis - lésbica e sou feliz assim!**” (MÚSICA – Mulher Cis - Lésbica, 20 anos; destaques nossos).

“**Hoje eu me identifico como uma pessoa de gênero fluido**. Mas não foi fácil chegar nessa identificação. **Primeiro achei que era bissexual**, pois eu tinha muito desejo por meninos, mas, talvez eu me forçava a gostar das meninas. Eu mesmo não aceitava. **Depois vi que eu era gay mesmo**, pois gostava muito do universo feminino. As roupas, acessórios... me sentia! **Aí achei que era menina** e me libertei. Comecei a me vestir mesmo como mulher e **achava que ia fazer a transição e me tornar uma mulher trans**. Mas, depois que conheci mais um pouco sobre o universo da sexualidade, **conheci o gênero fluido e é isso! Não preciso me prender a um gênero**. Não preciso tomar hormônios, não preciso fazer cirurgias. Posso usar salto, batom, brincos, saias, minha *cropped* e continuar tendo órgão genital masculino e barba na cara. **Quem quiser que lute pra me colocar em um rótulo, porque eu não quero**” (ARYEL - Gênero fluido, 19 anos; destaques nossos).

Esses corpos são vistos em nossa sociedade como um réu em constante julgamento de condenação. Julga-se sobre o que somos ou o que podemos nos tornar, sobre de que forma precisamos nos comportar, sobre o coerente e o incoerente, sobre as normas de inteligibilidades culturais que, ao não serem ‘moldadas’, sentenciam os corpos como ‘anormais’, ‘desviantes’, ‘estranhos’, ‘excêntricos’ ou ‘aberrantes’ (Judith BUTLER, 2017; Michel FOUCAULT, 2014; Guacira LOURO, 2008).

De acordo com Marilena Chauí (2006, p. 120), “o corpo é dinâmico, e por essência, é relacional: está exposto à ação de todos os corpos exteriores que o rodeiam e dos quais precisa para conservar-se, regenerar-se e transformar-se”.

Os indivíduos foram levados a prestar atenção a eles próprios, a se decifrar, a se reconhecer e se confessar como sujeitos de desejo, estabelecendo de si para consigo uma certa relação que lhes permite descobrir, no desejo, a verdade de seu ser [...]. (Michel FOUCAULT, 2014, p. 10, grifos nossos).

Mas, por que razão é tão importante e sempre estamos tão preocupadas em saber/identificar essa “verdade”, em descobrir se os desejos/performances sexuais são héteros ou homossexuais, são inatos ou adquiridos? Por quais outros motivos preocupam-se tanto em saber se o comportamento generificado corresponde aos atributos físicos ou biológicos? (Guacira LOURO, 2018 p. 90-91).

O corpo, com sua história é, epistemologicamente, um espaço de cultura e, como tal, submete-se às regras originadas por um processo de adestramento, seja para educar ou para reeducar, seja para punir ou para perdoar. Esse caminho não se estabelece apenas pelas palavras, mas, também, nas ações, nos gestuais, nos olhares, nas ambições, nos medos, nos receios, nas técnicas, entre outras tantas condições que desaguam na “carne” do indivíduo. (Simone SANTOS, 2014, p. 134, grifos nossos).

Essa construção não é fácil. É necessário confrontar-se com desejos e sensações que a princípio, podem parecer estranhos ou bastante incômodos. Isso ocorre porque, na juventude, nem sempre se tem a clareza e consciência das pretensões que circundam o universo simbólico, ímpar, matizado por anseios e vontades. Os corpos estão em constante julgamento, e o pior disso é que a convicção que se forma ao longo desse processo sem fim resulta em uma eterna sentença condenatória, cuja pena se materializa nas mais variadas formas, incluindo a discriminação, banimento social e até mesmo o sentimento de (auto)culpabilidade.

Construir a autoimagem implica posicionar-se acerca das vivências e experiências individuais, sejam essas culturais, sexuais, sociais, relacionais ou ideológicas. A construção da identidade é um processo que se inicia com as vivências e descobertas da sexualidade a partir da manifestação do desejo/orientação sexual, sendo para a juventude um período marcado por dúvidas, confusões, contestações e sentimentos contraditórios.

Em sendo a “identidade” assegurada por conceitos estabilizadores de sexo, gênero e sexualidade, a própria noção de “pessoa” se veria questionada pela emergência cultural daqueles seres cujo gênero é “incoerente” ou “descontínuo”, os quais parecem ser pessoas, mas não se conformam às normas de gênero da inteligibilidade cultural pelas quais as pessoas são definidas. (Judith BUTLER, 2017, p. 43, grifos nossos).

Em geral, nesse período de definição e descobertas, está presente um paradoxo de aceitação/rejeição e, muito constante, uma fuga da vivência com a própria sexualidade. Tenta-se invalidar a subversão de uma norma (im)posta pela sociedade – a heterossexualidade compulsória (Judith BUTLER, 2017) – que é uma imposição coercitiva para que todos os seres humanos sejam, pareçam ser ou se comportem essencialmente tal como heterossexuais, passando por um discurso social, encontrado na política, na família e na educação, que considera que todas as pessoas que não são heterossexuais são doentes ou devem ser explicadas.

Importante dizer que existe uma diferenciação entre a heterossexualidade compulsória e a heteronormatividade, embora eles sejam complementares, inter-relacionados e paralelamente dialoguem entre si. No século XIX, a heteronormatividade era concebida praticamente como se fosse a forma teórica da prática da heterossexualidade compulsória. Assim, esses dois termos foram concebidos como sinônimos, pois o que os interessavam era a normatização de todas as pessoas para assim homogeneizar suas subjetividades e suas identidades sexuais de gênero baseadas na heteronormatividade.

Com isso, todos os seres humanos, heterossexuais ou não, passariam a se ver, a se comportar e a viver como se fossem heterossexuais, não havendo a possibilidade de expressão de nenhuma outra sexualidade não heterossexual.

Atualmente, o conceito de heteronormatividade implica uma nova ordem social e política, por meio da qual se exige que todas as pessoas, heterossexuais e homossexuais, organizem suas vidas a partir do “modelo” de vida heterossexual.

Nesta nova acepção, considera-se que as pessoas não-heterossexuais podem ser “reconhecidas” “aceitas” e vistas como “coerentes” na sociedade, desde que se identifiquem e se comportem no “modelo” de vida imposto pela heterossexualidade. Portanto, ambos os conceitos são entendidos como uma “obrigação social”.

A heteronormatividade seria “a ordem sexual do presente, na qual todo mundo é criado para ser heterossexual, ou – mesmo que não venha a se relacionar com pessoas do sexo oposto – para que adote o modelo da heterossexualidade em sua vida” (Richard MISKOLCI, 2017, p. 15). A heteronormatividade se afigura, então, no mecanismo de poder ideológico que funciona como um “dispositivo da sexualidade”. Esse dispositivo produz, historicamente e discursivamente, os medos e angústias de quem se percebe fora dessa ordem social, como representado nas narrativas aqui destacadas:

“No início **fiquei sem saber o que fazer, o medo de ser colocada pra fora de casa, de não ser aceito, de ser excluído da família atormentava minha vida.** Ficava o tempo todo me questionando: será que é isso mesmo? **Não! Não pode ser! Você nasceu homem, você é um menino, não pode gostar de outro menino!** Por que é isso que colocam em nossa cabeça o tempo todo, né?” (BOLHA – Homem Cis - Gay, 20 anos; destaques nossos).

“Ah... até hoje eu não sei como tive coragem de falar pra minha família. Porque minha família inteira é muito religiosa. Todo mundo evangélico, aí já viu, né? Preconceituosos até a alma! Mas, na verdade, **minha mãe “descobriu”, bem verdade, mãe sabe, né?** Mas ela ficou sabendo quando fiquei com a primeira menina na escola. Aí ela veio me perguntar, e eu só disse que era verdade, então, na verdade, **eu nem tive coragem de assumir.** São poucas pessoas da minha família que sabem” (SOL, Mulher Cis - Pansexual, 19 anos; destaques nossos).

“Eu ficava super triste, por causa das zoações que faziam comigo. Me chamavam de tudo quanto é nome: gayzinho, viado, bixinha. Porque **eu fui uma criança bem viada, sabe?** Eu tinha o cabelo comprido, era afeminada, **agia como uma menina mesmo, porque era assim que eu me sentia, né? Mas chegou um dia na minha vida que eu falei: ninguém nunca mais vai me dizer quem eu sou, o que eu sou e o que que eu posso fazer!”** (DIVANDA – Mulher Trans - Bissexual, 19 anos; destaques nossos).

Meu pavor era quando minha mãe comprava roupas pra mim, aff! Sempre vinham aqueles vestidinhos que eu odiava usar. Nunca gostei dessas “roupas de menina”. **Me sentia super mal.** (MÚSICA – Mulher Cis - Lésbica, 19 anos; destaques nossos).

Eu **percebi logo desde cedo que eu era diferente** do meu irmão e dos meus primos. Os **meus primos sempre foram machões, e eu era um pouco mais frágil, um pouco mais delicado, não gostava de jogar bola, e só por isso eu já sofria.** Mas até então, era só o meu jeito, né? **Não sabia ainda o que eu era ou o que gostava, mas sentia um medo danado de descobrir, por causa do preconceito, né?** (ARYEL – Gênero fluido, 19 anos; destaques nossos).

Ultrapassar barreiras impostas pela sociedade, enfrentar seus próprios medos, se encorajar e com firmeza conseguir ‘relatar a si mesmo’ (Judith BUTLER, 2017a), é uma das tarefas mais difíceis para as juventudes até conseguir se impor diante das suas diferenças sexuais e de gênero. E, mesmo ‘indo na contra-mão’ da normatização imposta pela

sociedade, no fundo, esperam o mínimo de apoio e entendimento das pessoas que amam, que são as que constituem a família.

Esses espaços se configuram como precursores das imposições e das múltiplas estratégias de disciplinamento e censura dos corpos, na clara tentativa de ceifar a (sobre)vivência das sexualidades que não se “enquadram” às normas inteligíveis da sociedade.

4.2. Tradicionais famílias brasileiras: “meu maior desafio é ser aceito pela família”

“Ser amor pra quem anseia

Solidão de casa cheia

Dar a voz que incendeia

Ter um bom motivo para acreditar”.

(TIAGO IORC; MILTON NASCIMENTO, 2017)³³

Muito ‘se prega’ que o amor é um dos pressupostos básicos para a formação da família. Será mesmo? E quando a solidão invade o peito, mesmo com a casa cheia? E quando sai do armário, mas entra no quarto – cômodo da casa que passa a ser o único lugar que se sente bem, por estar ou ser isolado? Seria uma família tradicional brasileira ou a própria perpetuação de um severo controle machista e patriarcal?

As normatizações das relações familiares regulada pelo patriarcado atravessou a história e permanece ainda muito presente na atualidade, por isso que os maiores desafios das (sobre)vivências juvenis é a ‘aceitação familiar’ e as dinâmicas que se desenham a partir dessa relação.

Podemos perceber que as relações familiares são fundamentadas em pesadas estruturas de poder que configuram um esforço de heterossexualização compulsória. Esse esforço faz com que os comportamentos que não são alinhados às expectativas familiares acerca da sexualidade e do gênero sejam controlados por eles, a fim de promover uma certa reintegração à norma sexual hegemônica – seja sob o pretexto de garantir uma melhor qualidade de vida para essas juventudes, seja preocupando-se com a “má fama” que essa informação pode causar na própria família.

³³ Trecho da música *Mais bonito não há* de Tiago Iorc e Milton Nascimento, lançada em 2017.

Assumo aqui o conceito de família proposto por Cynthia Andersen Sarti (2004). Para a autora, a família é entendida não apenas como um grupo de sujeitos ligados por laços de consanguinidade, mas também por laços de afetos, de interesses partilhados em comum ou mesmo interesses jurídicos. Segundo Cynthia Sarti, “a família, como o mundo social, não é uma soma de indivíduos, mas sim um universo de relações” (Cynthia Sarti, 2004, p.18) animadas por trajetórias e projetos individuais interligados.

Partindo desta definição, podemos conceber a família como um agregado de indivíduos em constante interação uns com os outros. Essas interações têm na “casa” um espaço de referência, onde diferentes gerações se relacionam, mantendo entre si laços de lealdade. Assim, além dos pais (mãe e pai), fazem parte deste “mundo de relações”: tias, tios, primos, dentre outras pessoas que transitam por esse espaço – ainda que não mantenham quaisquer relações de consanguinidade.

Neste “mundo de relações” todas elas se estremecem quando se trata de assuntos tabus, a exemplo do tema da sexualidade. Passa a ser frequente a presença de agressões, ameaças e outros tantos tipos de violências que comunicam a intolerância, a frustração e os medos que os familiares comumente exteriorizam quando se deparam com as diferenças sexuais e de gênero.

Esses medos estão intimamente relacionados com o rompimento dos projetos de vida que esses familiares projetam para os destinos sociais de seus filhos. Nesse caso, sobretudo pais e mães se deparam com a ruptura brusca dos “sonhos” que nutriam em relação aos filhos, instaurando uma “crise” no fluxo das relações domésticas. Como se essa notícia por si só fizesse ruir por completo todo um roteiro de vida esperado para essas juventudes ao nascer.

Planos comuns das tradicionais famílias brasileiras, tais como celebração de casamento, chegada de netos e continuação da família são abruptamente interrompidos e ameaçados. O que resta é tão somente a percepção de que precisam fazer algo para resgatar seus projetos. E assim, esse processo desencadeia fortes conflitos que fazem dos ambientes familiares espaços marcados por medos, receios e incertezas para esses jovens:

Eu vivo minha vida, sem me preocupar muito com o que as pessoas vão dizer. **Mas ainda me sinto bem presa, como se eu estivesse ainda trancada no armário, sabe?** Minha mãe sabe que eu já fiquei com meninas, mas o resto da família toda, acho que nem precisa saber. **Evito ficarem me enchendo o saco.** (SOL – Mulher Cis - Pansexual, 19 anos; destaques nossos).

Meu padrasto é daquele tipo bem machista homofóbico, então **eu fingia ser masculinizado e me controlava para ser assim dentro de casa**, sempre que deslizava ele gritava logo: ‘se comporte como homem rapaz!’ **Tinha medo de “desapontar”** ele e por tabela **decepcionar minha mãe**. (ARYEL – Gênero fluido, 19 anos; destaques nossos).

Quando minha mãe me chamou, eu já sabia que a conversa seria sobre isso. Acho que só pelo tom da voz dela, sei lá... **ela me perguntou, e na hora eu não tive coragem de falar muito**. Na verdade, eu sou bem calado mesmo, **então eu só balancei a cabeça**. **Depois disso sempre fico mais quieto no meu quarto**. Só saio mesmo para comer, e mesmo trabalhando (trabalho com minha mãe costurando), fico mais na minha ali quietinho costurando e sem falar. (BOLHA – Homem Cis - Gay, 20 anos; destaques nossos).

Eu tinha muito medo do que as pessoas iam dizer ao me ver depois da transição. **Pensava o tempo todo nisso. Não conseguia mais fingir ser menino. Sempre me senti uma menina e assim que eu queria que me vissem também**. Na minha infância eu nunca cheguei a ter muito amigo, tipo, **sempre fui muito sozinha, por eu ser uma criança diferente. Porque na infância menino joga bola e menina brinca de boneca, isso sempre doía. Então ter o apoio da minha família nesse processo era fundamental. Mas não foi bem assim**. Depois que decidir ser quem sou de verdade, quem me apoiou foram as pessoas que eu nem conhecia. Foi a internet. Hoje procuro entender bem esse processo, mas ainda existe uma ferida imensa aqui dentro, principalmente por saber que **antes de eu ganhar dinheiro na internet, minha mãe nunca me aceitou**, então parece que o interesse dela não foi pela minha vida, pela minha felicidade, e sim pelo dinheiro que começou a entrar. Isso é muito triste. (DIVANDA – Mulher Trans - Bissexual, 19anos; destaques nossos).

Meu pai é pastor! Então, daí você já tira, né? E como **eu cresci nesse ambiente mais religioso, minhas dúvidas eram gigantescas**. Eu **sabia que era errado e que era um dos piores pecados**. Era isso que meu pai e a igreja sempre pregaram. Então, **o que eu mais queria é que eu estivesse enganada**. Que o que eu estivesse sentindo **fosse maluquice da minha cabeça... Mas não era, então decidi enfrentar... Foi aí que minha vida virou um verdadeiro inferno**. (MÚSICA, – Mulher Cis - Lésbica, 19 anos; destaques nossos).

Em alguns casos, a ruptura dos projetos construídos e esperados pelas famílias é respondida com violência. Essa violência pode ser de natureza física e/ou psicológica. As agressões físicas e suas expressões mais marcantes, nas quais o corpo da vítima é o *locus*

principal de ação do agressor são as possíveis correções que a família recorre. Menciono sem receio o termo “*o agressor*”, precedido do artigo masculino, porque, na maioria das vezes, esse papel cabe aos homens da família, o que reforça a ideia inicial de perpetuação de um severo controle machista e patriarcal.

Na tentativa de corrigir o que está “errado” em suas concepções, os familiares cometem violações de toda espécie, incluindo crimes, a exemplo de ‘estupros corretivos’ praticados muitas vezes pelo próprio pai (caso mencionado adiante por Música, 19 anos), por irmãos (caso de Bolha, 20 anos) ou por primos (ocorrido com Aryel, 19 anos):

Assumir para a igreja dele que a própria filha ‘fugiu à regra’ e **que no fundo ele não ‘teve pulso’ para me concertar? É o mesmo que dizer que ele fracassou, né?** Então ele fez de tudo! De tudo mesmo! Ele já era inconformado por eu ser masculinizada, **quando soube por minha mãe que eu tinha ficado com uma menina ele passou a me abusar e dizia que era para eu saber do que uma mulher gostava. Eu sofri pouco?** (MÚSICA – Mulher Cis - Lésbica, 19 anos; destaques nossos).

Meu irmão me exclui completamente. Era como se eu não existisse pra ele. Se eu entro no ambiente que ele está, simplesmente ele sai na mesma hora. Ela não aceita meu jeito. **Não me bateu ainda, mas vive dizendo que só porrada para colocar no lugar.** (BOLHA – Homem Cis - Gay, 20 anos; destaques nossos).

Meu irmão nunca foi de falar nada, mas era quem me acolhia em seu total silêncio. Ele apenas ficava ao meu lado e isso me dava uma paz imensa. Só por sentir ele ali eu sabia que não estava só. Já os **meus primos... esses eram perversos. Me xingavam de tudo que é nome, me batiam pra ver se eu ‘virava homem’**, porque eu era bem afeminado. E **meu padrasto que nunca aceitou, mas pelo menos não me batia. Mas, não deixava eu e meu irmão comer, porque dizia que viado não comia com o dinheiro dele.** (ARYEL – Gênero fluido, 19 anos; destaques nossos).

A violência psicológica também é um recurso muito empregado como parte do esforço de recuperação ou da busca pela “cura” empreendida pela família. Esse tipo de violência atua de forma silenciosa, causando danos imensuráveis às suas vítimas.

Grande parte das narrativas mostram que as participantes associaram as violências sofridas a uma série de problemas que passaram a enfrentar, principalmente, o isolamento social e o baixo desempenho escolar, que estão intimamente relacionados à baixa autoestima desenvolvida por essas juventudes, o que as tornam mais vulneráveis a situações

potencialmente “perigosas”, tais como uso de álcool, drogas, automutilações e até tentativas de suicídio:

Ao me ver sozinho, sem a presença do meu irmão, depois que ele se foi, perdi a cabeça por um tempo. Acho que pensava, a qualquer momento tudo pode acabar. Mesmo me sentindo um lixo, porque a ‘*bad*’ bate direto, mas resolvi ligar aquele botãozinho sabe? Aquele botãozinho que a gente não se preocupa mais com o que os outros vão pensar, então, se por mim, meu irmão perdeu a vida, eu preciso aproveitar o máximo essa vida. **Deixei de estudar e vivi um ano meio que largado mesmo, tentando me esconder atrás da bebida, passei a beber todos os dias, aliviava a dor.** (ARYEL – Gênero fluido, 19 anos; destaques nossos).

A dor interna é tão grande que a gente procura uma forma de sentir essa dor no externo para ver se a dor interna diminui. É meio louco, né? Mas era por isso que eu cortava meus braços. E talvez assim, alguém, sem ser meu pai, me enxergasse dentro de casa. Até porque a forma com que ele me via era o que mais causava a dor. E acho que **a confusão que gerei quando acabei transicionando e me vendo como homem foi pra fugir disso tudo também!** E nessa fase eu meti o louco, sabe? Saía muito com uma galera que conheci. **Bebíamos muito e fazíamos muita coisa errada.** Tava decidida a não viver mais daquele jeito. Se meu pai quisesse, que me colocasse pra fora de casa. Acho que até procurava motivos para ele fazer isso. (MÚSICA– Mulher Cis - Lésbica, 19 anos; destaques nossos).

Mesmo com toda a sede de vida que tenho hoje, já pensei inúmeras vezes em tirar minha vida. Até porque eu nem vivia, né? **Eu não podia ser eu mesma.** Eu não conseguia entender desde muito menina, porque **tinha que fingir ser quem eu não era.** Porque minha mãe não entendia, porque ela não me ajudava. Se a minha mãe fazia isso, imaginava como as pessoas na rua iriam fazer. **Não ia conseguir viver mesmo, então pensava muito em como resumir logo tudo isso e morrer logo!** (DIVANDA – Mulher Trans - Bissexual, 19 anos; destaques nossos).

Eu sou calado mesmo! Então fico quieto no meu quarto e só saio quando quero comer alguma coisa. Antes da pandemia eu tinha desistido de ir pra escola, fiquei um ano sem estudar. **É mais complexo na escola quando você é diferente.** Tem os **trabalhos em equipe, que ninguém quer fazer com a gente, tem o bullying, e eu que sempre tive a voz bem fina e meu jeito mais afeminado, sempre fui alvo fácil.** Com a pandemia, **por causa das aulas remotas eu voltei a estudar.** Foi bem mais tranquilo, porque **nem precisava ligar a câmera e eu nunca falava nada.** Então fiquei

bem invisível mesmo. (BOLHA – Homem Cis - Gay, 20 anos; destaques nossos).

A escola pode se tornar um ambiente bastante tóxico, mas em alguns casos também se afigura uma válvula de escape, principalmente nos casos em que as famílias são mais conservadoras e descontroem a noção de que o lar seria um lugar da segurança e refúgio, o que torna a “casa” um espaço marcado por contradições, conflitos e sofrimentos para as juventudes e suas diferenças sexuais e de gênero.

As violações sofridas no seio familiar decorrem das revelações de suas sexualidades, ocasião em que se configura o caráter de “confissão”, bem no sentido religioso do termo mesmo, em que uma atitude considerada como digna de sanção é exposta a uma “autoridade superior” (no caso, a família) para que ela possa apresentar suas considerações, na expectativa de que tal ação ocorra de uma maneira considerada positiva, ou mesmo à espera de um perdão pela “falta” cometida.

Entretanto, esse ato de “contar aos pais” pode, na prática, não vir acompanhado das expectativas positivas esperadas por esses jovens, contribuindo, aliás, para um aumento das tensões que são vivenciadas no cotidiano familiar.

Surgem, a partir desse momento, privações de direitos, interdições de relações sociais como proibição de convívios com determinadas pessoas para que não sejam ‘mal influenciados’ (principalmente aquelas que são também LGBT), retenção de aparelhos telefônicos e limitação ou impedimento de uso/acesso a redes sociais e internet passam a ser mecanismos de controle dos pais, com objetivo de alcançar ‘readequação’ à heterossexualidade compulsória:

Eu descobri que gostava de mulher com 11 anos, mas eu neguei muito, até porque eu venho de uma família muito cristã, então eu neguei até onde eu pude negar pra mim mesma. Aí chegou um dia que eu contei pra minha mãe e desde então ela finge que isso nunca aconteceu. E isso é algo que me abate muito, porque **a gente sempre espera o apoio dos nossos pais.** Eu até queria que ela falasse que não gostou, mas que ela falasse alguma coisa, mas não que ignorasse totalmente. Hoje **sei que não preciso dizer o que sou, em relação à minha sexualidade, até porque os héteros não fazem isso né?** (SOL – Mulher Cis - Pansexual, 19 anos; destaques nossos).

Como foi ele (pai) quem me deu o celular, ele se sentiu no direito de confiscar. **Tomou o celular que era para eu não conseguir mais falar com meus amigos, que, segundo ele, estavam me levando**

para o mal caminho. (MÚSICA– Mulher Cis - Lésbica, 19 anos; destaques nossos).

Eu nunca fui de sair não, mas minha mãe nunca ia deixar eu sair com meus amigos. Eles sempre saem, vão pra Barra ou para o cinema, **mas eu nem me ousou a pedir, nunca saí! Fico só em casa mesmo. Minha vida se resume de casa pra escola e da escola pra casa.** Como trabalho em casa com minha mãe, nunca saio. (BOLHA– Homem Cis - Gay, 20 anos; destaques nossos).

Meu grande refúgio passou a ser a internet. Meu mundo se resumiu ao ambiente virtual, **lá eu posso ser eu mesma!** Até tem cancelamentos, mas você **ser cancelada por pessoas que você nem conhece porque falou alguma bobagem é bem diferente do que ser cancelada pela própria família, só porque não atendeu as expectativas deles!** Como ficava muito só na internet, minha mãe cortou a internet de casa. Não tomou meu celular, mas eu não tinha créditos e não tinha *wifi*, então não podia fazer nada. (DIVANDA – Mulher Trans - Bissexual, 19 anos; destaques nossos).

Existe ainda a forte ideia de que as sexualidades que subvertem a ordem hegemônica são um conjunto de práticas sexuais conscientemente “mal” escolhidas a partir de um rol de possibilidades que inclui aquelas vistas como normais e moralmente corretas. Sugere-se que seja uma fase de experimentações, ou até uma “opção”, que pode ser vaidosamente manipulada pelas pessoas que a praticam.

Essas ideias ecoam nas representações historicamente atribuídas às sexualidades dissidentes que comumente se fundamentam por concepções religiosas e médicas que estão arraigadas no imaginário social.

Meu pai até percebe algumas coisas, mas ele não sabe sobre minha sexualidade. Uma vez eu deixei soltar que eu me casaria com uma atriz, que é a Camila Cabeio e foi o suficiente para ele fazer um reboliço. A gente brigou eu chorei, enfim, ele é muito religioso. **E a primeira vez que me senti atraída por uma menina, eu também era evangélica, eu achava que era um pecado gostar de outra mulher.** (SOL – Mulher Cis - Pansexual, 19 anos; destaques nossos).

Ele (padrasto) **me perguntava, sempre que podia, quando eu ia acabar com essa “safadeza”.** E **minha mãe,** nos piores momentos dela, **perguntava por que eu estava fazendo essas escolhas,** por mais que eu explicasse a ela que não era uma escolha. **Para ele era safadeza e pra ela era uma escolha, nenhum deles entendem nada!** (ARYEL – Gênero fluido, 19 anos; destaques nossos).

Como ele é pastor, vivia querendo tirar o demônio de dentro de mim. Quando eu comecei a achar que era homem e iniciei o processo de transição, ele dizia que eu estava era doente. **Enquanto eu queria ir ao médico para realizar minha transição, ele queria que eu fosse me curar dessa ideia. Me colocou para ser acompanhado por psicóloga, me levou pra fazer exames, mas eu já sabia que podia pedir pra ficar sozinha, então acabavam mais me ajudando.** (MÚSICA– Mulher Cis - Lésbica, 19 anos; destaques nossos).

Minha mãe acha que **depois que eu “experimentar” como é ser mulher que eu voltarei a ser o filho dela.** Mas ela não entende que **esse filho nunca existiu, só existe no imaginário dela,** porque eu sempre fui filha dela, **sempre me senti mulher, não foi uma coisa que mudou da noite pro dia. Eu nasci assim!** (DIVANDA– Mulher Trans - Bissexual, 19 anos; destaques nossos).

Além da família, outro ambiente que naturalmente abriga muitos conflitos referentes às questões de identidades é a escola. A escola, que deveria abrigar todas as possíveis diferenças juvenis e ser um ambiente plural e inclusivo, ainda é insistentemente um espaço altamente preconceituoso e hegemônico, o que a torna palco de (sobre)vivências desafiadoras como retratado no próximo tópico.

4.3. O (cis)tema escolar: “eu sofria muito na escola com as brincadeiras sem graça”

Dororidade... o que é?

Ou o que pretende ser?

Seria a Dor e a nem sempre Delícia de se

Saber ou não se Saber

Quem Somos...

(VILMA PIEDADE, 2017)³⁴

³⁴ Trecho do livro *Dororidade*. PIEDADE, Vilma. São Paulo: Editora Nós, 2017, p. 43.

As brincadeiras sem graça e as dores de se saber quem é (ou ainda não se saber) são questões que perseguem as (sobre)vivências juvenis e estão muito presentes nos ambientes de sociabilidade, sobretudo no ambiente escolar.

Considerado um local privilegiado para aprendizagem e socialização, a escola, além de funcionar como um “passaporte de entrada” e de integração na sociedade, compõe, juntamente com a educação formal e informal, campos de produção e reprodução sociais, sociabilidades e primeiras experiências de convivência ampliada, diversa e multirreferenciada.

Vale ressaltar que a escola assume diferentes significados, ao mesmo tempo em que é um espaço onde as pessoas se encontram em busca de objetivos comuns como conhecimentos e novas amizades, é também um local onde são obrigadas a conviver todos os dias, obedecendo a horários e normas preestabelecidas. Essa convivência diária é, também, responsável por indisposições e conflitos. (Miriam ABRAMOVAY; Ana Lúcia CUNHA & Priscila CALAF, 2009, p. 99; grifos nossos).

A família e a escola são os primeiros espaços de sociabilidade, sendo, portanto, espaços de “buscas de sentido” (Vanessa CAVALCANTI & Gina GOMES, 2015, p. 313). Contudo, tornam-se também ambientes de acontecimentos/vivências relevantes e ações violentas, que muitas vezes não são reconhecidas como violações, e, sim, como “atitudes/comportamentos ou brincadeiras”, normais, principalmente no cotidiano escolar.

Preconceitos e discriminações são aprendidos tanto na família quanto na escola. Ninguém nasce discriminador e nem preconceituoso, torna-se produto do meio em que vive ademais de processo social intenso de reprodução. As consequências dos relacionamentos conflituosos aprendidos e/ou adquiridos podem gerar danos não só aos indivíduos, mas também às famílias e à sociedade. (Vanessa CAVALCANTI & Gina GOMES, 2015 p. 314; grifos nossos).

Em um universo de grande fragilidade, a escola está impotente frente ao fenômeno intra e extraescolar de violência, não contribuindo, assim, para a reestruturação de conhecimentos (Celma GOMES, 2004), e colocando em xeque o verdadeiro sentido “para que servem as escolas” (Mary CASTRO; Miriam ABRAMOVAY, 2002). O quadro é alarmante. Algo precisa ser feito, com vistas a minimizar os impactos que não somente refletem dentro da escola, mas na sociedade como um todo.

A escola é um lugar que abarca grandes complexidades e muitas interações, com demarcação de identidades e estilos, muitas vezes antagônicos, o que promove toda a pluralidade presente nesse meio. Por ser palco desse território tão diverso, as escolas se

tornam naturalmente espaços sócio-culturais, pois são neles que se estabelecem importantes alianças relacionais.

Pra mim é mais tranquilo, é mais fácil. Eu não sofri isolamento de amigos, acho que nem entendem direito o que é a pansexualidade, sabe? Na verdade, pouco se sabe sobre sexualidade. Não é um assunto visto, são pouquíssimos os professores que tratam desse tema. Então, mesmo falando que sou pan, sempre me relacionei bem na escola, sem dificuldades. (SOL – Mulher Cis - Pansexual, 19 anos; destaques nossos).

O ambiente escolar é um território, de idas e vindas, encontros e desencontros, contatos, diálogos, discussões, dos mais variados sentidos, local que deveria acolher todas as pessoas que nela adentra, independente de qualquer marcação social. No entanto, não é isso que é visto, pois as pessoas são impedidas, pelo sistema hegemônico, desse acolhimento, conforme os relatos das histórias de vida que compõem esse estudo:

As piadinhas que a gente ouve e vive todos os dias doem, são duras demais. Até os professores, a gente percebe que nas aulas de educação física por exemplo, na questão do homem é o jogar bola, as meninas não têm atividades físicas voltadas para elas, com olhar pra elas. Os campeonatos sempre são campeonatos masculinos, não tem campeonato de futebol feminino, se não tem nada voltado pras meninas, nada para as pessoas mais delicadas, sabe? A questão da linguagem entre professor e aluno, **sempre é muito passado, muitos ainda fazem graça, piadinhas mesmo, sabe? Eles não prestam atenção nas questões que nós estamos vivendo, a maioria não está atento, professores funcionários, colegas, ainda vivemos numa escola homofóbica.** (BOLHA– Homem Cis - Gay, 20 anos; destaques nossos).

Eu não me sentia bem dentro da escola. Principalmente no período que resolvi transicionar, sofri muito. De colegas a professores. Mas decidi enfrentar, então **lutei** pra mudarem meu nome na caderneta. Não foi fácil, mas consegui. E mesmo assim, com a mudança, alguns professores insistiam e não me chamavam pelo meu nome social, meio que para afrontar mesmo, ou pra mostrar alguma autoridade. Mas autoridade sobre a minha vida? **Se eu não tivesse me *plantado* mesmo, tinha sofrido muito mais. Mas escolhi enfrentar! Hoje, depois de tudo o que passei, as pessoas respeitam até esse lance de eu ter ‘destransicionado’.** Às vezes penso que esse lance de destransicionar me ajudou. **Existe bem menos preconceito com uma menina super masculinizada do que com as pessoas trans. Hoje me relaciono bem.** As pessoas entendem que sou uma mulher, mas não sou feminina e não curto meninos, acho que depois de tudo que lutei aqui dentro, passaram a

me respeitar mais, sei lá! (MÚSICA– Mulher Cis - Lésbica, 19 anos; destaques nossos).

Por conta dos comportamentos e atitudes preconceituosas, mas naturalizadas, a escola ainda se configura em um ambiente temido, agressivo e violento, importante lembrar que “se você quiser permanecer ali, precisa lembrar de si mesma, sempre ver a si mesma como um corpo num sistema que não se acostumou com sua presença ou com sua dimensão física” (bell HOOKS, 2013, p. 181):

Os olhares são sempre bem assustadores, sempre aquele tipo como se a gente fosse algo bem exótico mesmo! Algo que nunca viram na vida! **Antes eu me importava, mas agora, me sinto mais seguro de mim mesmo e quero é causar mesmo, sabe? Por isso uso batom, pinto as unhas e faço questão de deixar meu bigode e cavanhaque, pra ficar bem diferente mesmo.** (ARYEL – Gênero fluido, 19 anos; destaques nossos).

Eu lembro que **eu tive que ser muito forte, porque eu tinha medo**. A primeira vez que fui na escola depois da transição, **quando eu entrei na escola, a minha perna parou! Travou porque eu tava com medo, eu tava com vergonha de mim mesma, tava com vergonha de quem eu era**. Pensava que não ia conseguir, só queria ir embora. Eu sabia como eu ia ser tratada. **Tinha medo do que as pessoas iam falar pra mim, tava insegura**. Meu maior pavor era como iam me receber na escola. E claro, não fui bem recebida. Foi duro! **Me impediram de usar o banheiro feminino, fiquei tempos usando o banheiro da sala dos professores ou não ia no banheiro o turno inteiro**. Lembro como que doeu ouvir os boatos, as fofquinhas. **Lembro que ninguém queria estar perto de mim**. Nos **trabalhos em equipe eu ficava ou com quem sobrava ou com quem a professora obrigava a fazer comigo**, só porque eu era uma criança bem afeminada, sabe? (DIVANDA– Mulher Trans - Bissexual, 19 anos; destaques nossos).

A realidade é que, infelizmente, ainda prevalece o absurdo da desumanização de vidas que (sobre)vivem em um processo de redução e banimento marcado pela hegemonia cisheteronormativa estrutural, esta que dita os padrões e os comportamentos que são aceitáveis ou abomináveis socialmente.

Uma matriz heterossexual delimita os padrões a serem seguidos e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, fornece a pauta para as transgressões. É uma referência a ela que se fazem não apenas os corpos que se conformam às regras de gênero e sexuais, mas também os corpos que as subvertem. (Guacira LOURO, 2003, p. 17; grifos nossos).

Para as pessoas consideradas “diferentes”, demanda-se a necessidade de pensar para além dos contextos familiares e sociais violadores e preconceituosos, apontando a urgente e ampla necessidade de espaços que problematizem as múltiplas possibilidades de Ser, Estar, Saber e Conviver na contemporaneidade:

É bem **desafiador para pessoas como eu poder ser quem se é de verdade**. Apesar de parecer que estamos mais evoluídos, na verdade **o mundo da intolerância vem retrocedendo em muitos pontos né? Então eu me calo e me isolo na minha bolha, pra não sofrer mais**, sabe? (BOLHA– Homem Cis - Gay, 20 anos; destaques nossos).

Por isso que a história do Naruto representa muito pra mim e quis colocar ele no meu mapa. **Naruto é um anime que retrata a vida de uma criança que tem a sua vida “normal” interrompida por ter colocado um “certo demônio” dentro dele**. Ou seja, todas as pessoas que viviam naquele ambiente começam a tratá-lo de maneira diferente porque ele tem um certo algo incomum: **ele tem esse “demônio” que afeta muitas pessoas, e isso diminui as chances dele na sociedade de várias formas. Ele não tem maneira social de interagir, ele não tem mais aquela liberdade de andar entre as pessoas, ele sempre é visto como algo diferente, algo que não devia estar ali. E é assim que me senti inúmeras vezes, tanto na escola, quanto lá fora**. (ARYEL – Gênero fluido, 19 anos; destaques nossos).

Quando eu olho pra trás eu até me emociono. Mas é um choro de felicidade, porque tudo o que eu sonhei, hoje em dia é realidade. Apesar de tudo o que eu passei, hoje em dia eu consigo ajudar outras pessoas. **Então, quando eu olho pra trás, é como se eu visse todas as minhas versões: eu menino, eu menina, eu no início de transição, eu menina, eu menino e finalmente, eu, eu! Eu menina!** Hoje em dia consegui realizar meu maior sonho da vida que era ter peitos, **hoje eu posso me olhar no espelho e gostar de quem realmente eu sou, hoje em dia eu tenho até amigos, minha mãe já me aceita e, na escola, as pessoas se acostumaram**. Hoje eu sou passável (quando a pessoa não aparenta ser trans, parece Cis). Às vezes sinto que até tô vivendo um sonho, que não é realidade, porque até meu canal no *youtube* para ajudar outras pessoas assim como eu, eu tenho! Sou feliz! (DIVANDA– Mulher Trans - Bissexual, 19 anos; destaques nossos).

A partir dos achados do presente estudo, sugere-se um extenso debate nas escolas acerca das sexualidades e da diferenças de gêneros, fundamentado em uma educação sexual ampliada, que abrace tanto os aspectos biológicos, mas sobretudo, os aspectos sociais e políticos da afetividade e sexualidade humana, tornando-se essencial colocar em prática as competências transversais da Base Nacional Comum Curricular que prevê a formação de jovens para agir com responsabilidade, tomar decisões com base em princípios éticos, cuidar emocionalmente de si e das demais pessoas que convivem, acolhendo as diferenças sem preconceitos.

Fomentar a construção da ética fundada no respeito e na práxis para e pelos Direitos Humanos torna-se condição *sine qua non* para a (con)vivência e não (sobre)vivência em sociedade. Debater as diferenças é determinante no processo educativo, afigurando-se ponto crucial, pois assegura que o sistema de ensino-aprendizagem seja permeado pelos princípios fundamentais da igualdade e da alteridade.

5. MAPEANDO AS (DE)MARCAÇÕES DOS CORPOS

*Além de os corpos tenderem
a indicar um mundo além deles mesmos,
esse movimento para além de sua delimitação,
movimento do próprio limite,
também pareceu ser bastante fundamental
para mostrar que os corpos “são”.*
(JUDITH BUTLER, 2019)³⁵

O mundo que se constitui além dos corpos estão (de)marcados pelas normatizações hegemônicas que preestabelecem, mesmo antes do nascimento, quais os comportamentos serão “permitidos” e quais serão “abominados” a depender dos corpos que os delimitam.

A partir dessas (de)marcações são construídas e (re)forçadas as diferenças. Entender o corpo como um território possível, a partir da criação cartográfica para caminhos da produção do conhecimento e construção política desses corpos, é fundamental para

³⁵ Trecho do livro *Corpos que importam: os limites discursivos do sexo*. BUTLER, Judith. São Paulo: N1 Edições, 2019, p.9.

ressaltar como os corpos abrigam importantes registros, desejos e inspirações de cada história de vida trazendo seus significados e simbologias.

Pensar o corpo como construído demanda repensar o significado da construção em si. E, se certas construções parecem constitutivas, isto é, têm esse caráter de ser isso “sem o qual” não poderíamos sugerir que os corpos apenas surgem, apenas perduram e apenas vivem dentro das restrições produtivas de certos esquemas de gênero altamente regulatórios. (Judith BUTLER, 2019, p. 12, grifos nossos).

A construção de si e a forma como cada corpo é pensado, construído e marcado, sofrem inúmeras interferências advindas das circunstâncias socioculturais, das relações de gênero e sexualidade. Da mesma forma, a classe, a raça e a etnia não se eximem dessas interferências, sendo os principais marcadores de atitudes discriminatórias para os corpos e por isso, os traços que mais geram reações e resistências.

As pessoas “também intervêm em seus próprios corpos para inscrever-lhes, decididamente, suas próprias marcas e códigos identitários e, por vezes, para escapar ou confundir normas estabelecidas” (Guacira LOURO, 2003).

parece imprescindível reconhecer que os corpos sempre foram e são, agora, de uma forma talvez mais visível do que nunca, ditos e feitos na cultura. [...] Os significados dos corpos deslizam e escapam, eles são múltiplos e mutantes. E essa marcação terá, além de seus efeitos simbólicos, expressão social e material. Ela irá permitir que o sujeito seja reconhecido como pertencendo a uma determinada identidade; que seja incluído ou excluído de determinados espaços; que seja acolhido ou recusado por um grupo; que possa (ou não) usufruir de direitos; que possa (ou não) realizar determinadas funções ou ocupar determinados postos; que tenha deveres ou privilégios; que seja, em síntese, aprovado, tolerado ou rejeitado. (Guacira LOURO, 2003, sem paginação)

Para coletar os dados, as marcações e as próprias histórias de vida das juventudes que compõem esse estudo, o mapeamento dos corpos através da confecção dos mapas corporais narrados funcionaram como registros materiais e visuais sensíveis, bem como registros simbólicos dos momentos mais marcantes nas histórias de vidas das participantes. De acordo com Denise Gastaldo et al. (2012, p. 88), “as narrativas através dos mapas corporais [narrados] têm o potencial para conectar tempos e espaços na vida das pessoas”.

Tempos e espaços que nem sempre saem como planejado. Destaco aqui a dificuldade de implementação do plano de encontros para construção dos mapas corporais para seguir a metodologia pensada, conforme quadro da página 36. Devido a dinâmica escolar, esses encontros aconteceram após as aulas, momento em que tanto a pesquisadora, quanto os alunos estavam liberados das atividades. Em meio a projetos como gincana e semanas avaliativas, surgiram impedimentos para a realização dos três encontros previstos

para a produção dos mapas. O que se pode fazer foi seguir o planejado com apenas dois dos participantes.

Ao vivenciar a dificuldade em conseguir efetivar o terceiro encontro, resolvi mudar um pouco o percurso metodológico, quando as chances de descontinuidade se tornou real. Logo, três dos cinco mapas foram construídos em apenas dois encontros. Ainda assim, diante da produção final, não foram percebidas perdas em relação aos dois que conseguiram efetivar os três encontros de forma completa.

Desde a escolha dos próprios codinomes, das posições de seus corpos, das cores utilizadas e dos símbolos acrescentados nos mapas, percebe-se como a partilha das histórias foram compartilhadas de forma fluida, tranquila e natural, o que resultou a elaboração da cartografia do corpo como um todo.

O resultado final do processo foi um mapa corporal em tamanho real, o testemunho e a legenda de cada simbologia presente, conforme serão apresentados nos tópicos seguintes. “O mapa corporal narrado é um método muito útil porque aumenta a qualidade da descrição dos participantes, torna vívido o corpo biológico, emocional e social em suas narrativas e apoia sua visualização de problemas enfrentados e fontes de fortaleza” (Denise GESTALDO, et al, 2012, p. 11).

O processo de desenhar-se, por si só, desencadeia um “pensar-se distanciado”, sugerindo à organização arquivista da memória corporal, procedimentos de estranhamento uma vez que a autorrepresentação requer um conjunto de decisões para tal arranjo. Perguntas repetem-se frequentemente quando vem o pedido para desenhar o (seu) corpo: como fazer isso? Neste sentido, a potência do pensar sobre si mesmo, sobre como representar-se num contorno específico em forma de imagem desenhada, desdobra-se na criação subjetiva da ação de desenhar-se, antes mesmo de começar o processo de mapeamento de sua história. (Adriana CUNHA, 2016, p. 231 – 232).

A criação subjetiva dos mapas traz uma simbologia de alta sensibilidade. Os mapas falam muito mais que sobre histórias isoladas, falam sobre o cis-tema sociopolítico que limita a vida das pessoas vistas como diferentes, mas que apenas (sobre)vivem de acordo com suas naturezas. Eles trazem também uma abordagem crítica e política sobre os parâmetros não condizentes com a tal normalidade fixada pela ordem hegemônica de gênero e sexualidade.

É importante entender que mapas corporais capturam um momento na vida das pessoas e oferecem uma imagem de um determinado tempo e local, quando eles são requisitados para falar sobre um elemento específico de suas vidas. No entanto, estas são pessoas em movimento, criando e pensando sobre suas subjetividades

[...] Essa sensação de movimento e realidade transitória não deve ser perdida por imagens “fixas” que os mapas corporais parecem retratar. (Denise GESTALDO, et al, 2012, p. 19).

5.1. Nomes, linhas e posicionamentos dos corpos

*A vida tem lugar dentro da fronteira
que define o corpo.
A vida e a urgência de viver existem
no interior duma fronteira,
a parede seletivamente permeável que
separa o ambiente interno do ambiente externo.
A idéia de organismo gira em volta
da existência dessa fronteira. (...)
Se não há fronteira não há corpo e se
não há corpo não há organismo. (...)
Para cada pessoa um corpo,
para cada corpo uma mente, (...)
A mente é de tal forma modelada pelo corpo
e destinada a servi-lo que
uma mente apenas pode surgir nele.
Sem corpo nada de mente.*

(ANTÔNIO DAMÁSIO, 2000)³⁶

Para cada pessoa um nome, para cada nome um corpo, para cada corpo linhas e posicionamentos que constroem suas histórias. Histórias que representam não apenas uma, mas muitas pessoas. Histórias e (sobre)vivências marcadas por julgamentos, preconceitos, violações e estereótipos que impõem implacavelmente os padrões hegemônicos e assim, retroalimentam os atributos que predefinem as pessoas — atributos de gênero, de sexualidade, de raça, de etnia, de classe ou de nacionalidade, determinantes para instituir do lugar social de cada corpo.

³⁶ Trecho do livro *O Sentimento de Si: O Corpo, a Emoção e a Neurobiologia da Consciência*. DAMÁSIO, Antônio. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, pgs.163, 170 e 172.

Os nomes escolhidos por cada participante desse estudo já trazem uma simbologia potente relacionada às suas histórias e (sobre)vivências. Logo no primeiro encontro era explicado que, por questões éticas da pesquisa, manteríamos em sigilo suas identidades, razão pela qual cada participante faria livremente a escolha de codinomes para suas identificações:

Acho que não teria outro nome para eu ser identificada do que **Música**. Porque foi a música que salvou a minha vida. Eu sempre gostei muito de música, então **nos piores e mais solitários momentos que tive, foi a música que me salvou**. (MÚSICA – Mulher Cis - Lésbica, 20 anos; destaques nossos).

O melhor nome para me representar é **Bolha**. Porque é assim que me sinto. Sinto que vivo numa bolha. Essa bolha é o meu quarto. Sempre fico no meu quarto sozinho. **Fico na bolha, sempre quieto e calado no meu canto para evitar me machucar ainda mais, sabe?** (BOLHA – Homem Cis - Gay, 20 anos; destaques nossos).

Aryel por dois motivos: **primeiro por causa da sereia** mesmo, gosto da história, **tantas vezes já me senti como ela, diferente de todos os humanos**. E **segundo por causa do anjo Aryel**. Esse anjo seria uma homenagem ao meu irmão que era a única pessoa que, só se colocava ao meu lado, e sem falar uma só palavra, eu entendia que ele estava comigo. Do jeito dele, **me acolheu, enfrentou muita coisa por causa de mim e para nos sustentar quando saímos da casa da minha mãe, ele acabou se metendo em coisa errada e foi assassinado. Ele foi e é meu anjo**. (ARYEL - Gênero fluido, 19 anos; destaques nossos).

Ah! **Eu sempre quis divar!** Sonhei muito em usar brincos, ter meus cabelos grandes, meus seios. E consegui! Depois de tudo que passei, hoje me sinto realizada, deu tudo certo, consegui realizar meus maiores sonhos, então meu nome vai ser **Divanda! Porque agora eu posso divar em qualquer lugar e onde eu for terei orgulho em dizer que sou uma mulher trans**. Porque muita gente nem percebe, porque eu sou passável. Ser passável é ter a aparência congruente com o gênero e hoje eu tenho. (DIVANDA – Mulher Trans - Bissexual, 19 anos; destaques nossos).

Eu escolhi **Sol**, porque uma vez eu pintei meu cabelo e ele ficou tipo, bem amarelo e aí eu estava assistindo uma série *Grey's Anatomy* em que a menina tava sofrendo por um outro personagem e a Cristina fala “você é o sol, não é ele”. Sabe? Tipo, as coisas giram em torno de você e não o contrário. Sabe? **Acho que Sol por isso, sobre eu sou o sol**, sabe? Eu não preciso de outras pessoas. Se as outras

peças forem embora, tá tudo bem, sabe? Pessoas vão e vem, eu sou o sol. Acho que é isso. E meu cabelo bem amarelo, eu me sentia o sol, eu **me sentia olhada, vista**. Acho que é isso. **Você não tem como esconder o sol. Sendo Sol, eu sou vista**. (SOL – Mulher Cis - Pansexual, 19 anos; destaques nossos).

Já no primeiro momento, apenas pela escolha do nome, as participantes já visitam memórias importantes de suas (sobre)vivências, trazendo marcas e simbologias que se destacam em suas histórias. Iniciar o processo com essa estratégia deixaram os encontros fluidos e leves, sem a necessidade de seguir roteiro mecanizado, descaracterizando o momento como sendo de uma entrevista, passando a ter natureza de um bate papo.

De acordo com as vivências os nomes escolhidos trazem relações com os desejos, anseios e realizações de cada participante. Assim como os nomes, as linhas e as cores escolhidas para contornar os corpos que ilustram esse trabalho também vêm com signos e significados relevantes para compreensão das histórias de vida aqui ilustradas:



Escolhi contornar meu corpo de **preto**, por representar a **minha negritude**. Que é um fator que potencializa a **minha vulnerabilidade**. Existe muito racismo ainda em nossa sociedade. **Os preconceitos são maiores quando se trata de uma mulher lésbica e negra**. (MÚSICA – Mulher Cis - Lésbica, 20 anos; destaques nossos).



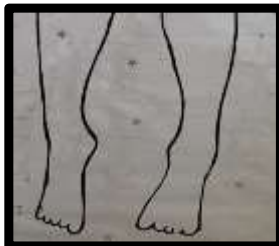
Azul, porque gosto de azul mesmo, não pensei em nenhum significado específico não. Mas, talvez podemos relacionar como sendo a **cor da minha bolha**. (BOLHA – Homem Cis - Gay, 20 anos; destaques nossos).



O **azul** que vai representar pra mim onde eu posso estar. Sendo Aryel na figura de um anjo ou a sereia. Primeiro para **representar a morada do anjo: o céu**. O céu onde eu acredito que está ele, **meu irmão que foi meu anjo e ao mesmo tempo representando a presença dele em mim**. E azul, as águas que representam a morada da sereia, é onde eu enfrento as correntezas e vai e vem dessa vida. A água pra representar a fluidez da do meu gênero. (ARYEL - Gênero fluido, 19 anos; destaques nossos).



O **verde** representa a esperança, né? É para lembrar da **esperança que sempre tive em ser quem eu quisesse**. Eu consegui! E ao mesmo tempo para reforçar minha missão, hoje na internet, que é levar essa **esperança para pessoas que estão começando a entender esse processo da transexualidade hoje**. (DIVANDA – Mulher Trans - Bissexual, 19 anos; destaques nossos).



Contornei meu corpo de **preto** pra representar a **tristeza!** Eu queria fazer essa dualidade, acho que ninguém é 100% triste ou 100% alegre. Mas a **indiferença da minha mãe me causa muita tristeza**. (SOL – Mulher Cis - Pansexual, 19 anos; destaques nossos).

Importa mencionar, nesse ponto, a aplicação da teoria da psicologia das cores, muito embora ela não componha, na essência, o referencial teórico desse trabalho. Ocorre que sua aplicação é indispensável para estabelecer o nexos entre as cores utilizadas pelos entrevistados para traçar os contornos dos corpos e suas respectivas simbologias.

A *psicologia das cores* é uma área de estudo que pesquisa de que forma as cores são capazes de motivar sentimentos, desejos e emoções. Sua função é fazer um mapeamento

das simbologias mais prováveis que podem ser assimiladas quando uma determinada cor é utilizada.

Explicar o que representamos com a cor e por que representamos é um problema muito mais complexo do que aparenta. De fato, a cor está amplamente relacionada com os nossos sentimentos (aspectos psicológicos), ao mesmo tempo em que sofre influência da cultura tornando-se símbolo, além dos aspectos puramente fisiológicos. (Modesto FARINA, Clotilde PEREZ & Dorinho BASTOS, 2006, p.17)

A aplicação da teoria pode ser observada quando Música declara que o preto representa sua vulnerabilidade e o preconceito que seu corpo desperta nas pessoas, e quando Sol retrata que a mesma cor preta representa para ela a tristeza. Em ambos os casos, de acordo com a psicologia das cores, a cor preta está diretamente relacionada à vida interior sombria e depressiva, ao medo, ao luto e ao anonimato.

Nesse mesmo sentido, a autora Eva Heller ensina que o preto se afigura como a cor da negação. Todas as características relacionadas à cor preta fazem parte das histórias de vida das participantes.

Já a cor azul escolhida por Bolha e Aryel, de acordo com estudos amplos sobre as cores da autora Eva Heller, é considerada a cor predileta das pessoas, apesar de ser fria e distante. “O azul é o céu – portanto azul é também a cor do divino, a cor eterna” (Eva HELLER, 2013, p.47), e, talvez, por isso, significa tranquilidade, serenidade, harmonia e espiritualidade, embora também esteja associada à frieza, à monotonia e à depressão. O azul simboliza a água, o céu e o infinito.

É possível notar que Bolha destaca em sua narrativa a presença muito carcante de uma (sobre)vivência com monotonia, enquanto Aryel verbaliza a associação do azul com o céu e a água, na representação de seu irmão na figura de um anjo e sua presença infinita em sua (sobre)vivência. Da mesma forma, para Aryel, a cor azul representa a fluidez presente na água, mostrando serenidade e harmonia nas suas escolhas, o que não deixa de ser uma relação com a espiritualidade.

E como já é amplamente reconhecido pelo senso comum, a cor verde escolhida por Divanda para representar a esperança também está associada à juventude, à firmeza, à coragem, ao desejo, ao descanso e à liberdade, caracteres que Divanda carrega em sua personalidade e que contribuem com o seu projeto de vida de encorajar outras pessoas que estão iniciando seus processos de transição.

A simbologia das cores aqui apresentada está baseada nos livros: *Psicodinâmica das cores em comunicação* (Modesto FARINA, Clotilde PEREZ & Dorinho BASTOS, 2006)

e *A Psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão* (Eva HELLER, 2013). Embora não tenha havido um aprofundamento nas teorias nem na psicologia – para que não houvesse um desvio nos objetivos traçados para a presente pesquisa –, a interdisciplinariedade é salutar e enriquece este estudo (em verdade, enriquece todos os estudos), razão pela qual a simbologia das cores ainda será abordada no próximo tópico, ao se mencionar a escolha das cores utilizadas nas impressões das mãos de cada participante no contexto das marcas dos corpos mapeados.

5.2. Simbologias, marcas e mensagens mapeadas

*Exige-se um conhecimento que encontre
suas raízes aquém e além da consciência.*

*Um conhecimento impregnado
de sentimentos e emoções.*

*Um conhecimento mapeado
a partir das marcas sobre o corpo.*

(AROLDO GAYA, 2006)³⁷

As marcas que as (sobre)vivências juvenis deixam sobre os corpos simbolizam os sentimentos e as emoções mais profundas presentes em suas histórias de vidas. “A expressão artística utilizada aqui através da metodologia dos mapas corporais narrados oferece a possibilidade de comunicar ideias, experiências, significados e sentimentos, reconhecendo a necessidade de reflexão para a produção de dados de qualidade”. (Denise GESTALDO, et al, 2012, p.10).

O objetivo do uso do mapeamento corporal no nosso estudo foi envolver os participantes em um exame crítico do significado de suas experiências únicas, o que não poderia ser simplesmente alcançado através de diálogos; desenhar símbolos e selecionar as imagens ajudou-os a contar uma história e, ao mesmo tempo, desafiou-os a procurar significados que representam quem eles tinham se tornado. (Denise GESTALDO, et al, 2012, p.8).

³⁷ Citação do artigo *A reinvenção dos corpos: por uma Pedagogia da Complexidade*. GAYA, Alfredo. Revista Sociologias, Porto Alegre, ano 8, nº 15, jan/jun 2006, p. 250-272. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/3ZS39XpQh6Fb3h8XfnTd7hv/?format=pdf> Acesso em: 28 Jan. 2023.

Os significados extraídos se traduzem em mensagens através das marcações e simbologias que integram a formação dos corpos como referenciais para a formação das identidades. Espera-se que o corpo dite a identidade, assim como a identidade dita o corpo, sem ambigüidades nem inconstâncias.

A singularização das simbologias, marcas e mensagens de (sobre)vivências é resultado das produções subjetivas definidas pelo meio social em seu contexto inviabilizador das diferenças identitárias sexuais no contexto do sistema heteronormativo hegemônico.

Coaduno com a ideia de Guacira Louro (2003), ao afirmar que os corpos são nomeados e discriminados conforme se ajustem, ou não, aos ditames e às normas de sua cultura. Portanto, os corpos são feitos, inventados, também, por tudo que — de fora — se diz ao sujeito, sobre o sujeito, para o sujeito.

Os símbolos destacados que se apresentam na composição dos mapas corporais demonstram como as (sobre)vivências juvenis em relação às diferenças sexuais e de gêneros são definidas por marcadores sociais. Esse aspecto está retratado por meio dos recortes mapeados pela posição e pelas cores selecionadas para a impressão das mãos; pela fisionomia facial; pela adição de símbolos ou imagens e, por fim, pela mensagem:

MÚSICA: Mulher Cis - Lésbica, 20 anos (destaques nossos):



Escolhi imprimir minhas mãos de preto pelo mesmo motivo que contornei meu corpo. **Sou uma mulher negra. A mão esquerda eu coloquei amparando o coração com as cores do movimento LGBT para representar o acolhimento que recebi desse movimento. A mão direita está na região genital por conta do meu processo de iniciar o movimento de transição de gênero, que depois desisti,** porque eu mesma confundia o que é identidade de gênero e o que é sexo.

A minha expressão facial é uma **expressão feliz e tranquila!** Depois de tudo o que eu passei, posso dizer que estou feliz e tranquila, com a certeza que aprendi muito.



As cores do arco-íris estão presentes para simbolizar o **Movimento LGBT** que me ajudou muito a compreender minha identidade. Do meu coração transbordam notas musicais, pois é a música que faz meu coração bater. E a **interrogação na área genital** é para chamar atenção de que pouco importa qual o órgão sexual que você tem entre as pernas, o que importa é como cada pessoa se sente. Hoje sei disso muito bem, porque fui e voltei, né? **Eu transicionei e destransicionei.** Muito louco tudo o que eu já vivi! **Foram quase dois anos me entendendo um menino trans,** passei por muita coisa viu. **Achava que ia me livrar das dores do abuso que sofria se virasse homem,** achava que as pessoas entenderiam melhor meu jeito, já que nunca fui feminina e só me apaixonava por outras meninas. **Achava que ia me enquadrar na tal heteronormatividade, né?** Sei lá! É louco, viu professora.

Na minha mão direita, **fiz questão de representar uma aliança para mostrar que não sou uma mulher lésbica e preta solitária.** Tenho um relacionamento já há um ano.



Não são as cores que nos definem, mas sim nossas ações, comportamentos e atitudes. Independente da cor da minha pele ou da bandeira que eu carrego, não posso ser desrespeitada por isso. Então, é essa frase que quero levar para as pessoas.

Outra mensagem que quero deixar é que **cada pessoa se importe com sua própria vida, se importe com o que vai te fazer feliz**, porque parece que estamos dando mais importância para umas que para outras. Eu sei bem como é isso, pois senti na pele.



Música deu destaque às marcas que lembram o quanto resistiu e sobreviveu a todo o processo. Ao que tudo indica, preferiu ocultar alguns aspectos de sua história de vida, a exemplo dos episódios de automutilação, de abusos sofridos pelo pai e da tentativa de suicídio que mencionou em sua narrativa. Ela decidiu usar cores vivas para seu mapa, embora tenha utilizado a cor preta para fazer o contorno do seu corpo e fazer a impressão de suas mãos, incluindo toda a simbologia do movimento LGBT e do movimento trans, ao representar o arco-íris em seu coração.

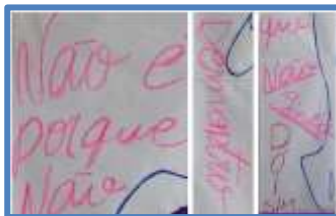
A posição corporal e a expressão facial que Música representou (vide mapa completo p. 118) transmitem uma sensação de leveza, de tranquilidade, de “paz e amor”, inclusive demonstrada pelo gesto de sua mão direita. Ao olhar para o mapa de Música, ao contrário do que se poderia imaginar inicialmente, não se percebem os traços de toda a sua (sobre)vivência cruel e sofrida. Ela escolheu valorizar o que foi porto seguro em sua trajetória: a própria música que faz seu coração se manter vivo e a simbologia do movimento LGBT, responsável por acolhimento e apoio e pela conquista de uma rede de valorosos amigos. Isso tudo foi fundamental para que Música compreendesse todas as idas e vindas de sua identidade e que hoje tivesse a condição de se sentir confortável e segura como a mulher negra e lésbica que é.

BOLHA: Homem Gay, 20 anos (destaques nossos):



Escolhi carimbar as **minhas mãos com o roxo, porque gosto dessa cor**. Não tem nenhum motivo específico não. Porque gosto mesmo. **Elas estão posicionadas sobre meu peito**, porque é nessa posição que fico quando estou deitado, **como se eu mesmo me acolhesse, já que não tenho ninguém que faça isso**.

A minha **expressão facial simboliza eu calado como sou. Sem interagir muito, por isso os olhos fechados**. Prefiro ficar mais quieto mesmo. **Como minha voz é muito fina e sempre sofri bullying por isso, fico com ela bem fechadinha**.



Essa frase me representa bem. **As pessoas acham que eu não sinto nada**, mas é porque sou mais na minha mesmo, sou calado. **Não é porque eu não demonstro que eu não sinto. Dói sim!**

O meu cabelo quero pintar de amarelo, mesmo ele não sendo, porque **sempre tive vontade de usar ele loiro, mas nunca tive coragem**. Acho que **minha mãe nunca permitiria, mas também nunca pedi pra saber, tenho receio**.



Os encontros com Bolha foram desafiadores. Ele se revelou extremamente tímido e reservado, o que tornou mais complexa a extração de informações para a pesquisa. Suas respostas eram sempre muito sucintas, por vezes até monossilábicas, então a abordagem precisava ser diferente das demais entrevistas, até mesmo para não impor nenhuma pressão

sobre ele. Assim, apliquei técnicas de *rappor*t e espelhamento para demonstrar empatia e sondar, com leveza, se a entrevista estava sendo desconfortável. Não era o caso. A questão estava mesmo no grau de timidez e reserva do entrevistado.

Bolha não exibiu nenhum símbolo para contextualizar algum fato da sua história de vida. Eu até relembrei trecho de sua narrativa, em que ele descreveu o trabalho com a costura na fábrica de roupas que a mãe tem em casa, mas, ainda assim, ele não desenvolveu. Não fez nenhum relacionamento.

A posição corporal que Bolha escolheu (vide mapa p. 119) foi uma posição fechada, de pernas e pés cruzados, o que evidencia a bolha em que ele se enxerga vivendo. Sem qualquer pretensão de fazer um diagnóstico psicológico, até mesmo porque não tenho competências para tal, fiquei com a impressão que Bolha não conseguiu se munir das condições necessárias para fazer o enfrentamento a tudo aquilo que cruelmente ataca e humilha quem é diferente na nossa sociedade. Para evitar mais dor, decidi se fechar em si, isolando-se em sua própria bolha.

ARYEL: Gênero fluido, 19 anos (destaques nossos):



Escolho o **vermelho para fazer a impressão das minha mãos e faço questão de representar o sangue que escorre. É assim que me senti, deixando a vida do meu irmão escorrendo pelas minhas mãos. Me sinto culpado. Me pergunto como não me dei conta que ele tinha se envolvido com coisa ruim? Se não fosse por causa da minha sexualidade, não tínhamos saído da casa da minha mãe, e nada disso teria acontecido. Teria ele aqui comigo ainda. Por isso, acho que a culpa foi minha.**

Na expressão do meu rosto **quero demonstrar foco e concentração. Como se eu tivesse olhando lá na frente. Posso não ter conseguido representar bem, mas o que queria é que meu olhar fosse seguro e determinado pra eu conseguir chegar onde eu quero, sendo respeitado** e assim como Naruto, seguir meus sonhos e não me submeter a regra nenhuma que me impeça de conseguir meus objetivos.



Junto ao meu rosto, mostro símbolos que são bastante representativos. A **boca vermelha é porque uso batom mesmo**. E gosto de fazer essa **contradição do bigode e cavanhaque junto com o batom, pra reforçar que não temos que seguir padrão determinado para um só gênero**. E para reforçar a minha identidade de gênero fluido. Por isso também, **uso os brincos nas duas orelhas e sempre brincos maiores**, para aparecer bem mesmo e **as unhas grandes e sempre pintadas, como forma de enfrentamento à heteronormatividade**. As estrelas se juntando como a pedra preciosa, que pode ser um diamante, é como se fosse uma coroa. Porque **ainda serei coroado por ter conseguido enfrentar tudo o que passei e ter conquistado todos os meus objetivos sem ter que me enquadrar nas imposições da sociedade**.

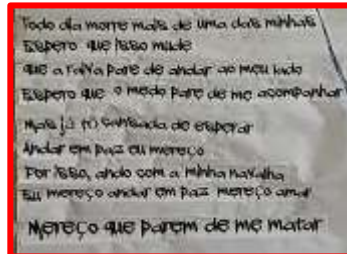


Fiz esse **desenho para representar meu irmão e a presença constante dele dentro de mim**. O que queria mesmo era colocar uma foto dele, mas entendo os motivos de não usar. Pensei muito em como poderia representar ele. **Ele é pra mim como uma flor imortal, sempre tão delicado, me iluminava, mas uma chuva de canivetes arrancou ele do jardim real da vida**.



Naruto é um anime que retrata a vida de uma criança que tem a sua vida norma interrompida, por ter colocado um certo “demônio” dentro dele, ou seja, todas as pessoas que viviam naquele ambiente começam a tratá-lo de maneira diferente porque ele tem um certo, algo incomum, um “demônio” em que esse “demônio” afeta muitas pessoas e isso diminui as chances dele na sociedade de várias formas. Ele não tem maneira social de interagir, ele não tem mais aquela liberdade de andar entre as pessoas. E ele é sempre visto como algo diferente, algo que não deveria estar ali. Mas, até que chegou um dia em que ele não liga pra nada e vai seguir os sonhos dele, sendo que ele não liga mais pra ninguém. **Ele percebe que, ele não precisa de ninguém para ser feliz. Ele não precisa se submeter a regras para conseguir os seus objetivos. Então eu me espelho muito em Naruto**.

Essa música de Urias retrata exatamente a mensagem que gostaria de deixar. **A letra completa da música traz uma mensagem forte e necessária para nossa sociedade tão cheia de preconceitos e hipocrisias. Mas a parte que quero destacar é: “Já estou cansada de esperar, andar em paz eu mereço. Mereço que parem de me matar!”**



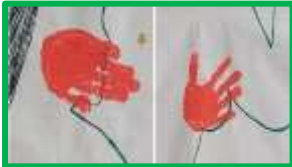
As insígnias fixadas por Aryel em seu mapa revelam o peso da própria cobrança e autculpabilização pela perda do seu irmão. Apesar de sua expressão facial, de certa leveza e até a sensação de alegria, seu mapa está carregado de símbolos que representam as marcas e cicatrizes dos momentos dolorosos em sua história. Aryel combina o caráter de força a uma tremenda sensibilidade, ao desenhar uma flor sendo regada por uma chuva de canivetes e posicionar esse desenho entre as impressões de suas mãos que escorrem sangue, associando essa cena ao falecimento do irmão, pessoa especialíssima que ele considerava seu porto seguro.

Aryel representou, ainda, a letra de uma música com a mensagem principal: “Parem de me matar” o que retrata muito bem a violência tão presente na sociedade com as pessoas que não atendem à normatização hegemônica para gêneros e sexualidade.

Essa música tem conexão direta com sua própria história familiar. Ela representa a dor das perdas causadas pela violência, pois, além do irmão, ele perdeu antes sua mãe, ao decidir deixar o interior junto com seu irmão para se verem livres dos abusos psicológicos cometidos pelo padrasto.

Por fim, Aryel conclui seu mapa, incluindo a história de um personagem animado, um anime que também tem em sua narrativa a exclusão, o preconceito, a indiferença das pessoas, mas que encontrou o caminho da felicidade longe dos julgamentos ou da necessidade de validação delas, o que serviu de inspiração para Aryel conseguir dar a volta por cima e ser coroado por ter conseguido alcançar seus objetivos, mesmo diante de tantas dificuldade de suas (sobre)vivências.

DIVANDA: Mulher Trans - Bissexual, 19 anos (destaques nossos):



Usei o **vermelho nas mãos para simbolizar dois grandes bloqueios em minha vida**. O primeiro representa o **quanto fui impedida de falar o que queria e sentia, por isso a mão na boca**. Minha mãe não queria de jeito nenhum que eu mostrasse ser quem eu sou e tentou me calar de todas as formas. E o outro, **mão no meu peito, porque já me senti muito diminuída por não ter seios**. Hoje nada disso faz mais parte da minha vida, **mas já derramei muitas lágrimas por esses dois motivos**.

A minha expressão facial **é uma expressão de quem está em oração sendo grata por tudo que conseguiu alcançar nessa vida**. Não estou triste. **Hoje sou muito feliz e realizada, apesar de já ter vivido completamente presa em um casulo**. Gosto do destaque para a minha sobrancelha super bem-feita e os meus cílios alongados.



Minhas **mãos unidas fortalecem essa ideia da gratidão ou a oração por ter conseguido alcançar o que sempre sonhei, que é poder ser eu, dizer que sou uma mulher trans em todos os lugares que chego, mesmo não precisando dizer, pois hoje sou completamente passável**, ser passável é ter a aparência do gênero que se pretende. Ninguém vai olhar pra mim e achar que sou um menino, porque sou passável. Ao mesmo tempo **a união das minhas mãos me passa a ideia de força**. E essa **força que me ajudou a romper o casulo que vivia quando precisava me esconder**.

Todos os ícones da internet e redes sociais estão presentes para simbolizar o quanto a internet foi importante no meu processo de sobrevivência. Foi a internet que salvou a minha vida e me ajudou a romper o casulo. O casulo eu representei com as cores rosa e azul que estão presentes na bandeira do movimento trans. Hoje não preciso mais me encolher, não tenho mais vergonha, minha mãe me aceita e me apoia, e eu inclusive comecei a ganhar dinheiro com a minha história, passei a monetizar com meus canais e redes sociais. Todas essas estrelas são para representar o brilho que a internet tem na minha vida.



Meu cabelo é outra marca muito valiosa para mim. Todo mundo quando descobre que sou uma mulher trans acha que é peruca. Mas é completamente natural e são meus. Sofri muito na infância quando queria tanto ter cabelos grandes e minha mãe passava a tesoura. Hoje eu posso ter como eu quiser e amo eles bem compridos.

A maior transformação da minha vida foi quando consegui romper o casulo que viva encolhida e escondida. Por isso essa é a mensagem que quero deixar para todas as pessoas. Nós podemos voar, nós podemos ser quem somos, não precisamos nos aprisionar.



Divanda tem uma história de vida inspiradora e de muita superação. É admirável como uma pessoa tão jovem conseguiu ir em busca de seus sonhos e objetivos com firmeza, enfrentando sua mãe, pessoa que tanto tentou impedir de se mostrar ao mundo como verdadeiramente é.

O simbolismo manifestado pela escolha da posição do contorno do seu corpo – completamente encolhida dentro de um casulo que é estourado com os ícones da internet – demonstra como ela enfrentou e reagiu a todas as amarras sociais de uma adolescente em desconformidade de gênero.

Por meio de sua história singular, Divanda revela o tempo todo o objetivo de ocupar espaços negados às pessoas trans e a motivação em deixar seu apoio e legado através da internet para tantas outras histórias semelhantes que se repetem pelo país afora. Por isso, a nobreza da sua escolha em se tornar uma influenciadora digital expondo suas dores e conquistas, com propósito nobre de encorajar as pessoas a tomarem posse de suas verdades e serem quem quiser ser.

SOL: Mulher Cis - Pansexual, 19 anos (destaques nossos):



Eu escolhi colocar **minhas mãos no peito por ser uma posição de conforto, que eu me sinto segura, confortável, e o amarelo por conta da felicidade, pra mim o amarelo transmite alegria.** Enquanto o amarelo traz a alegria o contorno do **meu corpo em preto traz a dualidade, porque ninguém é 100% triste e nem 100% alegre.**

A expressão do **meu rosto demonstra as incertezas que às vezes bate, o lance de me sentir meio dentro e meio fora do armário ainda.** Estou **pensativa, reflexiva, com medo.**



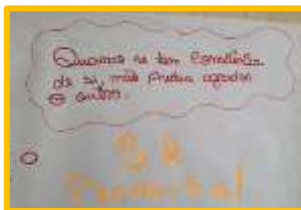
O **armário, porque estou dentro dele, não completamente dentro e não completamente fora, sabe? É como se tivesse um pé em cada lado, um pé em cada lugar, porque eu ainda tenho medo, por isso essa imagem. Não me sinto confortável para seguir minha sexualidade, pra quem me pergunta sobre a minha sexualidade eu digo que sou pansexual.** A minha mãe, tecnicamente sabe, minha família por parte de pai não sabe, **acho que eu não preciso me assumir pra todo mundo, não sinto essa necessidade** de sair falando. Uma pessoa hétero não reúne a família para dizer que é hétero.

Tenho muito medo de ser violentada, coloquei outra estampa com uma mão em vermelho, em sinal de alerta, na minha região genital e a palavra MEDO que representa essa possibilidade. Tenho medo de ser agredida, violentada sexualmente, porque muitas pessoas acabam tratando como fetiche, não levam muito a sério, sempre acham que é fase e que vai passar.



O sol, representa o quanto eu quero ser vista, quero ser olhada. Eu não quero me esconder, e ninguém consegue esconder o sol. Eu sou o sol. Não preciso de ninguém. Se outras pessoas forem embora, tá tudo bem. É a minha vida e o que eu faço é um problema meu, só meu.

Essas estrelas no meu pé é sobre não botar o pé no chão, estar nas nuvens, não querer sentir e viver a realidade, prefiro viver no meu mundo, no mundo da lua, avoada mesmo, sabe?



A mensagem que quero deixar é pra gente não viver preocupada em agradar o outro. É sobre se permitir ser você. Quando temos consciência de nós mesmos, a gente não se preocupa com o que o outro acha certo ou errado. Antes eu era evangélica e achava um pecado me relacionar com outra mulher. Hoje não me incomoda mais, já me aceito e não acho que seja errado.

E se tiver julgamentos eu não me importo, não sinto mais a necessidade de agradar o outro em relação a isso.

Sol demonstra bastante insegurança em relação à sua sexualidade. Ela ainda tem muitos registros que passam a impressão que ela convive o medo. Ao mesmo tempo que quer brilhar, ser o seu próprio sol, ela se sente ainda dentro do armário, exibindo a dualidade entre a alegria (através da cor amarela) e a tristeza, principalmente por não ter encontrado o apoio que esperava quando 'se assumiu' para sua mãe.

A falta de compreensão de sua genitora é fato que ela assume não ter superado. No entanto, em outros momentos, ela afirma que não se importa com o que os outros vão achar,

pois a vida é dela e ela deseja ser segura para fazer o que quiser. Fica claro que essa segurança ainda não é algo consolidado em sua história de vida.

Sol usou a cor vermelha para fazer a impressão de sua mão e grafou a palavra medo no espaço do desenho que corresponde à sua região genital. Fez isso porque ela considera que seu corpo é alvo de constantes ameaças dentro de uma sociedade que tanto se esforça para manter o *status quo* da heterossexualidade compulsória. Essa representação simboliza sua intenção de se preservar, principalmente de agressões físicas e violências sexuais que resultam da intolerância às diferenças de gênero.

Da observação dos cinco mapas, notamos que os entrevistados expõem símbolos e marcas que denotam que as dúvidas, as culpas, os medos e os impedimentos estão muito presentes no processo de formação identitária, sobretudo quando se trata das sexualidades e das identidades de gênero. Tudo isso é reflexo da imposição da cisheteronormatividade estrutural do (cis)tema hegemônico

5.3. Testemunhos e mapas corporais

*Se deixa ser, se deixa
Suas normas me veem
Mas não me pegam, não, meu bem
Nem vem
Se deixa viver, passarinho voa além
Diversidade não tem refém
Eu posso ser quem eu quiser ser
Tira o bule, faz carão
Encosta sério, se conserta, entra no padrão
Encontra o close e preste atenção
Meu bem, suas regras não definem, não
Eu posso ser quem eu quiser ser
Eu posso ser quem eu quiser
(MAJUR, 2021)³⁸*

³⁸ Trecho da música *Flua* da artista Majur, lançada em 2021.

A letra da música de Majur retrata com fidelidade o objetivo desse trabalho. Se deixar ser, se deixar viver, assim, exatamente como é, podendo ser quem quiser ser, sem amarras e definições de regras e padrões.

A partir dos testemunhos que acompanham os mapas corporais narrados completos construídos neste estudo como método para geração de dados, pode-se perceber claramente a presença desse desejo em todas as narrativas. Os testemunhos foram criados por cada uma das cinco pessoas que contribuíram com o trabalho, onde cada uma expressa justamente essa (sobre)vivência de poder ser quem quiser ser.

De acordo com Denise Gastaldo et al. (2012, p. 10): “as narrativas através dos mapas corporais [narrados] têm o potencial para conectar tempos e espaços na vida das pessoas, que do contrário, são vistos como separados e distantes em abordagens mais tradicionais e lineares”.

Ao trazer o corpo para o centro deste espaço de representação, ajudamos as participantes a se envolverem em diálogos sobre experiências e percepções de uma maneira corporal, ao invés de uma forma temporal ou espacial. O uso do mapa corporal narrado em estudos qualitativos, é particularmente significativo para entender a intersecção de contextos globais e locais, bem como representações fragmentadas de si mesmo. Isso pode ser alcançado através da exploração das histórias de vida das pessoas ou do seu senso de pertencimento múltiplo no contexto de experiências corporais. (Denise GASTALDO et al, 2012, p. 11)

Reitero que as representações são fragmentadas de si, pois retratam as histórias de vida de cada participante sobre o aspecto das sexualidades e das questões de gênero. A seguir serão apresentados os mapas completos com os respectivos testemunhos que podem nos auxiliar na compreensão de contextos mais amplos, uma vez que, sobressai em todos eles (sobre)viências de um processo de redução marcado pela cisheteronormatividade colonizada e estruturada, que dita os padrões e comportamentos aceitáveis e não aceitáveis socialmente.

Os produtos visuais finais, além de ficarem atrativos para os leitores, pela abordagem criativa, desperta maior interesse nas histórias retratadas através das cartografias produzidas, o que potencializa e facilita as possibilidades de intercâmbio dos conhecimentos.

Em se tratando de um estudo interdisciplinar, mas que tem a escola como campo de exploração, forma-se com os mapas corporais um produto final acessível para a comunidade escolar, sobretudo para as juventudes que são o público alvo aqui, facilitando uma disseminação do conhecimento para uma possível agenda de educação pela diferença para e pelos direitos humanos.

Pedimos aos participantes para que evitassem usar nomes e imagens reais. Isso às vezes pode ser difícil, pois algumas participantes podem querer revelar quem são por razões políticas ou de militância e ativismo social, mas essas razões devem ser cuidadosamente equilibradas entre o interesse das participantes e as possíveis implicações éticas e legais de terem suas identidades reveladas. (Denise GASTÁLDO et al, 2012, p. 12-13).

A intenção é fazer o uso desse material para ampliar o debate nas escolas acerca das diferenças sexuais e de gêneros, fundamentado em uma educação sexual ampliada, que abrace tanto os aspectos biológicos, mas sobretudo os aspectos sociais, políticos, psicológicos e humanitários da afetividade e sexualidade humana.

É essencial colocar em prática as competências transversais da Base Nacional Comum Curricular que prevê a formação de jovens para agir com responsabilidade, tomar decisões com base em princípios éticos, cuidar emocionalmente de si e das outras pessoas com quem convivem acolhendo as diferenças. Espero que tudo isso seja facilitado com o uso dos mapas corporais narrados:

Mapa 1: Música

Testemunho

Eu tenho 20 anos e me autodeclaro mulher cis e lésbica. Música vai ser meu nome por ter sido a música a minha grande salvação. Desde pequena nunca gostei tanto das coisas de meninas. Lá para os meus 13 anos, comecei a perceber que gostava de meninas, então me entendia como lésbica. Quando meu pai soube passou a abusar sexualmente de mim. Dizia que era para me salvar, para eu aprender a ser mulher e mulher gosta é de homem. Isso me fez sofrer muito, a dor era tão grande internamente que me automutiliei várias vezes, pra ver se diminuía a dor que me apertava por dentro. Tinha vontade de morrer mesmo. Comecei a achar que era pra ter nascido homem. Iniciei processo de transição, passei a usar nome social, só que dois anos depois, vi que não era nada disso. Resolvi destransicionar. Hoje sei que não precisa ser feminina para ser mulher. Ficava isolada no quarto compondo canções que aliviava meu sofrer. Hoje estou tranquila com meu gênero e minha sexualidade, enfrentei muita coisa para chegar até aqui. Mas sou feliz! A música me faz feliz!



Mapa 2: BOLHA

Testemunho



Tenho 20 anos e sou bem calado. Não gosto muito de falar sobre mim. Vivo quieto meio que dentro da minha bolha. Por isso, o melhor nome para me representar é Bolha. Já sofri muito, tanto em casa quanto na escola, por causa do meu jeito afeminado e essa voz fina.

Não sou de sair. Em casa não converso também, fico mais na minha. Vou de casa pra escola e da escola pra casa. Trabalho costurando com minha mãe. Não sei se pelo meu jeito calado, tenho poucos amigos e mesmo tendo a certeza que sou gay, nunca namorei com ninguém. É isso. Sobre o meu futuro? O futuro a Deus pertence. Eu não tenho ideia, não tenho perspectiva de nada. Não sou de demonstrar o que sinto, nem tão pouco falar. Mas sinto a exclusão de ser um menino viado. Dói sim, apesar de todo mundo achar que eu não sinto nada, porque estou sempre quieto e calado.

Mapa n. 4: DIVANDA

Testemunho



Eu sempre soube que eu não era um menino. Minha mãe, muito conservadora nunca compreendia e falava que era um absurdo. Vivi muito tempo num casulo. Sofri muito até decidir enfrentar tudo para realizar o sonho de poder ser eu. Acho que comecei minha transição com 11 anos de idade. Brigava com minha mãe para não cortar o cabelo. Eu sou Divanda, tenho 19 anos e onde quer que eu vá, faço questão de dizer que sou uma mulher trans e bissexual. Sou passável! Nem precisava dizer, mas faço questão. Consegui realizar meu maior sonho ano passado: colocar peito. Não tenho vontade de fazer a cirurgia de redesignação sexual, acredito que não serei menos mulher por não ter uma vagina. Depois que comecei a monetizar na internet, minha mãe passou a me entender. A internet salvou a minha vida. Me tirou do casulo em que eu vivia isolada e isso foi a maior **trans**formação da minha vida. Sofri muito, mas hoje sou totalmente realizada e quero ajudar as pessoas que estão iniciando esse processo. Sou Divanda porque hoje posso “divar” sendo eu mesma onde quer que eu vá.

Mapa n. 5: Sol

Testemunho

Eu descobri que gostava de mulher com 11 anos. Mas neguei até onde pude porque venho de uma família muito cristã. Um dia contei pra minha mãe e desde então, ela finge que isso nunca aconteceu. Sou oficialmente assumida para minha mãe, mas eu não me sinto confortável para seguir a minha sexualidade, porque tenho medo de ser agredida, violentada. Tenho medo das pessoas tratarem como fetiche. Pra quem me pergunta, eu falo que sou pansexual, mas acho que eu não preciso me assumir, até porque quem é hétero não sente com a família pra dizer que é hétero. Falei uma vez pra minha mãe pra não carregar nenhum peso na consciência se acontecesse dela saber que namorei alguma menina. Escolhi meu nome Sol, porque eu sou o sol, quero ser vista, não quero viver escondida, não quero viver no armário. Sou Sol, tenho 19 anos e sou pansexual. Hoje sinto que não tenho necessidade de agradar ninguém. Quando eu era do 8º ano, eu achava um pecado gostar de mulher. Eu era evangélica, por isso não me aceitava. Mas agora, no ensino médio eu realmente me aceitei. Não acho que amar seja errado. Se amar é errado, o que é certo?



6. PONTO DE CHEGADA: CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS, PRÓXIMOS PASSOS E PALAVRAS FINAIS

*Viva a tese como um desafio.
O desafiante é você:
foi-lhe feita no início uma pergunta
que você ainda não sabia responder.
Trata-se de encontrar a solução
em um número finito de lances.
Às vezes, a tese é um **puzzle**:
você dispõe de todas as peças,
cumpre fazê-las entrar em seu devido lugar.*
(Umberto Eco, 2016)³⁹

Primeiro visualizei o *puzzle* da tese de doutorado em minha mente. Depois espalhei todas as suas peças em minha bancada de estudos. Como eram muitas peças para pouco espaço, algumas delas se espalharam pelo quarto, outras seguiram comigo até o trabalho e teve até aquelas que fizeram parte das bagagens de viagem de férias. As relações que foram surgindo com o encaixe das peças irradiaram uma energia tão boa, que algumas delas, certamente, seguirão comigo pra sempre em lugar bastante especial.

Viver a tese foi, de fato, muito desafiador e não foi simples colocar todas as peças em seus devidos lugares. No entanto, foi encaixando peça a peça, cada uma em seu tempo, que cheguei até aqui.

Agora, faltando poucos espaços vazios nesse *puzzle*, ainda me resta traçar as considerações possíveis, tópico que permitirá pensar os próximos passos. Mas advirto: as considerações possíveis não virão, necessariamente, em formato de palavras finais, mesmo porque muitos outros quebra-cabeças ainda precisarão ser montados para que consigamos viver em uma sociedade em que respeito às diferenças.

A iniciativa para compreender como as juventudes (sobre)vivem com as diferenças sexuais e de gêneros no CISTema hegemônico, frente às suas construções identitárias e relacionais nos contextos familiares e socioeducacionais, descortinou fatos extremamente

³⁹ Trecho retirado do livro *Como se faz uma tese*. ECO, Umberto. São Paulo: Perspectiva, 2016, p. 206.

relevantes que entendo que devem ser levados em consideração, sobretudo no campo educacional, por ser este, potencialmente, o berço de um possível caminho para a mudança.

Viver, aprender a ser e (con)viver com as diferenças em uma sociedade tão preconceituosa – que ignora as diversas formas e expressões, valorizando tão somente aquilo que ‘obedece’ a uma norma pré-estabelecida por parâmetros coloniais patriarcais, machistas, racistas e hegemônicos – se afigura um exercício que se enquadra em um reducionismo da complexa experiência social.

As histórias de vidas aqui apresentadas – contextualizadas nas esferas privada (famílias) e pública (escola) – convergem para uma reflexão singular: é imprescindível e urgente promover transformações substanciais na forma de pensar e agir sobre as diferenças sexuais e de gêneros.

As narrativas assinalam que estamos vivenciando um período de certa transição, no que se refere às relações sociais de gêneros e sexualidades. Ao se pensar nas formações identitárias, são estabelecidas relações simbióticas de rupturas e permanências; enfrentamentos e medos; poderes e submissões. Esses entrecruzamentos permeiam as (sobre)vivências juvenis gerando um estado mórbido caracterizado pelo abatimento sócioemocional que acarreta, muitas vezes, o isolamento social. A esse respeito, Judith Butler nos ensina que:

A força da submissão dos sujeitos, seja às identidades de gênero pensadas em uma matriz estável e insuperável, seja à própria forma geral da identidade, é indissociável dos usos da melancolia. O poder age produzindo em nós melancolia, fazendo-nos ocupar uma posição necessariamente melancólica. Podemos mesmo dizer que o poder nos melancoliza e é dessa forma que ele nos submete. Esta é sua verdadeira violência de uma regulação social que internaliza uma clivagem, mas a clivagem cuja única função é levar o eu a acusar si mesmo em sua própria vulnerabilidade. (Judith BUTLER, 2017a, p.190, grifos nossos).

Dentro desse contexto, as narrativas desse estudo demonstram a melancolia que as juventudes que (sobre)vivem com as diferenças sexuais e de gêneros enfrentam por não se ‘encaixarem’ no (cis)tema cisheteronormativo e hegemônico. Assim, tornam-se alvos constantes de preconceitos, intolerâncias, discriminações, isolamentos e exclusões que culminam em múltiplas violências, independentemente do território ou contexto que frequentam, inclusive na acusação de si mesmo em detrimento da sua própria vulnerabilidade.

Mesmo diante de toda a vulnerabilidade e de tantos conflitos e dificuldades enfrentados e (re)forçados pelas amarras e regras socioculturais impostas pela hegemonia, a

juventude demonstra sua resistência. Importa salientar o alívio e a sensação de liberdade ao conseguirem o encorajamento para abrir as portas e “sair do armário”, livrando-se das bolhas e casulos de (auto)negação, de silenciamentos, angústias, melancolias e invisibilidades. É dessa forma que são produzidos os caminhos possíveis para a construção identitária ou ‘formação de si’ de jovens com diferenças sexuais e de gênero:

Alguns, no entanto, ousam assumir tal lugar. Eles e elas não apenas transitam de um gênero a outro, de uma sexualidade a outra, mas, por vezes, escolhem a posição de trânsito como o seu “lugar”. Para esses sujeitos, a grande questão não consiste em se opor à identidade ou à cultura centrais; não lhes interessa, também, serem acolhidos ou integrados ao “sistema”. Sua aspiração parece ser a de romper com a lógica hegemônica, melhor dizendo, interessa-lhes romper com a lógica que, a favor ou contra, continua se remetendo, sempre, ao sujeito central (masculino, branco, heterossexual, de classe média). Tais sujeitos se assumem como excêntricos (fora-do-centro) e pretendem viver como tais. (Guacira LOURO, 2003, sem paginação, grifos nossos).

Assumir-se como pessoas excêntricas e compreender uma identidade considerada subversiva – que brotam em formas inteligíveis e se manifestam, simplesmente, no ato de ser e de (con)viver como são, sem escolhas, sem opções, simplesmente como são – é a razão pela qual devem ser (re)conhecidas e inseridas nos mais diversos contextos sociais, sobretudo nos contextos familiares e escolares.

Diante das mais diversas dificuldades de uma sociedade altamente heteronormativa e capitalista, não é de se espantar que um percentual muito grande de pessoas e famílias sobreviva dentro desse sistema perverso e cruel. Entretanto, para as pessoas que possuem os marcadores que vão contra a hegemonia, essa sobrevivência se torna ainda mais árdua.

Por todo o exposto ao longo desse trabalho, chego a consideração final desse estudo, com base nas histórias de vidas representadas e todas as simbologias e marcações cartografadas nos mapas construídos, de que **tais sobrevivências se tornam ainda mais complexas quando ferem a ordem da dominação masculina**.

Portanto, a tese desse trabalho está fundamentada nas práticas simbólicas que dão uma primazia ao poder masculino, sendo utilizada a relação de poder e de disciplinarização dos corpos como eixo principal para pensar e desenvolver a tese.

Michel Foucault (1999) nos faz pensar que o poder se instaura na produção de um dado saber sobre a sexualidade humana. Saber este que, no campo social, mantém-se a partir das relações de poder que são personificadas pela via dos discursos ou de ações e que tendem a colocar a sexualidade humana em duas categorias: normalidade *versus* anormalidade; e aceitável *versus* não aceitável.

Nesse sentido, as (sobre)vivência de corpos com diferenças sexuais e de gêneros, tendo como paralelo os efeitos normalizadores e disciplinares que atravessam a sexualidade humana, são vistas como uma forma de controle social que tem como propósito maior a regulação dos corpos que ferem os simbolismos e marcas que expressam a dominação masculina.

Nesse sentido, todo comportamento que transcende às configurações hegemônicas heteronormativas e, sobretudo, todo comportamento que transcende à ordem da primazia masculina, são comportamentos para os quais são impostos maior grau de disciplina e punição.

Qualquer pessoa que não se identifique com as regras e as configurações consideradas normais e socialmente padronizadas é vista como uma pessoa diferente, excluída e passível de discriminações e violências. Assim, é a partir da regulamentação e hierarquização dos corpos dentro do modelo ideal da heteronormatividade que os preconceitos são reforçados e acabam funcionando como grandes barreiras nas (con)vivências juvenis, tanto nos contextos familiares, quanto nos escolares.

Depois de trabalhar com experiências, saberes e (sobre)vivências, notadamente no que diz respeito às relações de gênero e sexualidades, somos impulsionadas a desarticular a hegemonia, fomentando a produção de novos modos de pensar, de ver, de olhar, de sentir, de ouvir, de dizer, de compartilhar e também de pesquisar.

Explorar as fronteiras, permitir que novos questionamentos surjam e abraçar pesquisas outras que nos ampare, nos fortaleça e nos direcione são os caminhos que surgem e que nos levam a vislumbrar as infinitas possibilidades de vivências e não mais de sobrevivências e desumanização para esses corpos juvenis.

A desumanização que resulta da “ordem” injusta não deveria ser uma razão da perda da esperança, mas, ao contrário, uma razão de desejar ainda mais, e de procurar sem descanso, restaurar a humanidade esmagada pela injustiça. Não é, porém, a esperança um cruzar de braços e esperar. Movo-me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero. (Paulo FREIRE, 2017, p. 114, grifos nossos).

Dentro de uma ampla visão de realismo, para continuar na luta e nutrir a esperança de uma humanidade restaurada, é imprescindível pensar/repensar as manifestações acerca das diferenças sexuais e de gêneros, em diferentes espaços discursivos, em especial, no campo educacional.

Isso porque é na escola que podemos/devemos investir para que ela se torne um ambiente de construção de saberes imbricados às experiências e vivências de humanização e não mais desumanização, tal qual (sobre)vivemos hoje.

Para além de debater gêneros e sexualidades em sala de aula e batalhar para políticas públicas que tragam a obrigatoriedade da temática no currículo escolar, também é de suma importância a instrução e formação continuada de professores para que possam contribuir em suas práxis para a diminuição do preconceito, do estigma, dos conflitos, da regulamentação e hierarquização dos corpos e, conseqüentemente, das práticas excludentes.

Desta forma, oportunizar uma convivência mais harmoniosa, diversa, socialmente igualitária e justa contribuindo para o esvaziamento do tradicional caráter hegemônico discriminador e produtor de conflitos e preconceitos. E assim, construir uma educação para a pelos direitos humanos que transforma as diferenças presentes no ambiente escolar em verdadeiras riquezas sociais.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWAY, Miriam, CASTRO, Mary Garcia & SILVA, Lorena Bernadete da. **Juventude e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

ABRAMOVAY, Miriam, CUNHA, Anna Lúcia; CALAF, Priscila Pinto. **Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas**. Brasília: Rede de Informação Tecnológica Latino-americana - RITLA, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - SEEDF, 2009. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/cla-3135> Acesso em: 11 ago. 2022.

BASTOS, Denise de Araújo, CRUZ, Izaura Santiago da & DANTAS, Maria da Conceição Carvalho. **Gênero e sexualidade na escola**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2018.

ANDRADE, Carlos Drumond. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: Record, 1988.

ASSIS, Dayane N. Conceição de. **Interseccionalidades**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Rev. Bras. Ciência Política**, Brasília, n.11, pp. 89-117. Ago. 2013. Disponível em: [RBCPed11.indd \(scielo.br\)](https://www.scielo.br/rbcp/v11n11/a01) Acesso em: 09 mar. 2021.

BARDIN, Laurence **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Revista Estudos Feminista**, v.19, n. 2, p. 549-559, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v19n2/v19n2a16.pdf>. Acesso em: 15 Mar. 2021.

BOOTH, Wayne C., COLOMB, Gregory G. & WILLIAMS, Joseph M. **A arte da pesquisa**. Tradução Henrique A. Rego Monteiro. – 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 13 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017a.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do sexo**. São Paulo: N1 Edições, 2019.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e Etnia: construção da pessoa e resistência cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CARVALHO, Brenda Cristiane Bahia de. **Maternidade e filialidade para mães em sofrimento psíquico e suas filhas: entre a delicadeza da experiência pessoal e os recursos**

de proteção social. Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia (UFBA) – Programa de Pós-Graduação de Psicologia: Salvador: 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/30490> Acesso em: 11 abr. 2021.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam. Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências. **Cad. Pesqui.** [online]. 2002, n.116, pp.143-176. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742002000200007>> Acesso em: 11 ago. 2018.

Comentado [KJ1]: No texto, a obra é de 2013.

É 2002 mesmo!

CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon & SILVA, Antônio Carlos da. Para e pelos direitos humanos: perspectivas e debates sobre violência, educação e agendas. In: GOMES, Celma Borges. (Org.). **Em busca de uma cultura da não violência nas escolas**. Salvador: Edufba, 2015. p. 1-12.

CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon & SILVA, Antônio Carlos da. Controvérsias de/para uma Educação Integral: tendências inclusivas ou exclusivas? In: BORGES, Celma (Org.). **Educação Integral na região metropolitana de Salvador**. Salvador: Edufba, 2016.

CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon & GOMES, Gina Emília Barbosa de O. Costa. Violência(s) Portas Adentro: Categorias Relacionais como Gênero e Famílias em Foco Interdisciplinar. In: BASTOS, Anna Cecília de. et al. **Família no Brasil: recurso para a pessoa e sociedade**. Curitiba: Juruá, 2015. p. 313-338.

CHAUÍ, Marilena. Espinosa, poder e liberdade. In: BORBON, Atílio. (Ed.) **Filosofia política moderna: de Hobbes a Marx**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

COLLING, Leandro. **Que os outros sejam normal: tensões entre movimento LGBT e ativismo queer**. Salvador: EDUFBA. 2015.

COLLING, Leandro. **Gênero e sexualidade na atualidade**: Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2018.

COLLING, Leandro & TRÓI, Marcelo de. Decolonizar o corpo: o Teat(r)o Oficina e a Universidade Antropófaga. **Urdimento**. V.1, n.28, pp. 108-124, Julho 2017. Disponível em: <http://revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101282017108/6975> Acesso em: 15 mar. 2021.

CRESWELL, Jonh W., **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CUNHA, Adriana Miranda. Mapeando o corpo: proposições práticas para a partilha do sensível nas representações do corpo em criação. **Urdimento** – Revista de Estudos de Artes e Ciências. v.2, n.27, p.228-240, Dezembro 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/311689810_Mapeando_o_Corpo_proposicoes_praticas_para_a_partilha_do_sensivel_nas_representacoes_do_corpo_em_criacao Acesso em: 06 jan. 2023.

DAMÁSIO, Antônio. **O Sentimento de Si**. O Corpo, a Emoção e a Neurobiologia da Consciência. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil platôs: do capitalismo à esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez, 2006.

DESLANDES Suely Ferreira, GOMES Romeu Cruz Neto & MINAYO Maria Cecília de Souza. Orgs. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis/ Rio de Janeiro: Vozes; 1994.

DIAS, Isabel. O espaço doméstico como lugar da violência de gêneros. **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto: Sociologia**, Porto, v. 11, pp. 103-106, 2001. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/8175/2/1483.pdf>> Acesso em: 19 set. 2018.

EVANS, Leighton. Authenticity Online: using webnography to address phenomenological concerns. In: MOUSOUTZANIS, A.; RIHA, D. (orgs.). **New Media and the Politics of Online Communities**. Oxford: Inter-Disciplinary Press, 2010.

FALCHI, Cinthia Alves. **Crítica ao Paradigma da diferença identitária dos corpos: Transgressão de gênero como ruptura ética**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências: Marília, 2018. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Educacao/Dissertacoes/falchi_ca_do_mar.pdf. Acesso em: 05 abr. 2021.

FARINA, Modesto; PEREZ, Clotilde & BASTOS Dorinho. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. São Paulo: Edgard Blücher, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. O nascimento da prisão. Petrópolis/ Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: A vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2: O uso dos prazeres**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2017.

GASTALDO, Denise; RIVAS-QUARNETI, Natáli & MAGALHÃES, Lilian. Body-map storytelling as a health research methodology: blurred lines creating clear pictures. In:

Forum Qualitative Sozialforschung/Forum: Qualitative Social Research, may, 2018. v. 19, n. 2, p. 26. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/376915388/2858-12422-2-PB> Acesso em 18 abr. 2021

GASTALDO, Denise, MAGALHÃES, Lilian, CARRASCO, Christine, & DAVY, Charity. **Pesquisa através de mapas corporais narrados**. Considerações metodológicas para contar as histórias de trabalhadores indocumentados através de mapas corporais. (Trad. Jordana DOMAGALSKI, GARCIA Diego, MARTINS, Sofia & COSTA Aline. 2012 / 2019. Disponível em: <http://www.migrationhealth.ca/undocumented-workers-ontario/body-mapping> Acesso em 06 abr. 2021.

GOMES, Celma Borges. A banalização da vida, suas consequências e seus condicionantes. **Revista Ciências médicas e biológicas**, Salvador, v. 3, n. 1, p. 89-107, jan./jun. 2004. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/cmbio/%20article/view/4414/3272>. Acesso em: 09 ago. 2018.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. São Paulo: Editora Olhares. 2013.gomes

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, Porto Alegre/RS, v. 3, n. 63, p. 413-438, set./dez. 2007. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a_tranfor2.pdf. Acesso em: Dez/ 2022

JOSSO, Marie-Christine. O corpo biográfico: o corpo falado e o corpo que fala. **Educação & Realidade**, Porto Alegre / RS, v. 37, n. 1, p. 19-31, jan./abr. 2017. Disponível em: https://www.ufrgs.br/edu_realidade/. Acesso em: Dez /2022

KOZINETS, Robert. V. **Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014.

LARROSA Bondía Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. Rev. Bras. Educ., 2002 (19), jan. 2002. Disponível em: [SciELO - Brasil - Notas sobre a experiência e o saber de experiência](https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100002) Notas sobre a experiência e o saber de experiência Acesso em: 18. Jan. 2023

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. Corpos que escapam. **Revista Labrys / Estudos feministas**. n. 4, ago/set 2003. Disponível em: <https://www.labrys.net.br/labrys4/textos/guacira1.htm> Acesso em: 29 jan. 2023.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: Ensaios sobre sexualidade e a teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-posições**, v. 19, n. 2, p. 17-23, maio/agosto. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf> Acesso em: 21 ago. 2018. Acesso em: 11 ago. 2018.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

LUGONES, Maria. Colonialidad y Género. **Tabula Rasa**, Bogotá, n. 9, p. 73-102, dez. 2008. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1794-24892008000200006&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 21 mar. 2021.

MALDONADO-TORRES Nelson. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade, **Revista Crítica de Ciências Sociais** [Online], 80, 2008, Disponível em: <http://rccs.revues.org/695> Acesso em: 03 mar. 2021.

MESSEDER, Suely. A construção do conhecimento científico blasfêmico ou para além disto nos estudos de sexualidades e gênero. **I Colóquio de Gênero e Diversidade Sexual**, Tocantins, 2013. Disponível em: [http://www.idaes.edu.ar/pdf_papeles/M1%20-%208%20-artigosuelymesseder_coloquio%20\(3\)%20rev.pdf](http://www.idaes.edu.ar/pdf_papeles/M1%20-%208%20-artigosuelymesseder_coloquio%20(3)%20rev.pdf) Acesso em: 29 mar. 2021.

MIGNOLO, Walter D. e Arturo Casas. "Silencios Da Autoridade: A Colonialidade Do Ser e Do Saber." **Grial**, vol. 43, n. 165, 2005, pp. 26–31. JSTOR. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/29752393>. Acesso em 13 jan. 2023.

MIGNOLO, Walter. Os esplendores e as misérias da 'ciência': Colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistêmica, in Boaventura de Sousa Santos (org.), **Conhecimento prudente para uma vida decente**: Um discurso sobre as ciências, Porto: Edições Afrontamento, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2011.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

MOUTINHO, Laura. Diferenças e desigualdades negociadas: raça, sexualidade e gênero em produções acadêmicas recentes. **Cadernos Pagu** [online]. 2014, n. 42. pp. 201-248. Acesso em 11 jan. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-8333201400420201>.

MURASAKI, Aryel Ken & GALHEIGO, Sandra Maria. Juventude, homossexualidade e diversidade: um estudo sobre o processo de sair do armário usando mapas corporais. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 24, n. 1, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/299475548_Juventude_homossexualidade_e_diversidade_um_estudo_sobre_o_processo_de_sair_do_armario_usando_mapas_corporais Acesso em 20 abr. 2021.

PARAÍSO, Marluce Alves. Pesquisas pós-críticas em educação no Brasil: esboço de um mapa. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 122, p. 283-303, maio/ago. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cp/v34n122/22506.pdf> Acesso em 18 abr. 2021.

PETRINI, Giancarlo. Significado social da família. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo** (PUCMG), v. 16, pp.111-121, 2009. Disponível em: <http://seer.pucminas.br/index.php/Arquiteturaeurbanismo/article/view/1204/1248>. Acesso em: 25 jun. 2022.

PEIXOTO, Clarice Ehlers, SINGLY François de, & CICCHELLI Vincenzo. **Família e individualização**. Tradução de Angela Xavier de Brito. — Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

PIEIDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós. 2017.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade, poder, globalização e democracia. *Novos rumos*, n. 37, pp.4-28, 2002. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/novosrumos/article/view/2192/1812> Acesso em: 03 ago. 2018.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In Edgardo Lander (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 2005. pp.227-278. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/pt/Quijano.rtf> Acesso em 28 mar. 2021.

RIBEIRO, Djamilia. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ROLNIK, Suely. O mal-estar na diferença. **Chimères** n° 25. Association Chimères, Paris, 1995. Versão ligeiramente modificada do ensaio publicado no Anuário Brasileiro de Psicanálise. Relume-Dumará, Rio de Janeiro, 1995 e, na Argentina, in Zona Erógena, Revista abierta de Psicoanálisis y Pensamiento Contemporáneo, no 24. Buenos Aires, inverno 1995. Disponível em: <https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Malestardiferenca.pdf> Acesso em 17 dez. 2022.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

RUBIN, Gayle. **Pensando sobre sexo**: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/1582/gaylerubin.pdf?sequenc e=1&isAllowed=y> Acesso em: 11 abr. 2021.

SALGADO, Mara. & FRANCISCATTI, Kety Valéria Simões. A análise dos dados da História Oral: fundamentos para uma Psicologia Crítica. *Estudos e pesquisas em psicologia*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, 2014, pp. 304-319. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/%20article/view/10469/832> Acesso em: 03 abr. 2021.

SANTOS, Ana Cristina. Direitos Humanos e Minorias Sexuais em Portugal: do jurídico ao serviço de um novo movimento social. In: CASCAIS, Antônio Fernando; SANTOS, Ana Cristina (Org.). **Indisciplinar a teoria: estudos gays, lésbicos e queer**. Lisboa: Fenda, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Ciência e senso comum. In: ____ **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 2001. p. 31-45

SANTOS, Boaventura de Souza. Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 78, Outubro 2007, pp. 3-46. Disponível em: https://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/150_Para%20alem%20do%20pensamento%20abissal_RCCS78.pdf Acesso em: 30 mar. 2021.

SANTOS, Inês Maria Menezes. & SANTOS, Rosangela da Silva. A etapa de análise no método história de vida: uma experiência de pesquisadores de enfermagem. **Texto contexto - enferm.**[online]. 2008, vol.17, n.4, pp.714-719. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072008000400012&ln%20g=%20pt&tlng=pt Acesso em: 19 abr. 2021.

SANTOS, Simone Ganem Assmar. Mapeando os corpos femininos na história do tempo presente: diálogos e representações. Tese (Doutorado em Família na sociedade contemporânea) – Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2014. Disponível em: Acesso em: 23 ago. 2018.

SARTI, Cynthia Andersen. A família como ordem simbólica. **Psicologia USP** [online]. 2004, v. 15, n. 3, pp. 11-28. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642004000200002> . Acesso em: 15 jan. 2023.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n° 2, jul./dez. p. 71-99, 1995. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/1210/scott_gender2.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 10 set. 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.

SILVA, Karine Nascimento. **Fala garot@!** Sobre sexualidades nas famílias e nas escolas: vozes que ecoam e transgridem. Dissertação (Família na sociedade contemporânea)184f. Salvador. Universidade Católica do Salvador – UCSal, 2015. Disponível em: <http://ri.ucsal.br:8080/jspui/handle/123456730/123>. Acesso em: 20 set. 2020.

STOLCKE, Verena. Sexo está para gênero, assim como raça para etnicidade?. *Revista Estudos Afro-Asiáticos*, n. 20, p. 101-119, 1991. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/373812/mod_resource/content/1/sexo%20genero%20ra%C3%A7a%20eticidade.pdf. Acesso em: 05 ago. 2018.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/19685/1/VERGUEIRO%20Viviane%20-%20Por%20inflexoes%20decoloniais%20de%20corpos%20e%20identidades%20de%20ge%20nero%20inconformes.pdf> Acesso em: 08 abr. 2021.

APÊNDICE 1**TERMO DE RESPONSABILIDADE E COMPROMISSO NA
UTILIZAÇÃO DE DADOS**

Eu, **Pollyanna Rezende-Campos**, pesquisadora responsável pela pesquisa (SOBRE)VIVÊNCIAS JUVENIS: DIFERENÇAS SEXUAIS EM CONTEXTOS FAMILIARES E ESCOLARES DO (CIS)TEMA HEGEMÔNICO, utilizada como requisito para aquisição do título de Doutora no Programa de Pós Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador – UCSAL, asseguro total confidencialidade e privacidade dos dados recebidos por meio das entrevistas, garantindo a proteção e não estigmatização dos participantes da pesquisa, assim como, a utilização das informações apenas e exclusivamente para cunho científico.

Pollyanna Rezende Campos
Pesquisadora

APÊNDICE 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada/o a participar, como voluntária/o, de uma pesquisa intitulada: **(Sobre)Vivências Juvenis: diferenças sexuais e de gênero nos contextos familiares e escolares de um (cis)tema hegemônico**, que será desenvolvida por Pollyanna Rezende-Campos, como estudo de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador – UCSAL.

Essa investigação tem como objetivo analisar como as juventudes (sobre)vivem com as diferenças sexuais e de gêneros nos CISTema hegemônico, frente às suas construções identitárias e relacionais nos contextos familiares e sociais. Para a coleta de dados/informações teremos de uma a três encontros virtuais para realização da entrevista. O roteiro compreenderá perguntas relacionadas à sua trajetória de vida, no que diz respeito a sua construção identitária e suas relações com a família e a escola. Cada encontro terá duração máxima de 60 minutos.

Esta atividade não é obrigatória e, a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento, sem que haja qualquer penalização ou prejuízo para o você. (Res. 510/2016 CNS/MS).

Ao decidir participar deste estudo esclareço que:

- Caso não se sinta à vontade com alguma questão da entrevista, você pode, tranquilamente, optar em não responder, sem que isso implique em qualquer prejuízo.
- As informações fornecidas poderão, mais tarde, ser utilizadas para trabalhos científicos, garantindo total sigilo da sua identificação, isto é, não haverá chance de seu nome ser identificado, por isso você fará a escolha de um nome fictício que será usado na pesquisa, assegurando-lhe completo anonimato.
- Devido ao caráter confidencial, essas informações serão utilizadas apenas para os objetivos de estudo. A entrevista será gravada para possibilitar o registro de todas as informações prestadas e, após sua transcrição, será apagada. Uma cópia da transcrição será entregue ao entrevistado.
- Sua participação não implica nenhum custo financeiro, mas caso tenha alguma despesa em decorrência das entrevistas, esse valor será devidamente ressarcido.
- O estudo apresenta benefícios conforme (Res. 510/2016 CNS/MS). Dessa forma, este estudo contribuirá na disseminação do conhecimento, ampliação horizontes para uma educação pautada nas diferenças e que possibilite projetos sociais e acesso à cidadania, trazendo resultados parciais e finais caracterizados pela produção e difusão de conhecimento em nível do doutorado acadêmico.
- Há o risco de desconforto em decorrência das entrevistas serem gravadas e abordarem conteúdos íntimos. Caso isso ocorra, você receberá apoio psicológico oferecido por LUCIENE SANTOS FIGUEIREDO, psicóloga, inscrita no CRP 03/8917, e-mail: lucienepsicologa1@gmail.com.
- Este documento contém duas vias, sendo que uma ficará com você e a outra com a pesquisadora.

Em caso de dúvida ou outra necessidade de comunicação com a pesquisadora, poderá entrar em contato por meio do endereço eletrônico ou telefone:

Pollyanna Rezende-Campos – E-mail: pollyannarcampos@gmail.com. Telefone: (71) 987258475

Para esclarecimentos éticos, caso necessário, poderá manter contato com Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica do Salvador – CEP/UCSal Atendimento: Segunda à sexta: 8h às 12h e das 13 às 17h. Endereço: Av. Cardeal da Silva, nº. 205 – Federação – Salvador/BA – CEP: 40231-902 Tel: (71) 3203-8913 | E-mail: cep@ucsal.br. O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um colegiado interdisciplinar e independente - de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento de pesquisas atendendo a padrões éticos.

Eu, _____ aceito, voluntariamente, o convite de participar deste estudo, estando ciente de que estou livre para, a qualquer momento, desistir de colaborar com a pesquisa, sem que isso acarrete qualquer dano ou prejuízo.

Local e data:

Assinatura do/a participante:

Assinatura da pesquisadora:

APÊNDICE 3

DECLARAÇÃO ANTI-PLÁGIO

Eu, POLLYANNA REZENDE CAMPOS, matrícula 200012284 e estudante do curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador, declaro que o trabalho em versão digital apresentado é componente parcial da avaliação de (mestrado/doutorado), compondo-se de pesquisa original. Ademais, venho confirmar que todas as citações e as referências, bem como uso de dados primários e secundários (quando existentes) estão corretamente identificadas. Tal procedimento indica autoria e responsabilidades para os devidos fins e efeitos, podendo ser incluído como prova junto à UCSAL.

Declaro que o material é original, resultado da investigação realizada por mim e que a utilização de contribuições ou textos de autores alheios estão devidamente referenciados, obedecendo aos princípios e regras dos Direitos de Autor e Direitos Conexos.

Tenho consciência de que a utilização de elementos alheios não identificados constitui uma grave falta ética e disciplinar, sendo informadas no Regimento Interno da Pós-Graduação dessa instituição.

Salvador, 7 de fevereiro de 2023.

Pollyanna Rezende-Campos